



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - ICS**  
**DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA – DAN**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL - PPGAS**

**RUTE MORAIS SOUZA**

**“SÃO GONÇALO VAI EMBORA E O POVO FICA CHORANDO”**  
**PRÁTICAS, RITUAIS E ESPIRITUALIDADE ANACÉ NA RESERVA INDÍGENA**  
**TABA NO MUNICÍPIO DE CAUCAIA, CEARÁ - BRASIL**

**BRASÍLIA**

**2023**

**RUTE MORAIS SOUZA**

**“SÃO GONÇALO VAI EMBORA E O POVO FICA CHORANDO”  
PRÁTICAS, RITUAIS E ESPIRITUALIDADE ANACÉ NA RESERVA INDÍGENA  
TABA NO MUNICÍPIO DE CAUCAIA, CEARÁ - BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Antropologia Social – PPGAS da Universidade de  
Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de  
Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Stephen Grant Baines

**BRASÍLIA**

**2023**

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador Prof. Dr. Stephen Grant Baines

Universidade de Brasília – UnB

---

Coorientador Prof. Dr. Daniel Valério Martins

Universidade de Salamanca – USAL

---

Examinador Interno Profa. Dr. Marcela Stockler Coelho de Souza

Universidade de Brasília – UnB

---

Examinador Externo Prof. Dr. Felipe Sotto Maior Cruz

Universidade Federal da Bahia – UFBA



Aos meus pais, a Dança de São Gonçalo  
e a todo o Povo Anacé.



## Rituais dos Encantos

Na Taba dos Anacé  
lá podemos encontrar  
Mirindiba e pau dar'co  
Guabiraba e croatá (2x)

Somos de comemorar  
Cada manifestação  
Por meio da alegria  
Festejamos o São João

Tem dança de São Gonçalo  
Côco, reizado e toré  
Rituais dos encantados  
Para se fortalecer

Rei Turuna tá nas matas  
Reis Tupã e Tamaim  
São os nossos encantados  
Que protegem os curumins

A prática de vários ritos  
Forma a diversidade  
Com cantos, dança e encantos  
O grito de liberdade

Já virou tradicional  
O dia de São Gonçalo  
Em novembro se juntamos  
Para um grande Ritual

Tem vivência com artesão  
Comidas tradicionais  
Visitantes de vários cantos  
Se juntando nos quintais

Nas práticas dos Rituais  
Que entra de noite a dentro  
Formando grandes correntes  
De cada acontecimentos

Finalizando por aqui  
Digo para juventude  
Nunca deixem de sonhar  
Em busca de seu futuro

Vocês são maravilhosos  
Das lutas são oriundos  
Na fé e com humildade  
Pode conquistar o mundo

Júnior Anacé

## AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas foram importantes para o encerramento desse ciclo do meu mestrado e para a escrita desta dissertação, e eu não poderia agradecer suficientemente a cada uma delas por seu afeto, paciência, atenção e escuta.

Agradeço inicialmente aos meus pais, Ângela e Raimundo, que lutaram junto comigo para a obtenção desse título, e que nunca mediram seus esforços e apoio incondicional.

A minha irmã Angélica e meu afilhado Abner, meu muito obrigada por todo amor.

Agradeço a minha família que segue me apoiando nas minhas decisões e torceram por mim.

Ao povo Anacé da Reserva Indígena Taba dos Anacé, obrigada por acreditarem no meu trabalho e contribuírem na investigação, sigo lutando por todas as mulheres indígenas e ancestrais que por muito tempo foram silenciadas!

A Universidade de Brasília e aos professores, o meu muito obrigada e admiração, por todos os momentos compartilhados que me fizeram crescer enquanto indivíduo e antropóloga; meu orientador Stephen Baines e o coorientador Daniel Valério Martins, meu muito obrigada por toda orientação e cautela.

Obrigada aos meus amigos do DAN Flavia, Lindomar, Joana, Juliana Tupinambá que compararam as aulas, inquietações e força pra prosseguir na universidade, vocês permanecem e marcam a minha vida.

Ao meu querido amigo Benício Pitaguary (*in memoria*), obrigada por me fazer acreditar que seria capaz e está comigo pelos caminhos que percorro, você estará pra sempre vivo em meu coração; Hector Isaias, obrigada por me escutar e está sempre disposto a ajudar.

Na construção de todo o projeto e escrita eu tive apoio de muitas pessoas, obrigada a todas pelas palavras de carinho, acolhimento e paciência: Raquel Jenipapo Kanindé, Antônia Kanindé, Jadhy, Débora, Eduarda Gomes e Carlene Santana.

A minha mãezinha, Jurema Machado, obrigada por toda preocupação e amor, ao meu querido amigo Felipe Tuxá obrigada por sempre ter palavras de conforto e de risos.

Ao Rino Bonvine (MST), a minha gratidão por estarmos juntos em mais um processo da minha carreira acadêmica, que venha novos sonhos para compartilharmos juntos, te amo.

Aos amigues Flávia Rogerio, Giulia Barão, Camila, Franciana, Bélen, Alba, Stefanie e Pedro o meu muito obrigada pelo acolhimento e amor em Salamanca-ES, vocês fizeram meus dias mais felizes, sigo ansiosa pelo reencontro.

## RESUMO

O presente trabalho trata de uma pesquisa antropológica e engajada realizada junto ao povo Anacé na Reserva Indígena Taba dos Anacé no município de Caucaia, Ceará, Brasil. Buscando compreender os impactos causados após a mudança de território resultante da segunda remoção da Aldeia Matões e Bolso ocorrida no ano de 2018, motivada pelo Complexo Industrial e Portuário do Pecém-CIPP. O objetivo central da análise é descrever como está evoluindo o processo de construção e reconstrução através da identidade, memórias, e viver cultural narrada pelas famílias. Para tanto, o trabalho dará enfoque nas lutas e mobilizações destacando a Dança de São Gonçalo do Povo Anacé como um dos principais motivadores na adaptação no novo território e ressignificações simbólicas dos indígenas no novo espaço. A discussão abordada nos resultados da investigação transcorre ao longo dos cinco anos de mudança para o território e a relação espiritual que está sendo ressignificada através dos rituais ancestrais, tradições, danças e a relação espiritual Anacé com os encantados.

**Palavras-chave:** identidade étnica; remoção; espiritualidade; práticas e dança de São Gonçalo do povo Anacé.

## ABSTRACT

The present Masters dissertation deals with a politically engaged anthropological research carried out with the Anacé people in the Tabacaria dos Anacé Indigenous Reserve in the municipality of Caucaia, Ceará, Brazil. Seeking to understand the impacts caused after being forcibly removed from their Territory, a result of the second removal of the Village Matões e Bolso that took place in 2018, motivated by the Pecém Industrial and Port Complex - CIPP. The central objective of the analysis is to describe how the construction and reconstruction process is taking place through the identity, memories, and cultural life narrated by the families. To this end, the work will focus on the struggles and mobilizations, highlighting the Dance of São Gonçalo of the Anacé People as one of the main motivators in adapting to the new territory and symbolic resignifications of the Indigenous people in the new space. The discussion addressed in the research results takes place over the five years of being forcibly resettled in the territory and the spiritual relationship that is being re-signified through ancestral rituals, traditions, dances and Anacé's spiritual relationship with the enchanted ones.

**Keywords:** ethnic identity; forced removal; spirituality; practices and dance of São Gonçalo of the Anacé People.

**Title:** “São Gonçalo goes away and the people are left crying” practices, rituals and Anacé spirituality in the Tabacaria Indigenous Reserve in the Municipality of Caucaia, Ceará - Brazil

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES**

**CIPASAC** - Conselho Indígena do Povo Anacé de São Gonçalo do Amarante e Caucaia

**CIPP** - Complexo Industrial e Portuário do Pecém

**CSP** - Companhia Siderúrgica do Pecém

**FUNAI** - Fundação Nacional do Indígena

**GT** - Grupo de Trabalho

**MPF** - Ministério Público Federal

**PETROBRAS** - Petróleo Brasileiro

**PGR** - Procuradoria Geral da República

**UFRB** - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

**UnB** - Universidade de Brasília



## LISTA DE IMAGENS

Fotografia 1 – Assembleia dos impactos pelo o CIPP ano de 2008 .....	22
Fotografia 2 – Capela de São Rock, Aldeia Bolso .....	26
Fotografia 3 – Reserva Indígena Taba dos Anacé .....	33
Fotografia 4 – Casas na Reserva Indígena Taba dos Anacé .....	34
Fotografia 5 – Repasse do hino da dança de São Gonçalo do Povo Anacé .....	39
Fotografia 6 – Hino da dança de São Gonçalo do Povo Anacé .....	40
Fotografia 7 – Prêmio Cultura Indígena edição Chicão Xucuru no ano de 2008 .....	42
Fotografia 8 – Desenho feito pelo mestre Aristides realizado no trabalho de campo, ilustrando a dança do São Gonçalo do Povo Anacé .....	46
Fotografia 9 – Reunião da Dança de São Gonçalo na casa do Junior Anacé .....	50
Fotografia 10 – Maria de Lurdes no pagamento da sua promessa da Dança de São Gonçalo do Povo Anacé .....	53
Fotografia 11 – Primeira jornada da dança de São Gonçalo da promessa de Dona Maria de Lurdes .....	56
Fotografia 12 – Grupo da dança de São Gonçalo na Reserva indígena Taba dos Anacé .....	60
Fotografia 13 – Mostra dos Remédios feitos na Aldeia .....	68
Fotografia 14 – Dona Valda demonstrando seus remédios .....	70
Fotografia 15– Vivência do Povo Anacé em 07 de setembro de 2022.....	71
Fotografia 16 – Mesa com o tema Dança de São Gonçalo do Povo Anacé.....	72
Fotografia 17 – Roda de conversa com o Mestre Antônio Adelino.....	75

## LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1 – Integrantes do grupo da Dança de São Gonçalo do Povo Anacé.....	44
---	----

## LISTA DE FIGURA

Figura 1 –Árvore Genealógica de Dona Valdelice Anacé.....	58
---	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO 1- ANACETABA: ETNICIDADE E DESTERRITORIALIZAÇÃO</b> .....	17
1.1 Resistência e luta Anacé.....	17
1.2 “Na nossa mata ainda tem jurema preta e sabiá, só não tem pena de arara pra enfeitar nosso cocar”: remoção e lugares de encantos.....	23
1.3 Mudança de terra e seus impactos: transformação e adaptação na Reserva Indígena Taba dos Anacé.....	29
<b>CAPÍTULO 2 - DANÇA DE SÃO GONÇALO DO POVO ANACÉ</b> .....	36
2.1 Dança de São Gonçalo do Povo Anacé: Resgate e Tradição .....	36
2.2 “Vem de raízes”: o ritual e configuração da Dança de São Gonçalo do Povo Anacé ....	43
2.3 “Cordão” entre o santo, promessas, mestres e dançantes.....	49
2.4 “O sangue que corre nas veias de um corre nas veias de todos”: famílias e repasse da dança de São Gonçalo do Povo Anacé.....	57
<b>CAPÍTULO 3 - ANACÉ EM TUPI: PARENTE UNIDO</b> .....	61
3.1 Mudança e ressignificação: Reserva Indígena Taba dos Anacé.....	61
3.2 Terreiro sagrado: significados, medicina tradicional e práticas após a remoção Anacé.....	65
3.3 Relação espiritual com o remédio natural .....	67
3.4 Presente e futuro: identidade e vivências após a remoção para a Reserva Indígena Taba dos Anacé .....	70
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	76
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	79
<b>ANEXO A – ENTREVISTA COM ARISTIDES DO MILAGRE</b> .....	83
<b>ANEXO B – ENTREVISTA COM VALDECI FERNANDES, MEDICINA TRADICIONAL (2022)</b> .....	89

<b>ANEXO C – ENTREVISTA COM VALDELICE FERNANDES .....</b>	<b>91</b>
<b>ANEXO D - VIVÊNCIA DIA 07 DE SETEMBRO DE 2022, MASSA DANÇA DO COCO - ENTREVISTA COM EDVANIA ANDRADE .....</b>	<b>94</b>
<b>ANEXO E – ENTREVISTA COM JUNIOR MORAES .....</b>	<b>95</b>
<b>ANEXO F – ENTREVISTA COM LUCILANE PAULINO .....</b>	<b>96</b>
<b>ANEXO G – ENTREVISTA COM THIAGO HALLEY .....</b>	<b>97</b>
<b>ANEXO H – ENTREVISTA COM ANTONIO ADELINO .....</b>	<b>98</b>
<b>ANEXO I – ENTREVISTA COM ARISTIDES DO MILAGRE .....</b>	<b>100</b>
<b>ANEXO J – ENTREVISTA COM VALDELICE FERNANDES .....</b>	<b>102</b>
<b>ANEXO L – ENTREVISTA COM MARIA DE LURDES .....</b>	<b>102</b>
<b>ANEXO M – ENTREVISTA COM JUNIOR MORAES .....</b>	<b>104</b>
<b>ANEXO N – ENTREVISTA COM ANTÔNIO ADELINO .....</b>	<b>105</b>

## INTRODUÇÃO

*“Ô senhor dono da casa com licença quero pedir (bis), meia hora de relógio para nós se divertir mais ô vêvê aninhavan guretê” (Canto do Torém Tremembé).*

Durante todo o processo de pesquisa muitas memórias foram motivadoras para orientação e argumentação do trabalho. Me recordo que, aos sete anos de idade, em um momento de ritual na Aldeia Matões em que residia, eu e minha irmã precisava de um “traje indígena” para a participação daquele momento de espiritualidade e minha família não tinha condições de fazer um traje completo. Minha mãe, sempre muito criativa, fez um saiote de sacola de guardar farinha para que pudéssemos usar.

Minha infância foi marcada pela luta e resistência do povo Anacé. Acompanhava todas as mobilizações e momentos conflituosos junto de minha mãe. Nesse período, vivíamos em um momento delicado na Aldeia. Grandes indústrias estavam invadindo nosso território e as famílias nos esforços de se reafirmar ‘Anacé’ que no tronco linguístico Tupi significa ‘Povo Acolhedor’, minha avó materna, Maria Lucimar Sales de Moraes (encantada), por diversas vezes dizia – *“a gente é índio, mas não é bom falar não, minha mãe dizia que índio é bicho brabo não dá pra entender não”*.

O povo Anacé, por muitos anos, foi silenciado por conta de um longo processo de extermínio, desde os primeiros esforços de colonização. Hoje, agradeço a todos os meus antepassados que lutaram, quebrando esse silenciamento étnico para ‘ser Anacé’.

O ressurgimento das etnias conceitualmente conhecido como processo de etnogênese “remete à capacidade de criação e adaptação das entidades indígenas e à emergência de novas formações sociais” (BOCCARA, 2005, p. 45-46). O conceito descreve a transfiguração dos grupos étnicos especialmente nos contextos de identidade. Posteriormente ao processo de etnogênese, os povos indígenas instauraram a reestruturação cultural nas aldeias e, identidades étnicas que por muito tempo foram silenciadas, começaram a ser resgatadas. Como relata Gersem Baniwa (*apud* SANTOS, 2006),

Vem ocorrendo no Brasil um fenômeno conhecido como “etnogênese” ou “retnização”. Nele, povos indígenas que, por pressões políticas, econômicas e religiosas ou por terem sido despojados de suas terras e estigmatizados em função dos seus costumes tradicionais, foram forçados a esconder e a negar suas identidades tribais como estratégia de sobrevivência – assim amenizando as agruras do preconceito e da discriminação – estão reassumindo e recriando as suas tradições indígenas (GERSEM BANIWA *apud* LUCIANO 2006, p.28).

O processo de etnogênese teve como função o resgate e a reconstrução étnica Anacé, reassumindo assim as práticas tradicionais como força política. Os costumes transmitem a dimensão cultural, política e social neles contidos e possuem um papel significativo pois, é através dos rituais, que se pode partilhar os mesmos enfrentamentos e manter viva a história Anacé.

A quebra do silêncio para o povo Anacé teve como uns dos marcos a ‘Dança de São Gonçalo do Amarante’. O resgate da dança culminou na reafirmação ética e no resgate de relações simbólicas e espirituais com o Território Tradicional de Matões. O ritual da dança de São Gonçalo vem sendo realizado a mais de dezenove anos pelas famílias Anacé, identificado como sagrado, que carrega história e ciência indígena entre as almas dos mortos e o poder dos Santos que interagem no ritual. A ‘Dança de São Gonçalo do Amarante’ é considerada patrimônio para a identidade indígena. A dança foi trazida pelos portugueses e ensinada aos Indígenas Anacé, e esses incorporaram em suas tradições como parte de uma estratégia para que fosse possível continuar a realizar os rituais que eram proibidos. As referências católicas, no momento da dança, passaram a ser ressignificadas com a espiritualidade indígena.

Ao longo da luta pela Terra Anacé, que se inicia na década de noventa, as manifestações e cosmovisões de encantados se faziam presentes nas realizações da dança de São Gonçalo e no cotidiano das famílias. As relações espirituais Anacé, contribuíram para consolidar a luta pela permanência e resistência na comunidade, que se encontrava em um momento conflituoso de ameaças, negação e de invasões no território. A Dança de São Gonçalo se faz presente em outras comunidades tradicionais do Estado do Ceará, como na comunidade quilombola da Serra do Evaristo, localizada no município de Baturité. O Antropólogo Cauê Machado (2022) relata a importância da dança para a comunidade:

São Gonçalo é também rito que conecta e desconecta mundos: dos vivos, dos mortos, dos Santos e de Deus. Essas conexões trazem implicações no ritual, especialmente na seriedade e no medo que cada um desses mundos carrega consigo. São Gonçalo faz circular sonhos, pessoas (almas e corpos, na concepção nativa) e lugares. Essa circulação, enquanto uma rotativa da vida implica na possibilidade transformacional do mundo no ritual, tanto no acontecimento, quanto de forma duradoura (MACHADO, 2022, p. 3-4).

Minha justificativa inicial para a escolha das práticas e rituais do Povo Anacé, se apoia na oportunidade de acompanhar, passo a passo, o processo étnico Anacé, incluindo as mais diversas manifestações espirituais que pude presenciar ao longo da minha pesquisa de campo,



iniciada ainda na graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB. O trabalho de conclusão do curso teve como tema “Tabas, roças e lugares de encantos: construção e reconstrução Anacé em Matões Caucaia Ceara”, tendo a defesa ocorrido em 2019.

O percurso de pesquisa do mestrado foi emocionalmente intenso, considerando que diversas vozes e ancestrais guiaram o percurso de descolonização de metodologias na construção de uma “antropologia Indígena”. Como se discute no livro “Descolonizando metodologias: pesquisa e povos Indígenas” de Linda Thuhiwai Smith:

Descolonizar metodologias não trata mais da técnica real de seleção de um método, sino em uma maior extensão do contexto em que é conceitualizado e problemas de pesquisa de projeto, e implicações de pesquisa por seus participantes e suas comunidades (SMITH, 2016, p. 11).

Atualmente, compreendo que, ser ‘indígena Anacé na Universidade’, na condição de pesquisadora e objeto de pesquisa, enquanto ocupação de um espaço e como ferramenta de luta, implica utilizar de um mecanismo de pesquisa e metodologias que me colocam ainda mais próxima à luta do povo Anacé e do esforço de descolonização na produção epistemológica.

Discutir sobre a antropologia indígena supõe a vivência e prática antropológica. O antropólogo Florêncio Almeida Vaz Filho (2019) nos diz que estudantes indígenas de diferentes povos podem agora, e estão realizando, suas próprias leituras sobre etnografias e teorias antropológicas bem estabelecidas sobre os povos indígenas. Estar inseridos no campo epistemológico nos convida a refletir sobre as produções e interpretações a partir do lugar que ocupamos na prática antropológica.

O indígena antropólogo tem um olhar favorecido das especificidades do povo “um olhar sobre os nossos sendo parte dos nossos”. Desse modo, tenho a oportunidade de descrever minha trajetória enquanto pesquisadora que está ligada a narrativas coletivas, tenho a oportunidade de explorar academicamente os aspectos culturais e as violências enfrentadas pelo povo Anacé da Reserva Indígena Tabá dos Anacé. Faço parte da luta Anacé desde o ventre de minha mãe, nasci em meio ao processo de reconhecimento étnico do meu povo. A maior parte da minha infância

foi marcada por mobilizações, estudei parte do ensino básico na Escola Indígena Direito de Aprender do Povo Anacé, na Aldeia de Matões.

O território tradicional Anacé, ao longo do processo de construção das indústrias, passou por dois momentos de remoção. O primeiro ocorreu no ano de 1996 com a chegada do Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP), que culminou na retirada de casas e inúmeras famílias. A partir desse momento, muitas famílias tiveram que ser realocadas em assentamentos oferecidos pelo Governo do Estado do Ceará. Grande parte das famílias foi forçada a deixar seu pedaço de terra. Outra parte da população, permaneceu no território, já que, até aquele momento, não “impedia” os planos do progresso.

O outro momento dessa expulsão, iniciou-se por meio de um decreto publicado no Diário Oficial do estado do Ceará, de nº 28.883, no ano de 2007, declarando de utilidade pública uma área de 33.500 hectares de terras para ampliação do CIPP. Desse modo, as famílias Anacé que resistiram ao avanço industrial, são sujeitadas a sair de suas terras, visto que, alguns estudos realizados pelo Governo do Estado do Ceará no território, chegam à conclusão de que as famílias indígenas não poderiam mais permanecer em sua localidade.

Nesse sentido, torna-se pertinente analisar os impactos das desapropriações e a dimensão subjetiva do processo, tendo em vista que essa ação deixou marcas singulares na organização sociocultural. Os relatos e as trajetórias de indígenas da aldeia Reserva Taba dos Anacé, ajudam a compreender o processo sofrido pelo povo. Como coloca Bourdieu (2005),

O que espero, não é um discurso em forma, quer dizer, defensivo e fechado em si mesmo, um discurso que procure antes de mais (e é compreensível) esconjurar o medo da crítica, mas uma apresentação simples e modesta do trabalho realizado, das dificuldades encontradas, dos problemas, [...] (BOURDIEU, 2005, p.17-18).

Considerando também que o segundo processo de remoção é um transformador nas crenças e valores, portanto, temos que a base discursiva do presente trabalho se orienta a partir da espiritualidade, práticas rituais e do processo de adaptação na Reserva Indígena Taba dos Anacé.

O objetivo principal do presente trabalho é compreender como a remoção impactou nas diferentes manifestações, desejos, sentimentos, valores e identidade Anacé. Para isso,

enfatizarei o período de construção na Nova Terra, refletindo especificamente sobre o espaço construído para as famílias, além de salientar as problemáticas da realidade a qual todos foram submetidos.

A construção através da memória coletiva está sendo singular no processo de adaptação das famílias na Reserva Indígena Taba dos Anacé, envolvendo práticas que estão sendo ‘ressignificadas’ (SANTANA, 2022). O potencial de ação política da memória, e seu caráter subversivo, se manifestam quando, por exemplo, nossas lembranças reproduzem os significados do passado e, ao mesmo tempo, têm o poder de transformar as condições que tornam possíveis novos processos de significação no presente.

É percebida a sabedoria dos anciões, mestres e lideranças para a luta por manter viva a cultura, tradicionalidade e memória ancestral Anacé, sendo também os motivadores da etnicidade Anacé. Essas lideranças desencadearam a participação de mobilização, conforme a situação e o contexto ao qual fomos forçados a ser inseridos.

Desse modo, para este estudo, a metodologia utilizada inclui uma autobiografia e etnografia realizada junto com meu povo. Narrar sobre minhas vivências cumpre-se a construção coletiva do ‘ser Anacé’, visando a valorização cultural e luta pelos direitos deste povo, que se encontra em minha trajetória de vida. Desta maneira, para analisar o mesmo ambiente empírico em que estou firmada, cumpre-se o exercício de compreender as dificuldades espirituais após mudanças das famílias: a) a assimilação de conteúdo acadêmico; b) se está sendo leve o processo de mudança para os indígenas e encantados; d) quais as modificações culturais causadas. O método utilizado neste estudo foi o descritivo qualitativo utilizando entrevistas, o que possibilita descrever a realidade social dos indígenas Anacé.

Na realização da pesquisa, levantei trabalhos anteriores realizados sobre a remoção e construção da identidade Anacé. Utilizei trabalhos de antropólogos Indígenas que vêm contribuindo com as representações e lutas, quebrando estereótipos de um processo colonial, como os apontados por Felipe Cruz indígena Tuxá, segundo o qual,

Na maioria das vezes, remetem-se a imagens caricatas, resquícios de um regime de alteridade cunhado ainda no processo colonial. Trata-se do índio do descobrimento, o índio associado a categorias facilmente mobilizadas, contraponto necessário para a constituição da própria autorrepresentação da brasilidade (CRUZ, 2017, p.10).

Assim, acessei a memória e vivências dos nossos mestres na percepção de valores culturais e seus desdobramentos, ritos, danças, espiritualidade na identidade do povo Anacé<sup>1</sup>. É pertinente destacar que, para a construção desse trabalho foram utilizadas referências e produções realizadas por Indígenas, e obras da antropologia, produzidas ou não por indígenas. Desse modo o trabalho foi dividido em quatro capítulos, estruturados da seguinte forma:

**No primeiro capítulo**, descrevo de forma sistemática o processo de resistência e luta do povo Anacé, contando sua história, contra toda a ideia de invisibilização, além da busca pelo fortalecimento étnico e identitário e simbólico, apresentando elementos como lugares sagrados e encantados, além dos impactos causados pela remoção do povo Anacé de suas terras tradicionais e os processos de transformação e adaptação sofridos na nova terra. Com ênfase dada à cultura, à história contada pelas famílias Indígenas Anacé, política e enfrentamento do território tradicional com a implementação do Complexo Industrial e Portuário do Pecém - CIPP e sua ampliação na localidade.

**No segundo capítulo**, descrevo a importância da Dança de São Gonçalo para o povo Anacé e a espiritualidade que a envolve. Enfatizo que a dança é um marco na etnicidade do povo Anacé, com especial atenção ao repasse das práticas e relações espirituais entre a dança, história e identidade após a remoção para a Reserva indígena Taba dos Anacé para as gerações presente e futuras residentes na comunidade. São descritas as músicas e cantos produzidos pelos mestres e lideranças Anacé, as relações de parentesco entre os dançantes da dança de São Gonçalo do Amarante do povo Anacé e como se configuram na Reserva Indígena Taba dos Anacé. São também descritos os cantos e músicas produzidas pelos mestres e indígenas Anacé.

**No terceiro capítulo**, descrevo o ‘Ritual do Toré’ e ‘A Dança do Coco’ do povo Anacé, explorando como se configura a relação espiritual com os encantados após a mudança para a Reserva Taba dos Anacé e as ressignificações simbólicas das famílias no novo espaço sagrado. Também são descritos o “resgate” da ‘Dança do Coco’ e o lugar da memória nesse processo. São apresentadas as questões de espiritualidade após a mudança, sendo descritas as relações simbólicas com o ‘Território Tradicional Anacé’ e lugar da memória, no processo de adaptação.

---

<sup>1</sup> Queremos esclarecer que as falas dos entrevistados destacaremos em itálico para diferenciar do que seja citação e para melhor visibilidade. Bem como poderão conter marcas da oralidade.

Todos os fatores apresentados refletem em uma produção direcionada para o campo acadêmico e para o Povo Anacé. As análises apresentadas são frutos das minhas práticas vivenciadas no Território Tradicional Matões e Aldeia Reserva Indígena Taba dos Anacé. Se espera que esse trabalho venha contribuir com a Universidade de Brasília e gerações futuras sobre a construção da luta e resistência dos povos Indígenas.



## Capítulo 1- ANACETABA: ETNICIDADE E DESTERRITORIALIZAÇÃO

### 1.1 Resistência e luta Anacé

*“Teve um tempo que nós para viver precisamos nos calar, e, hoje, nós para viver precisamos falar” (Pajé Luiz Caboclo).*

A história dos povos indígenas do Nordeste é marcada por um intenso processo de lutas e resistências. No Ceará, os povos Indígenas lutam contra invasões que tentam nos expulsar de nossos territórios. Após décadas utilizando-se do silenciamento étnico como forma de resguardarem-se de perseguições, racismo e preconceitos diversos, os povos indígenas decidiram dá início às mobilizações, em meados da década de 1980, como descrito no livro organizado por Isabelle Silva, “Povos Indígenas no Ceará: organização, memória e luta”. Segundo a pesquisadora:

A partir da década de 1980, com a mobilização dos Tapeba e Tremembé, inicialmente, e dos Pitaguary e Jenipapo-Kanindé, posteriormente, assistimos a um crescente levantar da etnicidade no estado. A capitania do Siará-Grande abrigou mais de 20 etnias, sendo considerada por muitos como um refúgio para onde migraram diversos povos, que vieram das capitanias vizinhas de Rio-Grande, Paraíba, Pernambuco, e ocuparam boa parte desta terra, que já era habitada por outros povos. Rodeado de limites naturais precisos (serras e chapadas), o Siará-Grande só começou a ser invadido pelos europeus efetivamente no início do século XVII, porém grandes conflitos pela posse da terra se deram a partir da expulsão dos holandeses (1654), com a disputa pela posse das ribeiras do Jaguaribe, Acaraú e seus afluentes. Esta série de conflitos, dentre outros ocorridos no litoral do atual nordeste, ficou conhecido como Guerra dos Bárbaros, e durou até a segunda década do século XVIII (SILVA, 2007, p. 7).

Com todos os processos de negação e genocídio dos povos Indígenas, o povo Anacé resistiu no município de Caucaia e município de São Gonçalo do Amarante (Anacetaba, antigo nome da etnia), região metropolitana de Fortaleza, estado do Ceará, Nordeste do Brasil. As famílias sobreviviam de forma simples e humilde, cultivando práticas e valores tradicionais.

O processo de invasão na Terra Anacé ocorreu com a primeira desapropriação pelo Decreto nº 24.032/96 no dia 6 de março do ano 1996. Posteriormente, diversos retrocessos culturais, simbólicos e físicos são promovidos pelo desenvolvimento industrial capitalista no Território Tradicional. Esse momento é marcado por diversas mortes de famílias removidas. A partir desse ponto, questões espirituais e práticas começam a sofrer alterações em meio aos destroços.

O início da mobilização Anacé se deu a partir nos anos 1990 com a implementação do Complexo Industrial e Portuário do Pecém - CIPP e sua ampliação nas Aldeias Matões e Bolso. Os mais velhos sempre diziam que as famílias residentes naquele lugar possuíam linhagem indígena. As diversas tentativas de negação da existência cultural, história e identidade Anacé naquela região se tornaram presentes em todos os processos de ações com que tem o capitalismo como força propulsora na localidade. O antropólogo Carlos Guilherme Valle (2005), descreve como a etnicidade pode ser alterada de acordo com as condições sociais às quais esses sujeitos estão expostos:

Esse campo semântico não se estrutura por si só, pois requer operações sintéticas de apreensão dos fatos e questões de perfil étnico por parte dos mais diversos atores sociais. Nesse sentido, o campo semântico está “aberto” a produzir interpretações étnicas díspares e até mesmo antagônicas, tomando em consideração os atores e grupos sociais que as fazem, afinal eles o aproveitam de maneira diferencial, conforme as posições sociais que ocupam e as ideologias que investem (VALLE, 2005, p. 4).

Como forma de resistência e estratégia de permanência na comunidade, o povo Anacé passa pelo processo de reafirmação étnica da identidade Indígena tomando consciência de nossa história, rompendo o silêncio e enfrentando dos responsáveis pelas invasões no território. Desse modo, o processo de etnicidade Anacé parte da necessidade de permanecer e resistir no território tradicional Anacé, a partir dos anos 2000.

Reafirmando também a presença de indígenas no Ceará, pois já tinham se “misturado”. Como indicado por Pacheco de Oliveira (2016) a expressão “índios misturados” – frequentemente encontrada nos relatórios de presidentes de província e em outros documentos oficiais – merece uma outra ordem de atenção, pois permite explicitar valores, estratégias de ação e expectativas dos múltiplos atores presentes nessa situação interétnica.

Na comunidade de Matões, a luta pela identidade foi um dos maiores desafios para as famílias, pois a convivência na localidade era tranquila e posterior ao levantamento da identidade Indígena que foram discriminados e negados pois, éramos vistos com o atraso do “desenvolvimento” na localidade. Tenho uma memória bem forte desse momento conflituoso, pois, estudava em uma escola não indígena e frequentava as aulas com pinturas corporal de jenipapo, professores e alunos riam e criticavam minha presença.

Diante de toda insegurança e forte ameaça de uma segunda desapropriação, as famílias Anacé buscaram estratégias para permanência, como relato no meu trabalho de conclusão de graduação com o título *Tabas, roças e lugares de encanto: construção e reconstrução Anacé em Matões Caucaia Ceará*:

Diante de toda organização, conduziu no posicionamento do Ministério Público Federal e FUNAI, para o reconhecimento jurídico do povo Anacé. Em 28 de julho de 2003, iniciamos o processo gerado e entregue, solicitando a demarcação de nosso território, na 6ª Câmara de Coordenação Revisão do MPF e Procuradoria Geral da República- PGR, de nº 0.15.000.001257/2003-15. Dando a possibilidade de permanência na comunidade de Matões, terras requeridas pelo CIPP para ampliação (SOUZA, 2019, p. 38).

Foi um período em que a luta pela terra e identidade foram se intensificando, andando paralelamente com processos jurídicos para o reconhecimento daquele lugar como território Indígena daí em diante inicia o processo de estudo da Terra Indígena (TI). Com o entendimento de todas as dores causadas com a primeira remoção, dialogamos com o restante do movimento Indígena do Estado do Ceará unificando as lutas e pedimos apoio às etnias.

A força da nossa luta vem da identidade e de nossos antepassados que morriam por nossa terra, e são repassados de geração em geração no cotidiano e práticas que envolvem cultura e vivências entre as famílias. A antropóloga Jurema Machado (2019) pesquisadora do povo Pataxó Hãhãhã, compreende identidade como práticas que são realizadas cotidianamente e mantêm a organização do povo:

Eu entendi com elas que foi o fumo e o cachimbo que as ajudou, e aos demais, a manter a ligação com a terra e, conseqüentemente, a identidade, quando se está esparramado. Identidade em um sentido mais amplo, incorporando principalmente a memória das relações estabelecidas nas terras que haviam ficado para trás. Talvez eu devesse ter aludido a isso, anteriormente, quando tratei da jurema, mas é que a jurema não se pode levar para todo lugar, ou melhor, não se encontra em todo lugar. Quando chamei atenção para os pequenos rituais domésticos, eu estava referindo a esses momentos que remetem ao passado e projetam o futuro. O passado remetido às aldeias de origem, por exemplo, e o futuro à expectativa de uma nova terra, na primeira dispersão. Depois, quando novamente afastados da reserva, na segunda dispersão, mais rituais são acionados para fortalecer os vínculos, para encontrar os parentes. O compartilhamento das trajetórias entre as várias gerações, bem como a construção das narrativas ocorrem nesses momentos, à beira do fogo ou no terreiro, à noite, quando se reúnem para fumar, tomar um café (SOUZA, 2019, p.122).

Assim como nos Pataxó Hãhãhã, a prática com o fumo, ‘mascar fumo’ como chamamos, ainda é comum e realizada pelas famílias Anacé e faz parte da identidade, assim como as rodas de conversas e os terços realizados pelas rezadeiras como a Dona Bela e Maria Milagre (*In memoria*), que fortalecem a identidade história que permanece na memória de muitos. Ressalto ainda a semelhança e a importância da identidade nas relações simbólicas que formam a TI e organização de cada povo. O autor Fredrik Barth (1998) define a etnicidade, como uma forma de organização social baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores.

Desse modo, fiquei refletindo e questionando sobre as mais diversas interpretações para o conceito de identidade, que parte das realidades e especificidade de cada povo. Para as famílias Anacé uma das bases da identidade é a relação com a natureza, Mãe Terra e nossas ciências tradicionais como diz o Pajé Luiz Caboco Tremembé “*somos doutores das matas*” carregamos desde o nosso nascimento até o dia em que somos plantados novamente. Guillaume Boccara no texto *Mundos nuevos en las fronteras del Nuevo Mundo* (2001) faz uma análise sobre as formas de estrutura de etnicidades:

De acuerdo con Amselle, sostendría que es conveniente considerar la cultura como un «recipiente», es decir, «como un conjunto de prácticas internas y externas de un espacio social dado que los actores sociales movilizan en función de tal o cual coyuntura política»(1990: 12) Se desprende de esto la necesidad para los antropólogos de estudiar las entidades culturales en su contexto y de prestar una muy especial atención a lo que podríamos llamar «el comercio de identidades», las gestiones flexibles e «interdigitadas» de las identidades y los mestizajes de diversa naturaleza. En resumen, la etnia no sale de sí misma (BOCCARA, 2001, p. 10).

O território é a maior sustentação da identidade, espiritualidade e cultura indígena, as plantações de mandioca e a realização das farinhadas que duravam cerca de uma semana era um dos maiores rituais feitos em Matões, lembro dos diversos dias que raspávamos mandioca e se reunia toda a família que passamos nas casas de farinhas dos meus dois avôs paterno e materno, Francisco Chagas e Luís Paulino, à noite sempre tinha partilha de farinha e conversas com muitas risadas.

Durante a realização de reuniões e Assembleias esses lugares eram usados como apoio às famílias Anacé. No dia 16 de fevereiro de 2007 realizou-se a Assembleia Estadual dos Povos Indígenas do Ceará na casa de farinha da Baixa das Carnaúbas na Aldeia Matões, com

representantes de todos os povos Indígenas do CE, foi solicitando o cadastramento das famílias Anacé junto a Fundação Nacional de Saúde – FUNASA.

Nesse período a organização Anacé era referida como Comissão da Terra, como referem-se os pesquisadores Aguiar; Neto; Santana; Sousa (2010), a Comissão da Terra encontra-se como movimento de vanguarda diante das problemáticas do povo Anacé, travando conflitos entre o que a comunidade almeja (demarcação de suas terras e reconhecimento de seus valores tradicionais) e o processo de desenvolvimento que é previsto para essa região, como descreve dona Valdelice Anacé:

*Hoje nós estamos felizes estamos de baixo dessa sombra nessas cadeirinhas, nós sentava no chão, nós sentava no pau botava assim em cima do strip e se sentava pra nós fazer a nossa reunião, quantas vezes nos colocamos lamparina de baixo do cajueiro um pé de goiaba e nos era tudo felizes, fazendo a base de uma luta que é a luta do Povo Anacé história do Povo Anacé, alguém dizia assim é o bando de abestado não sabe de nada. Mas nós vamos buscar, pessoas de dentro da minha casa dizia assim mulher se sai disso é perigoso as pessoa vai é te matar, eu digo mata mas eu continuo a minha história vai ficar, vocês não confia em mim mas vai ficar quantas pessoas dizem assim eu vou dar fim na mãe no filho e na cunhada, isso era eu os lutador do início no pontapé da nossa história dentro de Matões, as pessoas que dizia assim aí ela vai passar mas nós não encontra um pra da fim nessa mulher, com essa história negócio de Índio que aqui não tem. E eu ali pisando firme e forte ainda hoje estou aqui pessoas que dizia vamos dá fim neles acaba com isso aí (VALDELICE ANACÉ, 2022).*

Com todas as solicitações de demarcação do território Anacé, reuniões, audiências e assembleias eram realizadas na localidade como forma de fortalecimento e estratégia também de permanecer e autodemarcação das famílias Anacé das Aldeias Matões e Bolso como TI como cita a liderança Junior “a gente sabia que era índio e que a gente era índio”.

Fotografia 1 - Assembleia dos impactos pelo o CIPP ano de 2008



Fonte: Arquivo Anacé

Todos os encontros e reuniões resultaram em Grupos de Trabalho (GT), com a deliberação da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e Ministério Público Federal (MPF) acompanhando as pesquisas realizadas com o povo Anacé. Os estudos reafirmaram a existência e resistência do povo Anacé naquela região. Como relata os pesquisadores Meireles; Brisaac e Schettino (2012),

Fundamental para o argumento deste parecer é compreender que a narrativa recorrente do massacre da Lagoa do Banana na cidade de Caucaia-CE se constitui uma relevante afirmação de uma identidade e origem comum. Tal identidade caracteriza-se pelo reconhecimento de uma ascendência que sofreu de modo agudo a violência do processo de conquista e submissão dos povos autóctones por partes dos colonizadores e do Estado Nacional (MEIRELES; BRISAAC; SCHETTINO, 2012, p.126).

Muitos Indígenas negavam sua identidade indígena Anacé por medo de morrer, isso ocorreu até a invasão das indústrias na TI. Uma das minhas maiores inquietações enquanto antropóloga é compreender as violações ocorridas contra o meu povo, no ano de 2009 a solicitação do MPF para a realização de GT foi atendido e mobilizado pela FUNAI onde pesquisas e estudos antropológicos anularam a homologação, contestavam que a o povo é indígena Anacé, mas que a terra já estava degradada. Foi um momento de muita incerteza para o povo Anacé, estávamos diante de uma próxima remoção, é notório que mais uma vez a

etnicidade do povo Anacé foi silenciada pela em nome do “desenvolvimento”. Como descrevo em minha monografia (2019):

No ano de 2009 a recomendação do MPF é atendida, para a realização de estudo preliminar correspondente a primeira etapa para a regularização fundiária Anacé. Com o parecer positivo desse GT, a FUNAI prossegue a realização de outro estudo, desta vez antropológico, que foi realizado em três momentos durante o ano de 2010. O laudo final não reconheceu o território de Matões como terra tradicional, apenas reconheceu que ali viviam famílias indígenas. Com a apresentação da segunda remoção, com a proposta de ampliação do CIPP, que desta vez a aldeia Matões seria impactada e removida por completo. Diante de todo esse cenário, começamos a travar uma batalha contra o governo do Estado do Ceará, entendendo que nossos direitos estavam sendo violados mais uma vez. Diante de todas as violações de direito que passamos, estando inserida nessa parte desses processos, quando criança acompanhei algumas visitas do GT às famílias na Aldeia, não negamos todo o sofrimento e modificações sofridas por conta do CIPP, levando isso a esse não “reconhecimento” da terra tradicional, que nos negou a demarcação de terra (SOUZA, 2019, p. 47).

Desse modo, se trava uma nova luta e mais uma vez a dignidade das famílias sofre impactos negativos no modo de vida, nas tradições, cultura e práticas Anacé. Vale ressaltar as diversas transformações físicas e simbólicas ocorridas ao longo da implementação das indústrias na localidade, a terra é vista como um objeto político de disputa entre os grandes empresários no decorrer da ampliação do CIPP a negação da identidade e direitos constitucionais ficaram visíveis.

O artigo 231 da Constituição Federal do Brasil conduz a permanência futura dos Povos Indígenas, com garantia à terra, proteção da natureza e a sobrevivência básica das comunidades, visando o bem-estar físico e cultural, de acordo com as tradições. No entanto a TI Anacé não se configurava mais como terra tradicional nos termos da Constituição Federal, pois foi anulada a demarcação do território dando a possibilidade de ocupação e invasões das empresas que compõe o CIPP na Terra Anacé.

## **1.2 “Na nossa mata ainda tem jurema preta e sabiá, só não tem pena de arara pra enfeitar nosso cocar”: remoção e lugares de encantos**

“As matas virgens estavam escuras quando o luar clareou” (Canto Pitaguary)

Nesse tópico relatarei o processo da segunda remoção do povo Anacé das Aldeias Matões e Bolso de modo que compreenda a importância do Território Tradicional e seus significados para nós Anacé. Assim, apresentarei os símbolos e moradia da cultura Indígena Anacé, enfatizando a desterritorialização e re-etnificação das famílias Anacé na Reserva Indígena Taba dos Anacé.

A ampliação do CIPP ocorreu no ano de 2007 por meio do decreto nº 28.883 do Governador do Estado, indicava a desapropriação de área de 33.500 hectares. Posterior ao decreto as lideranças Anacé contestaram o decreto, solicitando o acompanhamento do MPF. Como mostra Brissac (2015), a Autuação do Procedimento Administrativo nº 1.15.000.001301/2008-38, distribuído ao procurador regional da República, Francisco Macêdo é: “Denúncia sobre possível desapropriação das terras da Comunidade Indígena Anacé de São Gonçalo do Amarante e Caucaia”.

As Aldeias de Matões e Bolso seguiram com as mobilizações pela terra “*a luta pela a terra é a Mãe de todas as lutas*”, a aflição de deixar nossa terra tradicional, nossas casas e lugares de encantos nos causou uma grande tristeza, as manifestações dos encantados começaram a acontecer como forma de negação a todas as modificações que estavam ocorrendo na comunidade e nos locais sagrados para o povo Anacé.

Vivíamos de forma simples e coletiva com nossa cultura e história que foram repassadas por nossos idosos e antepassados que resistiram a tentativas de desaparecimento (BRISSAC; NÓBREGA, 2010, p. 2-3). Tal movimento de resistência diante das desapropriações possibilitou que, no processo de luta, muitas famílias comessem a recontar algumas histórias. Histórias que os pais e avós lhes haviam contado, mas que, pelo medo, foram sendo enterradas no silêncio. Histórias de encantados, danças, rituais, curas, massacres, resistências.

*E o Matões era o lugar de se dormir de porta aberta. De viajar qualquer hora da noite. Todo mundo era irmão, todo mundo tinha obediência um ao outro, tinha amor. Hoje em dia é difícil uma pessoa, quando quer ter amor, não tem condições porque não sabe a quem dar amor (ANTONIO ALDELINO, 2022)*

Matões até a chegada das indústrias era um lugar tranquilo, onde todos os moradores se conheciam, realizavam seus ritos, festas e forró com harmonia, no entanto com o “desenvolvimento” do local já não tínhamos tanta tranquilidade. Geograficamente as Aldeias eram divididas por famílias, como clãs<sup>2</sup> possuindo suas especificidade e práticas, como se escuta até hoje “*todo mundo é parente*”. As roças e leiras (plantações) eram compartilhadas entre as famílias, tinha de tudo sendo também a fonte de renda.

---

<sup>2</sup> Grupo de pessoas unidas por parentesco e linhagem e que é definido pela descendência de um ancestral comum.



A relação com o território e a espiritualidade continuaram a remeter a novos aspectos e dilemas, durante esse momento conflituoso realizamos caminhadas e rituais nos locais onde se encontrava as correntes dos encantados para nos fortalecer frente à luta. Lembro-me que, em um desses rituais, realizamos uma visita ao Morro do Siririca, passamos a noite toda junto à árvore da Jurema, cantamos e levamos comidas para compartilhar, sentíamos a força e a espiritualidade nesses locais entre outros que foram removidos.

Assim, constatamos que a relação dos Anacé com seus ancestrais é entretecida com a relação com o território, que é permeado pelo o sagrado. O senhor Antônio Freire de Andrade, Anacé de Matões, afirma, em entrevista ao jornal Porantim, que os índios Anacé que morreram na luta se encantaram e assim “surgiu a corrente dos encantados que veio do Gregório ao Morro do Siririca. Passa por cima do Jirau, Baixa das Carnaúbas, Baixa da Almeida e aí ‘brenha’ na mata. Quem tiver força e poder de receber, é só passar por baixo. Eles dão a força, ajuda”. Esta narrativa expressa de modo vigoroso a forma como os Anacé hoje ressignificam o seu território e seus antepassados (MEIRELES; BRISSAC; SCHETTINO, 2012, p. 131-132).

Dos lugares apresentados acima, alguns foram se desfazendo fisicamente na primeira remoção, como a Baixa das Almeida, Jirau e Gregório – lugar onde minha família residiu. Matões e Bolso permaneceram com os rituais sagrados respeitando a ancestralidade repassada, o território tradicional é a nossa sustentação identitária. A afirmação étnica Anacé nos possibilitou manter a organização e o fortalecimento em relações afetivas e sentimentais no espaço físico e espiritual.

O sincretismo dos ‘rituais’ Anacé são consequências das catequizações e tentativas de apagamento, “a influência do cristianismo que acabou misturando-se a sua religião tribal originária, resultando assim, em uma nova cultura religiosa” (DORNELLES, 2016, p.03). A confluência das cosmovisões indígenas Anacé e a imposição da fé católica como estratégia de não deixar morrer a etnicidade. A Dança de São Gonçalo e dança do coco foram danças trazidas e imposta pelos colonizadores, manifestando a existência do sincretismo *religioso*<sup>3</sup>, como cita Ederson Nadir (2016):

A catequização dos indígenas realizada pelos padres jesuítas da Companhia de Jesus acabou introjetando o cristianismo por meio de um processo de culpabilização, juntamente com estigmas das tradições indígenas. A apresentação dos sacramentos para os Índios por parte dos padres se fez não de forma livre e democrática, mas sim, de forma impositiva, com o objetivo de modificar suas crenças e costumes. A

<sup>3</sup> O sincretismo religioso é a mistura entre elementos de duas ou mais religiões, influenciar diretamente em suas crenças religiosas.

proibição por parte dos padres de usos e costumes ancestrais indígenas, a implementação da disciplina de horários, ofícios divinos e serviços, a tentativa de vestir os Índios com algodão ou com o que fosse para que os seus corpos nus não fossem vistos, dentre outros costumes da Igreja acabaram modificando uma cultura indígena primária, e a transformando em uma cultura marcada por crenças e costumes europeus (AGNOLIN, 2007, p.17 *apud* DORNELLES, 2016, p. 7-8).

Diante da construção e implantação do catolicismo no Território Anacé, algumas igrejas, capelas são espaços considerados sagrados. Em uma das ações da ampliação do CIPP no ano de 2009, ocorreu a demolição da capela de São Roque que ficava bem próxima a fábrica Tortuga<sup>4</sup>, foi realizada uma manifestação no período da tarde contra a ação desse lugar sagrado para as famílias. Eu tinha uns 8 anos e lembro da minha inquietação para acompanhar esse momento, fui caminhando com outros indígenas da comunidade da escola Direito de Aprender do povo Anacé na Aldeia Matões até a Aldeia Bolso. Realizamos um ritual do toré, forma de manifestação, as lideranças falavam sobre a importância desse espaço para a espiritualidade do povo Anacé, foi uma cena bem forte presenciar essa demolição, pois não foi notificada à comunidade.

Fotografia 2 - Capela de São Roque, Aldeia Bolso



Fonte: Arquivo do Povo Anacé.

A demolição da capela foi barrada por alguns dias, mas infelizmente dias depois restavam poucas coisas físicas no local, pode-se dizer que a segunda remoção se iniciou por um

---

<sup>4</sup> Empresa Associada ao Complexo Industrial e Portuário do Pécem-CIPP

dos lugares sagrados para o povo Anacé para a utilização do espaço para as indústrias. Era também uma casa de milagres onde as famílias deixavam pedaços de madeira moldados conforme a parte do corpo que foi curada de alguma doença, deixado objetos representando aquilo que foi alcançado.

Muitos momentos foram atravessados com muitas lágrimas e tristeza, os mais velhos diziam que só iam sair dessa terra depois de mortos, que não aguentariam mais uma remoção. Muitas máquinas e carros começaram a trafegar dentro da Aldeia, muitos trabalhadores de outros estados do Brasil passaram a morar na localidade. O Território Tradicional Anacé estava tornando-se um local inseguro para as famílias.

O antropólogo Alfredo Wagner Berno de Almeida (2008) na obra: Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas, apresenta a diversidade e modos de existência coletiva de diferentes povos Indígenas, comunidades tradicionais e suas relações com os recursos da natureza. No caso Anacé fica explícito a negação e descumprimento das “constituições estaduais, legislações municipais e convênios internacionais”, como apresentado:

As dificuldades de efetivação destes dispositivos legais indicam, entretanto, que há tensões relativas ao seu reconhecimento jurídico-formal, sobretudo porque rompem com a invisibilidade social, que historicamente caracterizou estas formas de apropriação dos recursos baseadas principalmente no uso comum e em fatores culturais intrínsecos, e impelem a transformações na estrutura agrária (ALMEIDA, 2008, p. 25).

Em termos de análise, pode-se entender que as estratégias nos processos jurídicos Anacé foram direcionados ao “controle” do capitalismo das terras tradicionalmente ocupadas. No entanto fica explícito as diversas formas de existência e resistência do povo Anacé naquela área e que a Terra não é um objeto de compra e venda e infielmente violada juradamente tornando o território um espaço privatizado.

O Território Anacé vem sendo tradicionalmente ocupado por muitas gerações, e para as famílias é sagrado, envolve a ancestralidade, contendo toda uma relação espiritual com a natureza. A Terra está ligada à nossa identidade, tradições, memórias e com todos os desfechos causados pelo “desenvolvimento” a qual fomos submetidos, tivemos que se adequar a novas situações.

A noção de pertencimento a um lugar agrupa tanto os povos indígenas de uma área imemorial quanto os grupos que surgiram historicamente numa área através de processos de etnogênese e, portanto, contam que esse lugar representa seu verdadeiro e único homeland. Ser de um lugar não requer uma relação necessária com etnicidade ou com raça, que tendem a ser avaliadas em termos de pureza, mas sim uma relação com um espaço físico determinado. Todavia, a categoria de identidade pode se ampliar, à medida que a identidade de um grupo passa, entre outras coisas, pela relação com os territórios construídos com base nas suas respectivas cosmografias (ALMEIDA, 2004, p.10).

A territorialidade atua como identificação, proteção e força, e a relação coletiva com o território Anacé não envolve somente as questões física, mas as relações simbólicas e afetivas considerada comum. A terra de Anacetaba é um lugar de encantos e tradições Anacé, que nos alimenta e nos nutre, no entanto foi desencadeando processos violentos sobre a territorialidade.

Em meus momentos de reflexão sobre os processos de violação contra o povo Anacé me questiono até que ponto são respeitados o território, cultura e a vida dos indígenas. Existe um grande atrito de quem pode demarcar os territórios como tradicional, por muito tempo fomos silenciados e passaram por cima de nós destruindo, é um processo de colonização que vai se moldando e se organizando com o passar do tempo.

O antropólogo Felipe Tuxá Cruz (2017, p. 47) descreve como está estruturado essa violência contra o conhecimento e saber indígena. Se o conhecimento é também poder, os bens intelectuais, que são parte constituinte da expansão imperialista, estiveram sempre à disposição das elites, ou seja, dos brancos, de modo que a produção historiográfica oficial foi também, historicamente uma das principais fontes de obscurecimento da história indígena. Lutamos contra a colonialidade dessas estruturas, para que outros indígenas também tenham voz e vez de proferir o que é tradicionalidade indígena em função do respeito e cuidado desses territórios.

Poder contar e repassar nossa história Anacé, da luta e resistência é não deixar morrer a luta que por muito tempo vem sem travada socialmente como cita os autores Brissac e Nóbrega (2010). Tal movimento de resistência diante das desapropriações possibilitou que, no processo de luta, muitas famílias começassem a recontar algumas histórias. Histórias que os pais e avós lhes haviam contado, mas que, pelo medo, foram sendo enterradas no silêncio. Histórias de encantados, danças, rituais, curas, massacres, resistências.

### **1.3 Mudança de terra e seus impactos: transformação e adaptação na Reserva Indígena Taba dos Anacé**

Quem tinha suas coisas boas lá e mudou para vim para cá foi pelo amor que tem ao movimento, pelo amor que tem um ao outro (Nilma Anacé, 2018)

Nesse tópico se inicia um outro episódio de remoção em nossas vidas, será apresentado o processo de mudança das famílias Anacé da Aldeia Matões e Bolso. Estabeleceremos nesse discussões a partir da pesquisa de campo iniciada anteriormente a desterritorialização, e a visão sobre o passado, o presente e o futuro da realidade sociocultural dos Indígenas Anacé. Tendo como análise: memória e “reterritorialização” e construção.

Assim as famílias iniciaram a organização para a mudança para a nova Terra, asseguramos assim que um cemitério, o “Cambeba” espaço sagrado, seria preservado de demolição. Deu-se início as negociações da escolha de um terreno juntamente com as lideranças Anacé, para acomodar 163 famílias. Diante de todos os processos jurídicos com a atuação do MPF e da FUNAI, foi deliberado no ano de 2013, um encontro em Fortaleza (capital do CE) para assinatura do termo de compromisso referente a construção da Reserva Indígena Taba dos Anacé, com a presença de lideranças Anacé, Presidente Dilma Rousseff, Governador Cid Gomes e representantes da Petrobrás, MPF e FUNAI. Brissac (2015) apresenta que, na solenidade da assinatura de termo, há uma referência ao longo caminho de negociação até concretização do acordo: a decisão de instalar a refinaria Premium II.

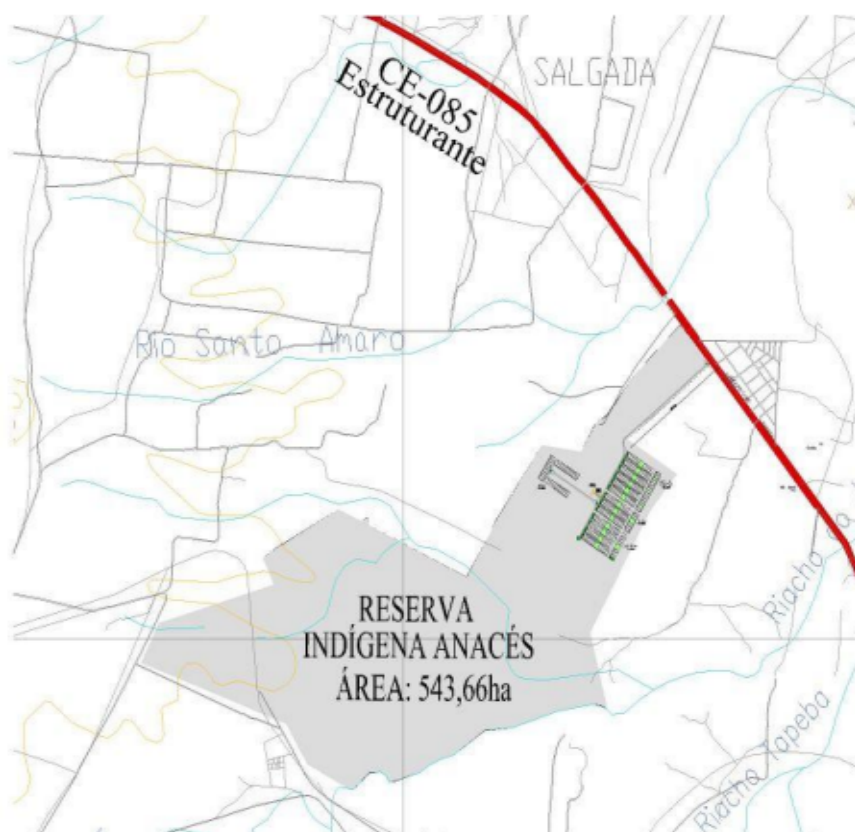
No ano de 2014, se inicia a construção da Reserva Indígena Taba dos Anacé, momento marcado por angústia, expectativas e medo referente à adaptação na nova área, as relações simbólicas com o território tradicional jamais serão apagadas pelas famílias muitas inquietações surgiram, Souza (2019): Afinal, como saber se não se tem vivência com o novo ambiente de morada? A terra tradicional continua sendo, pelo menos por agora, aquela que vivemos a vida toda, pois para se adaptar ao novo lugar levará tempo até que se possa “replantar” e “refazer” as referências que acionam costumes e tradições.

As transformações na localidade seguiram, muitas matas derrubadas, lagoas aterradas para a construção dos grandes empreendimentos, os locais onde meus avós materno e paterno viveram a maior parte de suas vidas, começaram a ser imprensados pela linha férrea, as

plantações começaram a reduzir, e as caças passaram a ser proibidas. Na minha infância ainda vivi alguns momentos em Matões, com muita fartura que a natureza nos proporcionava e isso foi se modificando, muitas coisas boas foram compartilhadas naquele pedaço de chão.

No dia 6 de fevereiro de 2018 ocorreu a inauguração da Reserva Indígena Taba dos Anacé localizada no Alto do Garrote no município de Caucaia-CE, o momento contou com representações das 14 etnias do Ceará e órgão que acompanharam o processo. A Reserva possui 163 casas que possuem 80m<sup>2</sup> de área, 1 escola e 1 posto de saúde, destinada às famílias das Aldeias Matões e Bolso, atualmente conta com aproximadamente 660 pessoas.

Figura 1 – Mapa da Reserva Indígena Taba dos Anacé



Fonte: Área da Reserva Indígena Taba dos Anacé. Termo de compromisso celebrado entre o Estado do Ceará, a Petróleo Brasileiro S.A. - Petrobrás, a Fundação Nacional do Índio - FUNAI, as comunidades Indígenas Anacés de Matões e Bolso, o Ministério Público Federal e a União

Após a mudança das famílias para a nova terra, novos desafios começam a ser enfrentados. Tive muita resistência em mudar da casa que morei a vida toda para um novo espaço desconhecido. Minha mãe, Ângela, foi uma liderança que lutou para a concretização

desse espaço. No dia em que colocamos nossos móveis no carro e realizamos a mudança, choramos e seguimos para a nossa nova morada, e, até os dias atuais, lutamos para a nossa permanência e adaptação. Escrevo esse trecho muito emocionada. Diversos elementos de memória serão apresentados para se entender o processo de reconstrução das famílias Anacé.

O artigo “O desastre da Samarco e a política das afetações: classificações e ações que produzem o sofrimento social” (ZHOURI *et al.*, 2016, p. 3) discute a intensificação de investimentos extrativos primários voltados à exportação em Minas Gerais e as ações adotadas por parte do Estado e das empresas que culminam no sofrimento social e na perpetuação de injustiças socioambientais. O conceito - sofrimento social- remete aos processos bruscos de violações e a vulnerabilidade social a qual os impactados são assujeitados.

O conceito de sofrimento social permite evidenciar que as aflições vividas por determinados grupos sociais não são resultantes exclusivamente de contingências, infortúnios e acasos, mas consistem em experiências ativamente produzidas e distribuídas no interior da ordem social. No caso em tela, trata-se de um evento crítico cujas raízes sociopolíticas estão associadas à reprodução de conflitos ambientais pretéritos (ZHOURI *et al.*, 2016, p. 3).

Analisando o conceito através do caso Anacé, compreende-se que no processo de mudança as famílias sofreram e sofrem com as perdas físicas e simbólicas, na remoção para o novo território. Alguns anos já se passaram e escuto muitas narrações de dor, dificuldades enfrentadas *“daquilo que o poder político, econômico e institucional faz às pessoas e, reciprocamente, de como estas mesmas formas de poder influenciam nos problemas sociais”*.

Os indígenas que participaram do meu trabalho de campo deixam explícito que a relação com o território tradicional está para além do físico, mas todo o sentimento que envolve o pertencimento àquele de encantos. Nossa principal herança e riqueza é nossa identidade e história que lutamos para que seja repassada de geração a geração.

As famílias Anacé removidas sabem da sua identidade *“do sangue que corre em nossas veias”* a etnia não sai de si mesma, independentemente do local onde se habita. O segundo processo de remoção envolve novas configurações espirituais, culturais e tradicionais.

Os indígenas evidenciam a importância da memória e identidade Anacé no processo de reconstrução na Reserva Indígena Taba dos Anacé, que futuramente será um território tradicional para as gerações futuras que estão nascendo e que para eles o território tradicional é

o que viveram. As práticas das danças estão sendo retomadas na Reserva como cita Aristides, mestre da dança de São Gonçalo:

*Então cultura é isso pessoal não tenho vergonha de mostrar o que tem, não tenha vergonha de mostrar a capacidade de cada um, somos o que somos as pessoas têm de acreditar e valorizados na nós como somos, seja ele indígena seja o que for, mas nós somos isso. Eu tenho orgulho de dizer sobre indígena até o último suspiro independente eu sou, então que que acontece as pessoas hoje eu acho que na dança de São Gonçalo a gente pagou a promessa agora eu me senti honrado, e a gente fazer um aniversário de um componente da nossa dança de São Gonçalo que foi a guerreira ali, e até do momento a gente falou sobre essas guerreiras que participam e isso nós da força de continuar como esse aqui um dia passou para a gente (ARISTIDES, 2022).*

A força e memória das famílias Anacé contribuem para o desempenho conjunto de adaptação no local, no entanto compreendemos que levará tempo. As famílias da Aldeia de Bolso tiveram suas casas demolidas, a Aldeia Matões ainda se encontra com as casas intactas. Vivemos ainda na incerteza se será demolida e desapropriada financeiramente, pois parte dos locais de Matões estão sendo utilizado pelas empresas os Anacé não foram indenizados. “São terras do Governo” desse modo não podemos mais ter acesso. Os Indígenas ainda se emocionam ao falar sobre o processo de mudança para a Reserva Indígena e se referem às relações simbólicas do Território e que não há dinheiro que pague tudo que foi vivido e sentem falta daquele tempo que não volta mais.

Minha pesquisa vem sendo desenvolvida com as famílias removidas desde o ano de 2018, faz cinco anos da remoção para a nova área é perceptível às transformações que já ocorreram no local, como a área de plantação de hortaliças para as famílias realizada através de projetos do Governo do Estado do Ceará. O espaço é de uso coletivo das famílias residentes na Reserva onde ocorre a comercialização e abastecimento da comunidade, as práticas a relação afetiva estão sendo construídas, (BOURDIEU, 2005) a visão legítima do mundo social reflete o estado das relações simbólicas das forças. Essa luta simbólica permanente é realizada pelos agentes coletivos que se confrontam dentro de um determinado campo.



Fotografia 3 - Reserva Indígena Taba dos Anacé



Fonte: Arquivo do Povo Anacé

Durante a realização das primeiras entrevistas na Reserva escutei repetidamente a frase: *‘toda muda murcha’* e busquei saber o que significava, os indígenas se referiam a mudança das famílias removidas, que após de ser tirada do seu habitat murcha, mas que com os cuidados e com o tempo ela se apta no novo chão, apresentarei um trecho dos depoimentos logo após a mudança, Rute Souza (2019).

Nos depoimentos, a expressão de sermos mudas murchas remete a mudança de Matões para a Reserva, estando relacionado a difícil situação que nos encontramos, mas que vai passar rápido, pois estamos plantados na nova terra, e iremos alcançar novamente nossos laços simbólicos. Todos os participantes evidenciaram que todas as reestruturações só estão sendo possíveis com a união dos moradores, sendo essa a sustentação da resistência para reconstruirmos. É presente o sentimento de saudade, mas se é transmitido que os realocados tem sabedoria e força dos encantados que impulsionam, tornando o cenário mais agradável a adaptação das famílias. A mudança física movimentou a qualidade de vida dos sujeitos, mas em nenhum momento escutei alguém querendo desistir e voltar para Matões. “Viemos para uma reserva indígena onde só tem casa e mata, mas estamos bem que temos todos com nossos parentes, nossas famílias, estamos resgatando a tradição e a cultura Anacé” (SOUZA, 2019, p. 55).

Mesmo com todas as modificações que sofremos, temos a consciência de permanecermos todos juntos na Reserva, o processo de construção está acontecendo passo a passo. O processo de reconstrução do povo Anacé na nova terra está ocorrendo através das

memórias que estão sendo repassadas no sentido de construção afetiva com a Terra, as práticas e tradicionalidade estão sendo a base nesse processo. Como cita o antropólogo Gersem Baniwa (2006) o território é conjunto de conhecimentos e tradições:

[...] condição para a vida dos povos Indígenas, não somente não sentido de um bem material ou fator de produção, mas como o ambiente em que se desenvolvem todas as formas de vida. Território, portanto, é o conjunto de seres, espíritos, bens, valores, conhecimentos, tradições que garantem a possibilidade e o sentido da vida individual e coletiva. A terra é também um fator fundamental de resistência dos povos indígenas, em torno de uma bandeira de luta comum que é a defesa de seus territórios (LUCIANO, 2006, p.101).

As organizações internas da Aldeia possuem um espaço de acolhimento e reconhecimento dos mais idosos, detentores das memórias e conhecimento, o repasse através das danças, rituais e vivências estão sendo realizados coletivamente. Para Halbwachs (2013), uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos e ao mesmo tempo elas conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso. O meu lugar enquanto indígena e antropóloga parte de lugar de escuta e dá voz a esses detentores de conhecimento que cuidam e respeitam a etnicidade Anacé.

Fotografia 4 – Casas na Reserva Indígena Taba dos Anacé



Fonte: Registrada pela autora.

As memórias coletivas são nossa fonte de fortalecimento e resistência, a história e lembranças estão acessadas e ressignificada mantendo a conexão espiritual e relações simbólicas com o Território Tradicional jamais serão apagadas. Os encantos, cuidados e memórias também estão sendo ressignificadas e produzidas de maneira espontânea na Reserva Taba dos Anacé.

A antropóloga Braulina Baniwa (2018) evidencia que o nosso território é composto por conjunto de saberes disseminado em todos os níveis para povo. A metamemória é a representação que cada indivíduo faz de suas próprias lembranças, é a memória que molda as dimensões de pertencimento ao passado do meu Povo. Nas narrações dos indígenas Anacé é forte relato sobre as memórias individuais e coletivas de luta e mobilizações pela terra.

As mobilizações me fazem ter uma análise de como a “conquista” da Terra Anacé é fruto de muita luta e resistência de manter viva a identidade, território e encantos “*temos a terra como raiz nos sustenta e não é fácil desvincular*”, com seis meses após a mudança minha vó Lucimar se encantou. Uma mulher Indígena analfabeta que nunca havia saído de Matões, sua adaptação na Reserva não ocorreu e hoje agradeço por toda força, ensinamentos e luta para que eu possa falar hoje sobre o nosso povo.

## Capítulo 2 - DANÇA DE SÃO GONÇALO DO POVO ANACÉ

### 2.1 Dança de São Gonçalo do Povo Anacé: resgate e tradição

*“O corpo como território e o território como o corpo” (CORREIA, 2018, p, 45).*

Diante do que foi apresentado no capítulo anterior, nesse tópico será apresentado o processo de resgate da dança de São Gonçalo do Povo Anacé da comunidade de Matões. Será realizado um levantamento histórico da dança de São Gonçalo iniciando na comunidade de Matões até o processo de mudança para a Reserva Indígena Tabá dos Anacé (2018). Assim ficará registrado a história da dança de São Gonçalo do povo Anacé e as relações simbólicas e espiritualidade que há envolve.

A Dança de São Gonçalo no Brasil foi trazida pelos portugueses e integrada no país no processo de colonização. Nas comunidades tradicionais e indígenas o rito faz parte da tradicionalidade que intercorre ao simbolismo identitário e cultural de cada região. Para o antropólogo Wellington Bomfim (2006) a manifestação está vinculada a heranças culturais.

No conjunto das manifestações tradicionais encontradas no universo do catolicismo rural desempenhadas por diferentes grupos no Brasil, a dança de São Gonçalo merece um destaque pela sua presença registrada em todas as regiões do país. Culto religioso trazido pelos colonizadores portugueses é apropriado a dinâmica social e cultural de diferentes grupos, que tratam de vincular a esta prática, elementos simbólicos de sua herança culturais. Anuncia um contato da cultura ocidental, representada pelo o cristianismo em forma de louvação a um Santo da igreja católica, e elementos que marcam padrões culturais dos agrupamentos que apresentam esta prática (BOMFIM, 2006, p 49).

Percebendo essa manifestação como ritual, meu ponto de partida se dá a partir da relação direta da representação do Santo São Gonçalo com o contexto social da Dança de São Gonçalo do Povo Anacé envolvendo a tradicionalidade e identidade. O caminho aqui percorrido e apresentado tem como base as narrações dos mestres e dançantes da dança de São Gonçalo, sendo assim apresentado o resgate e trajetórias dos integrantes da dança de São Gonçalo do povo Anacé.

No processo de reafirmação étnica Anacé o resgate da dança de São Gonçalo foi muito importante no repassar as memórias e histórias dos mais idosos da Aldeia. Durante os rituais e apresentações que acompanhei Dança de São Gonçalo o mestre Antônio Adelino (2022) narra que a Dança foi apresentada aos indígenas Anacé por um senhor por nome de Antônio no início de século XX. Conforme os autores Ferreira e Viana (2019) trata-se de um saber tradicional arraigado no nordeste brasileiro pelos colonizadores portugueses e seus descendentes, afinal São Gonçalo é um Santo português Nascido em Tagilde no ano de 1187 e que faleceu no dia 10 de janeiro de 1259 em Amarante, Portugal.

Os primeiros mestres da São Gonçalo na Região do Matões na cidade de Caucaia-Ceará, foi Mario Ribeiro, Manoel Ribeiro, dois irmãos, posteriormente Odete Ribeiro e a Maria Ribeiro pertencentes a mesma família. Sendo dançada até aproximadamente no final da década de 60 no início da década de 70, no entanto as apresentações foram ficando escassa, em das apresentações no terreiro do Domingo França chegou algumas pessoal da cavalaria do Capitão Neco Martins dizendo que a dança era adoração ao diabo e não poderia ser mais exultada pois existia perseguição, sendo proibida de ser exultada.

A Dança de São Gonçalo na localidade era apresentada por suas jornadas mediante a pegação de promessa, até meados da década de sessenta. A dança passou 28 anos sem praticar, por não ter dançantes e mestres para conduzir as promessas. Em conversa com o primeiro mestre Antônio Adelino, descreve o processo de resgate da dança de São Gonçalo do Povo Anacé e a importância do Santo para as famílias indígenas Anacé:

*Agradeço a Deus e Junior de buscar essa oportunidade de ter e trazer a dança pra mostrar a cultura, pra fortalecer a cultura o povo Anacé de Matões e de muitos que não conhecia, nem conhece São Gonçalo nos protegeu desde o início, ele sondou o povo pra apresentar a cultura e hoje em dia ele ainda vive abençoando cada um, quem tiver seu o alguns os problemas se apegue a ele pode ser branco, pode ser preto, pode ser pobre pode ser rico, ele abençoa ele só não tem aquele prazer de ver ninguém triste e esconder a tradição dele e o que ele era (ANTONIO, 2022).*

O mestre fazia parte do grupo antes da proibição, o processo de resgate da Dança de São Gonçalo ocorreu em um período paralelo à luta frente ao processo da segunda remoção das famílias Anacé da Aldeia Matões e Bolso. A Dança efetivou as relações sociais, política e simbólica com o território, fortalecendo o vínculo com os encantados e território, passando a ser um ritual de fortalecimento e resistência. “Deste ponto de vista, cada adorno, indumentária,

ritmo, canto ou bailado, não consistem apenas em uma técnica, um ‘ato funcional’” (BOMFIM, 2006).

A Dança de dança São Gonçalo para o povo Anacé é considerada cultura que faz parte da nossa Terra e dos nosso antepassado. O antropólogo Edmund Leach (1996) descreve esses ritos como ações de afirmações simbólicas em relação à organização social, como cita o autor:

Se quisermos entender as normas éticas de uma sociedade, é a estética que devemos estudar. Na origem, os pormenores do costume podem ser um acidente histórico; mas para os indivíduos que vivem numa sociedade tais pormenores nunca podem ser irrelevantes, são parte do sistema total de comunicação interpessoal dentro do grupo. São ações simbólicas, representações. É tarefa do antropólogo tentar descobrir e traduzir para seu próprio jargão técnico aquilo que está simbolizado ou representado (LEACH, 1996, p 75).

Dessa forma, compreender a relação dos indígenas Anacé com a dança de São Gonçalo do povo Anacé é traduzir as peculiaridades transmitidas de diferentes práticas, organizações e tradicionalidade. “*São Gonçalo colocou essa tradição para o povo, essa imagem de São Gonçalo com esse instrumento*”. A interpretação da dança pelo povo Anacé está diretamente interligada a etnicidade, enquanto antropóloga e indígena Anacé poder relatar sobre a importância da dança para o meu povo é registrar um dos rituais mais importantes e sagrados na história Anacé. São as fronteiras e seus mecanismos de criação e manutenção que passam a ser sociais, simbólicos e analiticamente relevantes (BARTH, 2000).

O mestre Júnior e liderança Anacé, no processo do reconhecimento étnico escultava dos mais idosos da comunidade sobre a importância da dança de São Gonçalo para a espiritualidade indígenas. No entanto nunca tinha visto a dança nem escultado o cântico, mas mantinha o respeito pelas pessoas idosos, escultava atentamente as histórias contadas. Então, recorreu que um dos últimos mestres na região Antônio Adelino e do rezador e dançarino Biagua filho do Mario Ribeiro e Maria Ribeiro. O mestre Antônio Adelino obtinha o conhecimento relacionado à dança e relatava que para ser realizada disporia de respeito para realizar a “brincadeira”. No entanto tinha receio de relatar, Júnior realizou várias tentativas até conseguir dialogar sobre a dança, para assim dá continuidade ao resgate do ritual.



Para Halbwachs (1925) e Candau (2011), a debilidade da memória se originaria da gradativa transformação dos grupos, conforme seus quadros sociais de memória, mantendo identidade dos indígenas dentro daquele conjunto de lembranças. O repasse das memórias é uma das sustentações de manter viva as tradições e cultura Anacé, seguindo no processo de resgate Junior Anacé mobilizou outros indígenas para integra- se ao grupo em busca de realizar a primeira apresentação da dança.

*Porque importante a dança de São Gonçalo pra nós, Deus, São Gonçalo junto com Junior nós resgatemos a dança de São Gonçalo depois de vinte e tantos anos enterrada, para a cultura que não tinha quem trouxesse pra frente, aí nós juntos com o povo resgatemos a dança a tradição em que nós ir de hoje. E ela é forte ela nós protege, temos o privilégio de dizer hoje eu tenho isso aqui essa força através dele de São Gonçalo e a união de cada um, nós temos muita gente forte dentro da nossa Aldeia que ninguém nem imagine, todos são unidos todos são fortes todos tem seu privilegio e o prazer de dizer que ele é um indígena querido por Deus, São Gonçalo é tão importante, porque se você está em um momento crítico você se apega a Deus primeiramente e São Gonçalo ele nos protege (ANTONIO, 2022).*

A imagem do Santo de São Gonçalo do povo Anacé foi doado por Luiza Rafael que tinha a imagem guardada a mais de 90 anos, relatando que tinha uma promessa para pagar na comunidade da Barra do Cauípe. A partir daí o grupo foi se organizando para a realização da primeira jornada e pegação de promessa na comunidade. Como relata Júnior (2022) atual mestre da Dança de São Gonçalo:

*Aí ficamos não vamos deixar isso aqui acabar não, pelo amor de Deus, e aí a gente começou se reunir a fazer reunião para avaliar aquele momento que tinha sido muito bom, depois outras pessoas vieram.*

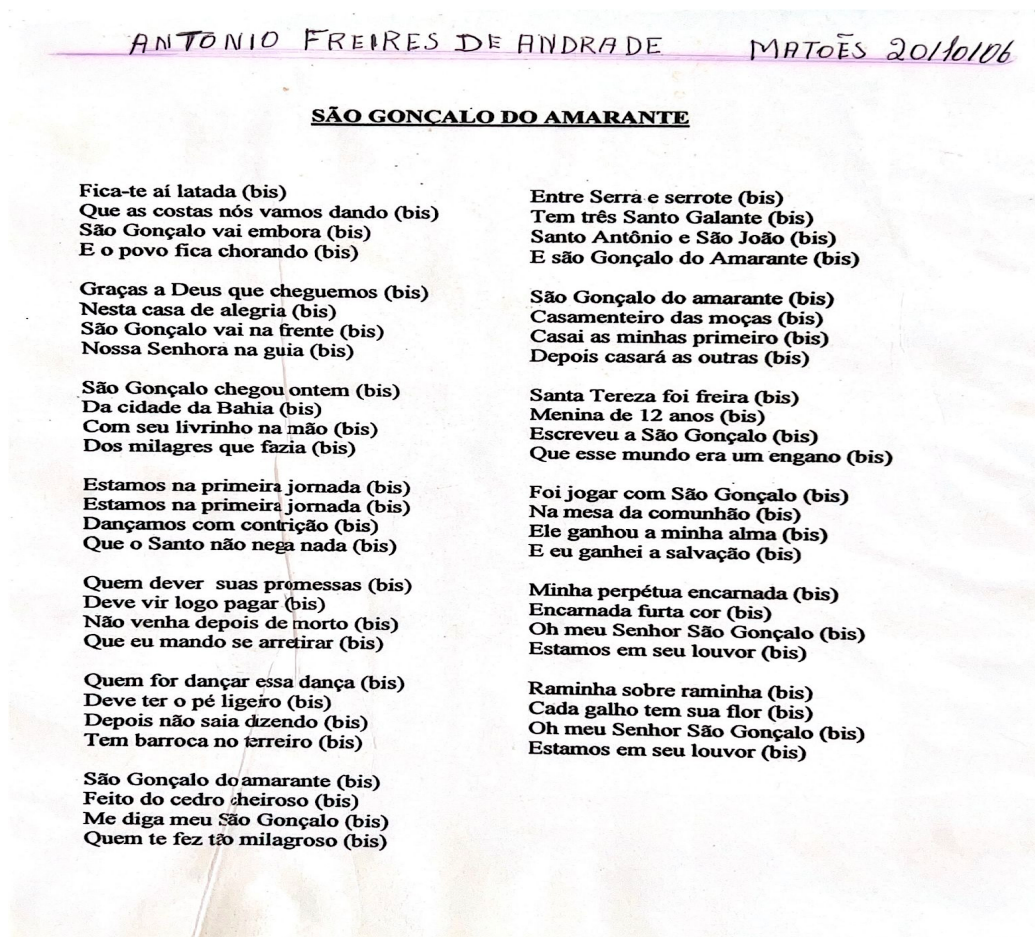
Fotografia 5 - Repasse do hino da dança de São Gonçalo do Povo Anacé



Fonte: Acervo Anacé

A imagem anterior, foi um dos primeiros ensaios da dança com o hino completo. O hino da dança de São Gonçalo foi lembrado de forma conjunta, são 13 versos, o mestre Antônio Adelino recordava apenas de 12. Após pedir a São Gonçalo o mestre foi lembrando do restante que faltava para completar a música, sendo assim realizado o repasse com os tocadores. O hino simbolicamente representa o processo de resgate e devoção a São Gonçalo, o mestre Antônio entregou ao mestre Júnior a sua primeira versão impressa, repassando também o compromisso de dá continuidade à dança. Segue a imagem do hino de dança de São Gonçalo do povo Anacé.

Fotografia 6 - Hino da dança de São Gonçalo do Povo Anacé



Fonte: Acervo da Dança de São Gonçalo do Povo Anacé

Realizei estudos sobre a dança de São Gonçalo realizadas no estado do Ceará, com intuito de refletir sobre a Dança de São Gonçalo do Povo Anacé, entendendo suas particularidades e diferenças. A Socióloga Daniele Moreno (2014) na dissertação intitulada “Os quilombolas do Veiga e o São Gonçalo: memória e identidade na festa e devoção a São



*Gonçalo no Sítio Veiga*” no estado do Ceará, através da origem e estrutura social, percebesse a ligação do ritual com o reafirmar de um pertencimento étnico, que também se consolidar nos remanescentes de quilombos:

Para entender melhor a dança, parto da análise de Sérgio Ferretti (2004) sobre cultura popular, em que o autor percebe as festas religiosas populares através de dois aspectos: como “[...] um instrumento de integração, de controle social dos subalternos pelo Estado que as promove e regula” ou; como “[...] um ritual de inversão e de resistência, quando os oprimidos podiam exercitar sua identidade e cultura”. Verifiquei, no primeiro momento, a dança no Veiga como um ritual de inversão e resistência, porque no passado foi proibido pela Igreja Católica, mas continuou a ser realizado no Veiga. Afirmá-lo e transformá-lo em seu traço característico permitiu a esta coletividade consolidar sua identidade em torno da categoria “remanescente de quilombos” e reafirmar suas tradições e cultura, permitindo, assim, que comesçassem a reivindicar seus direitos territoriais constitucionalmente garantidos (MORENO, 2014 p,110).

A autora destaca a resistência e a importância da memória das “advindos da identificação de remanescentes de quilombos”. É importante destacar como a dança se manteve nas duas comunidades, no mesmo estado, mas com interpretações e simbolismos diferentes que envolvem a organização e devoção pelo Santo, sendo identificado como uma estratégia de manter viva a identidade.

O pesquisador Cauê Machado (2020) diz que a diferença e a semelhança a um só tempo na realização da dança de São Gonçalo, são índios e quilombolas, portanto diferentes; mas, são os “tradicionais”. Em entrevista com a liderança Junior, sobre qual a importância da Dança do São do povo Anacé para a espiritualidade e fortalecimento “*O que que é a dança de São Gonçalo para mim? o que que é a dança de São Gonçalo para muita gente as pessoas falam seguinte ela é fortalecimento espiritual ela é um fortalecimento mental, ela é o fortalecimento do corpo ela ajuda a unir*” (JÚNIOR, 2022).

O primeiro ensaio correu no terreiro da casa do Mestre Júnior Anacé no dia 05 de novembro de 2005, com aproximadamente 30 pessoas da comunidade de Matões. Até os dias atuais a data é comemorada a retomada da Dança de São do Povo Anacé, assim fortaleceu a cultura e tradição da comunidade, a partir daí todos os anos se comemoram o aniversário da dança além da realização de apresentações culturais. Ao longo desses anos desde o resgate da dança tenho acompanhado e prestado apoio em reuniões, eventos e apresentações.

No ano de 2006 foi apresentado o grupo de São Gonçalo do povo Anacé o mais novo mestre Aristide do Milagre, filho de uma rezadeira e parteira da comunidade. A dança de São Gonçalo é uma força espiritual como relata o mestre na sua primeira dança tirada *“no final ouvi e senti aquela força, é uma mistura então quando eu comecei a dançar eu senti que ali era um futuro, eu senti que realmente eu tava no lugar certo para continuar dando amor, e até o segmento que é a dança de São Gonçalo e continuidade para os demais”* (ARISTIDE, 2022).

Uma das conquistas realizada com a articulação da dança de São Gonçalo do Povo Anacé foi a contemplação com o Prêmio: Culturas Indígenas na edição Chicão Xucuru no ano de 2008, patrocinado pela Petrobrás no valor de 30 mil reais. O prêmio foi direcionado para a construção da Casa de Apoio Anacé e compra de instrumentos para a dança. Atualmente a casa de Apoio do Povo Anacé se encontra na comunidade de Matões, se fazendo parte da memória e da trajetória do grupo muitas apresentações, assembleias estaduais, noite cultural e reuniões foram realizadas no espaço. Segue a apresentação do grupo no livro do projeto:

Fotografia 7 – Prêmio Cultura Indígena edição Chicão Xucuru no ano de 2008

**ANACÉ**

A denominação Anacé é uma referência a Anacetaba, antigo nome do município cearense de São Gonçalo do Amarante, onde viviam seus antepassados e ainda vive esse povo.

Os Anacé falam atualmente o português e o tupi-guarani.

Sua população é de cerca de 1.270 pessoas.

Os Anacé estão em Terra Indígena não demarcada, nos municípios de São Gonçalo do Amarante e Caucaia, no estado do Ceará.

Vivem com pouco espaço para manterem suas práticas tradicionais, já que existe pouca mata nativa. A terra tradicional dos Anacé está sendo ameaçada de desapropriação pelo processo de construção do Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP), que prevê a instalação de 90 famílias já foram expulsas de suas terras e colocadas em assentamentos, e existe a possibilidade de expulsão das outras famílias. Por isso lutam pela demarcação imediata de suas terras. A Dança de São Gonçalo é seu principal ritual.

**DANÇA DO SÃO GONÇALO ANACÉ**

Idosos, adultos, jovens e crianças participam da Dança de São Gonçalo Anacé. Ela foi extinta por perseguição dos brancos. Após alguns anos reconteceu, e mais uma vez parou por conta dos opressores e por falta de recursos. Em 2005, após 28 anos, nós nos reunimos novamente para apresentar a dança, porque a comunidade achava bonita e tinha devoção em praticá-la. Ela foi realizada na aldeia Matões. Reunimos os antigos mestres para contar a história da dança e lembrar cada passagem de uma jornada, que está na letra da música. Para continuar a praticar a dança, pretendemos comprar instrumentos (concertina, violão, zabumba, triângulo, pandeiro, ganzá, reco-reco, gaita, atabaque), fazer uniformes e construir uma casa de apoio na comunidade.

**Povo Anacé**  
Comunidade Matões  
420 habitantes  
Caucaia - CE  
Iniciativa n°: 373 (premiada)  
Proponente: Francisco Ferreira de Moraes Júnior  
Contatos: 8800-6160 / 3368-3045 / 8754-7560

Fonte: Acervo da Dança de São Gonçalo do Povo Anacé.

A Dança de São Gonçalo do povo Anacé é um ritual político e de fortalecimento étnico muito importante para as famílias no processo de mudança para a Reserva Indígena Taba dos Anacé no ano 2018. O apanhado histórico aqui apresentado foi fruto das minhas observações e participação do grupo, realizei algumas tentativas de dança, no entanto não me identifiquei, entendo que a minha participação no ritual está para além de dançar, sinto a força e a espiritualidade que São Gonçalo para o povo Anacé.

## 2.2 “Vem de raízes”: o ritual e configuração da Dança de São Gonçalo do Povo Anacé

*“É importante pontuar que mais que sentir-se parte, os indígenas são o próprio território” (SULIETE BARÉ, 2021).*

A minha participação acompanhando as apresentações e promessas da Dança de São Gonçalo do Povo Anacé, é uma daquelas muitas coisas que fazemos pela primeira vez e nunca esquecemos momentos de encantos e força ancestral. Nessa análise, que toma como foco o ritual da dança de São Gonçalo será apresentado as principais configurações e organização do grupo nas apresentações culturais e promessas. Atualmente, para que a dança de São Gonçalo seja realizada, exige a preparação como: o direcionamento realizado pelos “mestres” sobre a execução, ensaios e reuniões.

No comando da dança estão os mestres Junior e Aristides, os dois são puxadores da dança, responsáveis pela organização e administração do grupo, desse modo, são eles que iniciam entoando o cântico que serão cantados os 13 versos e a coreografia a ser executada. Os dançarinos do cordão acompanham no cântico palmas e coreografia, a banda de músicos segue o ritmo e comando dos mestres.

A dança é realizada por pares, dançam requebrando o quadril no ritmo da dança e da música. Dessa forma, todos recuam no espaço, vindo par por par dançar com os mestres e depois vem saindo com o mesmo movimento, para que venha o próximo par que aguarda no cordão cada jornada e apresentação leva em cerca de 45 minutos, o mestre Junior Anacé (2022), relata a sensação de tirar a dança e a relação do ritual com a cultura:

*Dançar 45 minutos sem parar e tem momento que é correr né celerado né quando era pequeno ele muito rápido, quando o cordão é grande não é tão ruim, mas quando o coração é pequeno é muito rápido a gente no instante faz a jornada. Tem um verso da dança de São Gonçalo que é sim “quem foi dançar essa dança*

*deve ter o que é ligeiro depois nós sair dizendo tem barroca no terreiro” que é isso porque tem que ser rápido e é uma passagem é um ritual eu não digo que horas em São Gonçalo é somente uma dança ela é um ritual, que fortalece muito a nossa cultura e a partir da dança.*

Atualmente o grupo da Dança de São Gonçalo possui 33 participantes são 17 duplas, duas Estrelas que leva o Santo à frente do grupo nas apresentações e promessas. São quatro mestres: Junior, Aristides, Angelica e Edvania. No cordão são 32 dançantes e 04 tocadores são utilizados fixamente uma sanfona, um zabumba, uma guitarra e um triângulo, segue o quadro com a apresentação dos dançantes e do grupo de acordo com a posição no cordão:

**Gráfico 01- Integrantes do grupo da Dança de São Gonçalo do Povo Anacé**

<b>Papel</b>	<b>Nome (cordão da esquerda)</b>	<b>Nome (cordão da direita)</b>
Mestres	Júnior Moraes	Aristide Moraes
Dançarinas	Lidiane Bezerra	Ariana Lima
Dançarinas	Maria Cleane Moraes	Viviane Moraes
Dançarinas	Emanuele Freitas	Nayara Ferreira
Dançarinas	Silmara Moraes	Arilucia Lima
Dançarinas	Hevellyn Noronha	Rayane Simão
Dançarinas	Nataliane Ferreira	Yasmin Policarpo
Dançarinas/Mestres	Edvania Ferreira	Angélica Moraes
Dançarinas	Cleosangela Moraes	Silva Moraes
Dançarinas	Luciana Neves	Samara Moraes
Dançarinas	Clelia Angela Moraes	Ângela Moraes
Dançarinas	Maria de Lurdes Freire	Valdelice Moraes
Dançarinas	Ana Célia Moraes	Bruna Bezerra
Dançarinas	Luiza Gil Santos	Valdimeire Bezerra
Dançarinos	Kennedy Santos	Yuri Policarpo
Dançarinos	Raphael Moraes	Wellington Monteiro
Dançarinos	José Ferreira	Antônio Adelino Freire
<b>Banda</b>		
<b>Papel</b>	<b>Nome</b>	<b>Instrumentos</b>
Tocador	Ivan Silva	Guitarra
Tocador	Kayro Oliveira	Sanfona
Tocador	Erandir Lima	Zabumba
Tocador	Raimundo Paulino	Triangulo

Fonte: Registrada pela autora.

A cultura Anacé é considerada cultura de resistência, considerado a Dança de São Gonçalo do povo Anacé como um elemento que define a identidade cultural e social. Para Kodama (2009, p. 80), “toda festa também é um espelho sacralizado do cotidiano; portanto, nela são encontradas atitudes sagradas e profanas que religam o indivíduo a comunidade”.

Desse modo, seguindo com a apresentação e organização do grupo da dança de São Gonçalo do povo Anacé, só é permitido dançar homem com homem e mulher com mulher, a distribuição dos participantes ocorre da seguinte forma: são formado duas fileiras um atrás do outro nomeada de cordão seguindo a frente as estrelas carregando de Santo São Gonçalo, atrás os dois mestres um do lado esquerdo e direito, e posteriormente segue por faixa etária de idade, os homens mais velhos do grupo seguem no fim do cordão.

As estrelas<sup>5</sup> são meninas entre 5 e 12 anos que representam a pureza e o respeito com o Santo, são elas que estão à frente da dança e carregam o Santo até o altar em frente ao arco, em algumas ocasiões durante as apresentações elas seguram o Santo. O ritual possui oito momentos seguidos pela dança, iniciado pelo hino dos Santos e procissão de entrada até o altar, cumprimentar o Santo, continência do beijo, oito, cortar do cordão, reza e hino de despedida do Santo, como identifica o mestre Junior Anacé:

*E quais são as passagens da dança de São Gonçalo nós temos o momento de entrada com canto do Santos do hino do Santos, depois nós temos momento de cumprimentar de desejar seja boa sorte ou seja bem-vindo e a gente enquanto mestre sai cumprimentando e desejando as boas-vindas para o grupo para os dançantes que estão no cordão, são duas filhas que me chama de dois cordões. E a continência, a continência um momento depois tem o momento do beijo, depois tem o momento do oito e tem o momento de cortar o cordão né, que é o momento que a gente faz a costura daquele cordão de pessoas. A dança de São Gonçalo tempo todo a gente tá fazendo um oito. Tem um momento da passagem do oito que faz quatro pessoas, mas tem um momento todos os momentos que a gente tá dançando no grupão com todos os integrantes e fazendo um oito, e faz dois círculos de pessoas desses, quando esses dois círculos de pessoas se juntam que faz direitinho é muito lindo já fizemos uma apresentação faz um coração também (JUNIOR, 2022)*

No intervalo de um passo para outro os mestres “puxam” o cordão do lado onde todos os dançarinos acompanham, passando três vezes por dentro e três vezes por fora do cordão, até retornar novamente as posições de frente ao Santo e ao arco. Aristides (2022): “*eu inicio do*

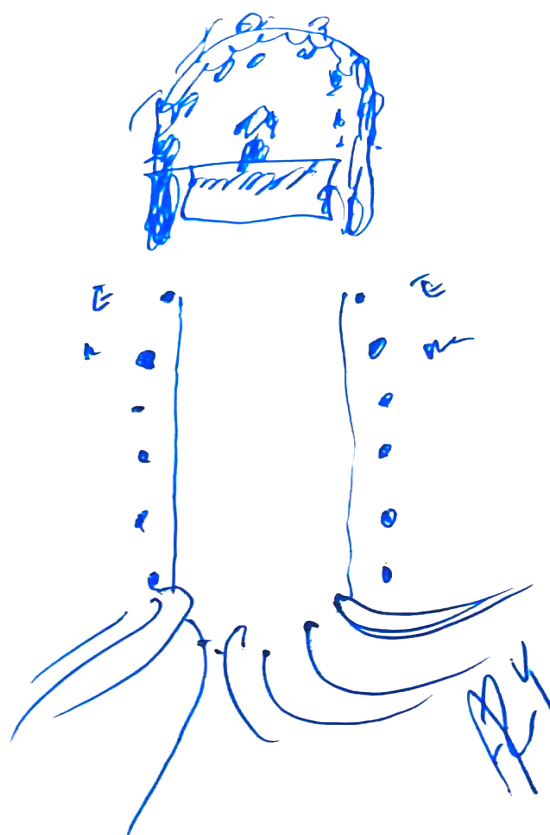
---

<sup>5</sup> As duas meninas simboliza a pureza da dança, são ensinadas desde muito cedo a ter contrição pela Dança e Santo, aguardam a idade e autorização dos mestres para dançar no cordão.

*meu lado e o guerreiro que tá tirando junto comigo ele ficou me esperando quando ele me esperar e eu venho na metade da dança cortando o cordão, já tem de voltar pra me buscar pra gente vim brincando e sapateando essa a ideia, a criatividade da brincadeira, que ela forma de animar.”*

A dança de São Gonçalo do povo Anacé é uma prática animada, os dançarinos falam que “*não é uma dança parada*” requebrando o quadril no ritmo, durante a ação da dança todos os participantes do cordão batem palmas e animam o ritual junto com os mestres louvando ao Santo, louvando o dono da casa, louvando a pessoa que fez a promessa e estão assistindo. A dança transmite alegria é considerada uma “brincadeira” séria, ou seja, o sinônimo da palavra brincadeira está relacionado a alegria e diversão, no entanto é um momento de seriedade, concertação e reza.

Fotografia 8 – Desenho feito pelo mestre Aristides realizado no trabalho de campo, ilustrando a dança do São Gonçalo do Povo Anacé



Fonte: autoria Aristides (2022).

Para a finalização do ritual ou fechamento os mestres dão as mãos um pro outro e ficam sapateando e rodando por mais ou menos quatro e cinco rodada<sup>6</sup>, depois se vira para o grupo levanta a mão para os tocadores sinalizando que pare, ninguém sair do cordão. Depois dão todos os integrantes dão-se as mãos, os mestres realizam a reza de agradecimento e sai cantando o último canto o hino de despedida do Santo: *“Fica-te aí latada que as costas nós vamos dando, São Gonçalo vai embora e o povo fica chorando”*.

A dança do São Gonçalo do povo Anacé são momentos caracterizados pela relação do indivíduo com o mundo material e com o mundo espiritual. Na pesquisa da pedagoga de Ana Souza (2010) com o tema *“Manifestação cultural subalterna o São Gonçalo em Santo amaro do maranhão”* expões a prática como sociabilização e manifestações.

A festa de São Gonçalo perpetua nas matrizes do sagrado e profano, entre o compromisso com o Santo e o momento de sociabilização dos praticantes, entre as canções das jornadas e o baile profano. Isso se manifesta nos participantes de acordo com a vivência individual onde os sentimentos, emoções e experiências durante os rituais se manifestam de diferentes formas em cada um (SOUZA, 2010, p.12).

Para fazer parte, tem que ter o respeito e levar a sério o momento da prática, pois no ato da dança tem que ter concentração, tem que tá tudo ali de acordo como descreve o bendito *“quem foi dançar a dança deve ter o que ligeiro, pra depois não sair dizendo que tem barroca no terreiro”*. As barrocas são consideradas, as dificuldades e energias negativas que aparecem no momento da dança, ao final a gente sai, se tiver duas jornadas a gente recomeça tudo de novo.

Em outras análises realizadas, como o de Christiane Rocha Falcão (2006), em Mussuca no município de Laranjeira (SE), nas comunidades do Pêga, Arrojado e Engenho Novo; e o de Wellington Jesus Bomfim (2006), percebe-se que a organização, manifestações, hinos e termos usados pelos grupos são divergentes, no entanto, a relação simbólica e respeito pelo Santo se exhibe a ligação entre os mesmos.

Durante esses 19 anos de resgate venho acompanhando a dança em promessas, apresentações e festas realizadas pelo grupo, identifico que a cumplicidade e a espiritualidade

---

<sup>6</sup> Exemplo: dança de ciranda

dos indígenas em contato com a divindade no ritual sagrado, transpassa o mundo físico. Em algumas das apresentações no antigo território e na Reserva Indígena Taba dos Anacé presenciei momentos de manifestações encantadas, transe de alguns dançarinos.

A esposa do Mestre Aristides, Luciana Neves, constantemente recebe os encantados no momento do ritual da dança de São Gonçalo do Povo Anacé, eu sempre muito curiosa buscava respostas para o ocorrido e sempre escutava que ela estava com o corpo aberto para receber. Das vezes que presenciei Luciana se mantinha no cordão e logo mais caía no chão desmaiada, a dança prossegue cumprindo com os passos necessários para a finalização, nas primeiras vezes do ocorrido retiravam seu corpo do local da apresentação. A São Gonçalo na Serra do Evaristo no CE, também traz aspectos que conecta os vivos e o mortos (encantados) conforme expõe Machado (2020) é também rito que conecta e desconecta mundos: dos vivos, dos mortos, dos Santos e de Deus. Essas conexões trazem implicações no ritual, especialmente na seriedade e no medo que cada um desses mundos carrega consigo.

Nos últimos anos os mestres seguem a dança com a presença de Luciana desmaiada até chegar o momento de encerramento da dança que é a oração e quando a música para a dançarina levanta e realiza a orações com o restante do grupo. Posteriormente a esse momento tudo segue normalmente com a festa, nós Anacé identificamos isso como um momento de proteção dos nossos antepassados que estão ali naquele momento nos acompanhando, segue um trecho da entrevista realizada com Luciana Anacé (2022):

*Mas a vontade tão grande de ir, que eu vou mesmo, assim eu vou, aí quando eu chegar lá eu fico me pegando todos os Santos que eu sei principalmente com São Gonçalo fico pedindo né para ele me dar a força e o discernimento para mim conseguir dançar. Só que tem um momento que eu não consigo me segurar a partir daquele momento a minha parceira a minha pá, ela sabe quando eu não tô legal, no pegar da mão ela já sabe que eu não tô bem ela já fica tipo me protegendo e segurando, segura! Mas tem uma hora que eu não seguro sabe, a partir daquele momento que eu digo assim eu não tô bem, pronto eu não sei mais eu não sei mais o que falar sobre isso, depois que eu tô bem como foi que eu aqui eu tô em mim depois tu volta tá tudo bem tu não sente mais eu não sinto mais sei o que aconteceu, depois que eu volto que eu tô em mim (Luciana, 2022).*

Durante essa conversa com Luciana em sua casa nos emocionamos ao descrever esse momento tão forte na Dança de São Gonçalo do Amarante, sua família tem me acolhido desde o início da minha pesquisa, sinto que para além da realização de entrevista para a escrita deste trabalho também é um momento espiritual com orações e bons pensamentos (Aristides, 2022). A dança de São Gonçalo é um patrimônio cultural que carrega o passado e presente, todas as



nossas culturas que existe hoje porque tem um pacto com antepassado nosso, tais como a nossa dança de São Gonçalo.

Os nossos encantos se fazem presentes na dança, estamos sempre a pedir força e proteção daqueles que já partiram fisicamente. Durante o início de todas as danças fazem uma reza pra que todos estejam com pensamentos positivos para que aquele momento seja de cura e fortalecimento a todos. Os pensamentos negativos que interferem durante a dança são referidos como “corta corrente”, acontece quando um integrante do grupo sentiu alguma coisa, o mestre Aristides (2022) se a gente como mestre for parar vai ter que recomeçar tudo do começo isso já tão tudo negativo. Então o que a gente tem que fazer, mesmo a pessoa tá sentindo mal hoje tem que se entregar a dança, se entregar positividade, mas ali naquele momento eu sei que situação *ela tá eu tô dançando pedindo força e proteção pra ela ali, e eu mesmo tempo tem hora que eu vou lá perto dela ela já aconteceu da circular uma brincada na dança, naquele momento eu tô pedindo força e proteção os demais pra segurar o tombo, ela sente isso aí entra os pontos negativo.*

### 2.3 “Cordão” entre o santo, promessas, mestres e dançantes

*“Peneira Chico Peneira, a onça tá peneirando” (CANTO DA DANÇA DO COCO).*

Para a análise do ritual da Dança de São Gonçalo do Povo Anacé, será apresentado a relação entre os dançantes e o Santo São Gonçalo através da promessa. Para os indígenas Anacé o Santo é referenciado como um ser vivo, a promessa é uma ligação entre a fé o Santo e os milagres alcançados. Para Durkheim (1989, p. 542-544), “[...] toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa [...]”.

A diferenciação na realização da “dança de promessa” e “dança de apresentação”, segue os mesmos passos, no entanto possui uma outra organização. Varia a quantidade de jornadas solicitada pela pessoa que está oferecendo a festa pela graça alcançada, as tarefas são divididas entre o grupo como a produção do arco os locais de reuniões e ensaios anteriores ao dia da promessa. A promessa tem um aspecto de coletividade, pois para que ela aconteça é necessário vários agentes.

Fotografia 9 – Reunião da Dança de São Gonçalo na casa do Junior Anacé



Fonte: Registrada pela autora.

A imagem acima foi registro de uma das reuniões que acompanhei antes da realização da promessa prevista para o mês de setembro de 2022 solicitada pela Dona Maria de Lurdes, uma das mais idosas do grupo, no momento foi dialogado também sobre as próximas apresentações na comunidade e os próximos ensaios de preparação. O antropólogo Cauê Machado (2020) apresenta a promessa como um sendo fundamental nesse sentido, ao possibilitar o encontro de diferentes famílias, fortalecendo as redes de relações sociais e propiciando namoros e futuros casamentos.

Nesse encontro relatei sobre a minha pesquisa que está sendo desenvolvida desde 2015 início da graduação, e comuniquei aos integrantes que entraria em contatos com alguns integrantes para a realização de entrevistas, já deixando agendada a entrevista com a Dona Maria de Lurdes pra conversarmos sobre os preparativos da festa e pegação da sua promessa ao Senhor São Gonçalo. No momento fui bem acolhida por todos, mostraram entusiasmo e disponibilidade para me receberem e os mestres também falaram: *“isso é tão importante, você também é da dança”*.

E assim segui com as pesquisas de campo na manhã do dia 13 de julho de 2022, no período da manhã me direcionei a casa dela, dona Maria de Lurdes tem 73 anos e mora duas

ruas depois da minha na Reserva Indígena Taba dos Anacé. Ao chegar na sua casa fui bem recebida, antes de iniciarmos a conversa dona Maria foi me apresentar sua casa e as reformas realizadas ao longo desses 5 anos de mudança. Logo mais nos sentamos na sua mesa na cozinha e dei início a entrevista referente à realização do pagamento de sua promessa a São Gonçalo.

Dona Maria relatou o problema de saúde que estava sentindo e pediu o milagre a São Gonçalo pela sua saúde, a promessa foi realizada pra ser paga com duas jornadas, segue seu relato:

*Aí eu sempre sentindo essa dor né, quando foi uma noite eu sonhei pedindo para senhor São Gonçalo ajudar com que aquelas dores desaparece, se desaparecesse e não fosse maligno ia mandar fazer uma dança pra senhor São Gonçalo tocado pelo meu irmão na gaita, nessa época ele podai tirar, ele podia tocar né gora ele não pode mais é muito forgo puxar. Isso no meu sonho eu fazendo essa promessa no meu sonho eu quero que meu irmão tire na promessa. Aí fico, ficou rolando tudinho, quando houve aquela reunião aqui que eu acho que você veio, aí eu fui e falei pro Júnior, isso foi a 10 anos atrás eu fiz essa promessa (MARIA DE LURDES, 2022).*

A devoção a São Gonçalo ocorre de diferentes maneiras. A pessoa individualmente, faz a promessa solicitando alcançar o pedido, como no caso da dona Maria de Lurdes foi sua saúde. Como “pagamento” da graça alcançada é realizado com a dança, ela convidou os mestres e o grupo para realizar a dança em sua residência. A dança é o meio de ligação entre o devoto e o Santo e é através dela que dona Maria agradece a graça atendida e presta o ritual ao Santo.

Seguindo com a entrevista, dona Maria disse que a escolha da data para a realização da pegação de promessa no dia 3 de setembro de 2022, estaria associado ao dia de seu aniversário, o momento seria de celebrar a graça alcançada e mais um ano de vida. Todos os detalhes da festa foram dialogados em conjunto com o grupo em outras reuniões: qual blusa seria vestida, o convite aos tocadores, bem como todos os detalhes prometidos, neste caso, a promessa foi realizada para ser tocada na gaita pelo seu irmão Antônio Adelino, o primeiro mestre após o resgate da dança. No entanto foi modificado como seria tocado o hino, por ser muitas horas e Sr. Antônio não ter mais idade de tirar a dança, a organização foi feita de forma conjunta, como relata dona Maria (2022):

*Eu fui no compadre Antônio e disse você está lembrado da promessa, da minha promessa que eu fiz, aí eu digo você não pode mais tocar na gaita, vai ser o Kayro que vai tocar, ele disse ta certo comadre, tá muito certo. Porque a idade dele não combina mais, que eu sei que é uma jornada 45 minutos. Eu vou fazer duas jornadas, que é a promessa foi duas jornadas que ele fazia as duas jornadas. Ai entãose ele não pode como o menino falou, o Nego falou que quem via tocar era o Kayro né. Aí o compadre Antônio foi lá no Kayro falou tudinho, aí o nego falou*

*que era precisa eu ir também, foi falar com o Kayro, mas ele não estava aí falei com os pais né. Então se é isso a minha promessa se Deus quiser e senhor São Gonçalo vai me ajudar com que tudo vai dar certo né, e vai dar certo sim com certeza (MARIA, 2022).*

Com data marcada para o dia 4 de setembro de 2022 e tocadores acertados para a realização da promessa, Maria de Lurdes comentou sobre o arco de São Gonçalo que iria ofertar para o leilão após as duas jornadas na dança. O altar é montado por dona Maria no local onde será realizada a dança, o arco é um dos elementos importantes no pagamento de promessa, o leilão do arco só ocorre quando as promessas ocorrem durante as apresentações, caso não haja essas promessas no local só é necessário o altar para o Santo. O mestre Aristides (2022) relatou a importância do arco na Dança de São Gonçalo do Povo Anacé:

*Após a dança aí vem a parte do arco. Esse arco vai tá ali todo bonitinho, com frutas que é o arco do Santos a maioria das vezes é feito um leilão do arco ali no momento, nas antigas esse arco era feito e o que tirava das frutas das coisas ali ficava pro Santo, ou seja, ficava pro grupo, não como paga da dança, mas é porque realmente o arco do São Gonçalo, tinha que ser do São Gonçalo. A questão do arco ele tem que ser de palha de coqueiro interessado, são feita uma palha do lado e a palha do outro as vezes é se consegue fazer com quatro palha fica mais bonita ainda, interlace ele em cima e interlace ele em baixo fica mais bonito ainda, e aí no final quem tira tudo no final, a gente coloca tudo se a pessoa tiver algum gosto e amor ao Santo ele leva o arco (Aristides, 2022).*

A preparação do arco e do altar é ofertado por quem solicita a promessa, para a realização da promessa da dona Maria de Lurdes, ela explicou que as palhas já estavam aguardando para serem utilizadas para fazer o entrançado e as frutas também acompanhariam o arco para a realização do leilão após as duas jornadas. Para Bonfim (2007) São Gonçalo está sempre ligada ao pagamento de promessa, momento em que a mobilização local é significativa.

No domingo, dia 4 de setembro, no período da noite foi realizada a promessa da dona Maria de Lurdes ao Santo São Gonçalo milagroso, o espaço em frente a sua casa foi cercado para a realização da dança, ao redor do espaço foi colocado algumas cadeiras para as famílias da Aldeia convidadas assistirem a dança. A mesa que recebe o altar estava coberta por uma toalha, com a imagem de São Gonçalo, com a viola na mão acompanhado por alguns enfeites feito de barro, segue a imagem feita antes da dança de dona Maria de Lurdes com o Santo:

Fotografia 10 – Maria de Lurdes no pagamento da sua promessa da Dança de São Gonçalo do Povo Anacé



Fonte: Registrada pela autora.

Algumas famílias Anacé de outras Aldeias se fizeram presente no momento, ficou visível o respeito ao Santo e ao momento. O autor Durkheim (1996) expõe que os ritos religiosos partilham entre os praticantes valores inerentes ao grupo. O sociólogo analisa as práticas como um vínculo pessoal com os rituais que propõe um entendimento de sociedade e organização, como citado a seguir:

Os ritos só podem ser definidos e distinguidos das outras práticas humanas, notadamente das práticas morais, pela natureza especial do seu objeto. Com efeito, uma regra moral, assim como um rito, nos prescreve maneiras de agir, mas que se distinguem a objetos de um gênero diferente. Portanto, é o objeto do rito que

precisamos caracterizar para podermos caracterizar o próprio rito. Ora, é na crença que a natureza especial desse objeto se exprime (DURKHEIM, 1996, p. 19).

Associando a citação acima à Dança de São Gonçalo do Povo Anacé nos faz compreender que o rito é determinante no cotidiano do Povo Anacé, influenciando no modo de impetrabilidade da aldeia e organização, possuindo uma relação entre o rito e estrutura social. A crença pelo Santo milagroso e o ritual da dança possui uma importante função de manter viva a memória dos que participam.

Seguindo com o pagamento da promessa de Dona Maria de Lurdes, deu-se início a primeira jornada, a dança exige disposição física dos indígenas, pois cada jornada leva cerca de uma hora com as idas, vindas e voltas em frente ao altar em que se encontra o Santo seguindo com os passos já descrito anteriormente. No pedido da promessa ao Santo, dona Maria especificou que a primeira jornada se sentaria na frente do arco segurando o São Gonçalo, e na segunda jornada dançaria com a sua parceira, Valdelice, na dança e assim foi realizado. “A Dança de São Gonçalo é um rito que conecta os mundos: dos vivos, dos mortos, dos Santos e de Deus” (MACHADO, 2020, p.3).

Fiquei próximo ao arco, fazendo algumas fotos e observando os passos realizado pelos mestres e dançantes, os integrantes do grupo entraram em procissão cantando o hino e a banda já estava posta acompanhando com os instrumentos. Todos estavam com os mesmos trajes e a mesma blusa do azul escura com a imagem do Santo e nas mangas uma pintura indígena característica Anacé, os homens vestiam calças e as mulheres saia, que todos tinham a pintura indígena<sup>7</sup>. Todos os dançarinos dançaram de pés descalços, tendo contato direto com o chão, que é muito simbólico.

Nessa apresentação todo o cordão estava formado por mulheres, assim bem visível o remelexo do corpo de um lado para o outro batendo palmas. O momento é de animação pelo ritmo da música tocada pela banda nesse segundo momento é um xote baião. A dança é bem animada, vez ou outra, alguns integrantes gritam: “*Viva o São Gonçalo*”, “*Viva o dono da casa*” e todos respondem, e na realização da dança dona Maria agradece e invoca São Gonçalo e os encantados. Na finalização da primeira jornada que durou aproximadamente uma hora e vinte

---

<sup>7</sup> Todas as pinturas da calça e saia são realizadas manualmente por integrantes do grupo.



minutos, fiquei me questionando se estavam cansados pois, logo mais seguiria para mais uma jornada.

Os mestres realizaram um intervalo de dez minutos até a próxima dança, um dos tocadores levou Mocorró<sup>8</sup> para o momento sagrado, alguns integrantes beberam e logo mais seguiram a organização para do início a segunda jornada. Na segunda jornada Dona Maria de Lurdes se integrou no cordão com a sua parceira, assim deu-se início com o Santo no altar. Seguiu-se com a repetição de todos os passos realizados na primeira jornada, em nenhum momento os dançarinos demonstraram cansaço ou desânimo, nem se percebia que anteriormente tinham realizado uma jornada.

Com a finalização dança da segunda jornada os mestres deram-se as mãos juntamente com o restante do grupo que realizaram a dança e fizeram um círculo para a reza final. Nesse momento entrei no círculo e cantamos o hino de finalização da dança, a dona da casa agradeceu a realização da promessa e logo mais foi pedido ao senhor São Gonçalo, saúde e força a todos os integrantes do grupo. Segue conversando com os dançarinos e mestres, minha mãe Ângela que dança com sua irmã me descreveu que *“parece que a gente tá cansada que a gente não vaia aguentar, mas é tão forte que quando vou ver já temos finalizado”*. A festa segue com a partilha da comida oferecida por Dona Maria de Lurdes, os tocadores seguem com músicas animando o momento.

Nesse intervalo, conversei com o Mestre Júnior e ele me descreveu que *“quando você está ali naquele momento você parece que flutua, você dança com uma leveza e descalço e ainda mais forte a espiritualidade fica mais sensível, fica parecendo que você está em transe tem horas que você passou por um momento na jornada que acha que não passou”*. Quem assiste também sente a força espiritual que tem a dança, essa foi uma das mais lindas promessas que acompanhei na Reserva Indígena Taba dos Anacé.

---

<sup>8</sup> Bebida indígena feita de caju.

Fotografia 11 – Primeira jornada da dança de São Gonçalo da promessa de Dona Maria de Lurdes



Fonte: Registrada pela autora.

Seguindo para a finalização da promessa, ocorreu o leilão “Arco de São Gonçalo” com frutas penduradas no arco de palha onde fica o altar de São Gonçalo, o valor arrecado com é destino para a dança. O leiloeiro foi Júnior Anacé, o rematador do arco de frutos foi Aristides no valor de 200,00 reais, o acontecimento foi de muita risada e distração um momento considerado divertido entre família indígena Anacé. Como descreve Dona Valdelice (2022) *quem fez a promessa tem que segurar o Santo, quem recebeu a graça é quem tem direito de ficar um Santo, quem faz promessa tem que oferecer o arco eles aprontam o ar com a fruta né, eles aportam o arco com as frutas dá para os dançarinos, tem deles que faz o arco dependendo se tiver muito movimento aí eles fazem, eles botam em leilão o arco, eles botam leilão*. Por volta das 23:00h finalizou-se o ritual do pagamento da promessa sagrada de Dona Maria de Lurdes, São Gonçalo do Povo Anacé veio pra animar seu povo.



## 2.4 “O sangue que corre nas veias de um corre nas veias de todos”: famílias e repasse da dança de São Gonçalo do Povo Anacé

*“Ando com os mensageiros foi meu pai que me mandou, eu sou índio sou guerreiro eu sou índio curador” (CANTO DE TORÉ).*

As famílias Anacé têm suas particularidades e sua função social claramente definidas. Como um importante local para ensinamento de valores e princípios, é também o primeiro local onde se vivem experiências de socialização e conhecimento do cultural. Assim, observado com um olhar mais minucioso, mais de perto, podemos dizer que a família do grupo da dança de São Gonçalo do Povo Anacé se torna elemento de fortalecimento da identidade por meio de uma relação que se mistura e se encontram.

Durante a minha observação e trabalho de campo e a construção da estrutura desse trabalho, escutei muitas falas “*somos todos parentes*”. Durante a realização da disciplina<sup>9</sup> de Antropologia de parentesco me fez refletir sobre as relações de parentesco entre os dançantes, assim proponho realizar uma apresentação trazendo elementos das relações de parentesco partindo das gerações que compõe o grupo. O antropólogo Radcliffe Brown (1978) destaca que um sistema de parentesco pode ser encarado como um arranjo que capacita pessoas para viverem juntas e cooperarem umas com as outras uma vida social ordenada.

Pensar na relação dos dançantes Anacé é importante destacar a presença matrilinear, se destacando na organização familiar, linhagem e descendência. As famílias se ligam e se tornam um exemplo desse elemento que marca a cultura Anacé e unem as relações num sentimento de pertencimento, de fazer parte, de ser parente do grupo da dança de São Gonçalo. A dança faz parte de uma cultura repassada a várias gerações, nesse sentido, selecionei para análise a família da Dona Valdelice que se encontra na terceira geração na dança, como apresentado:

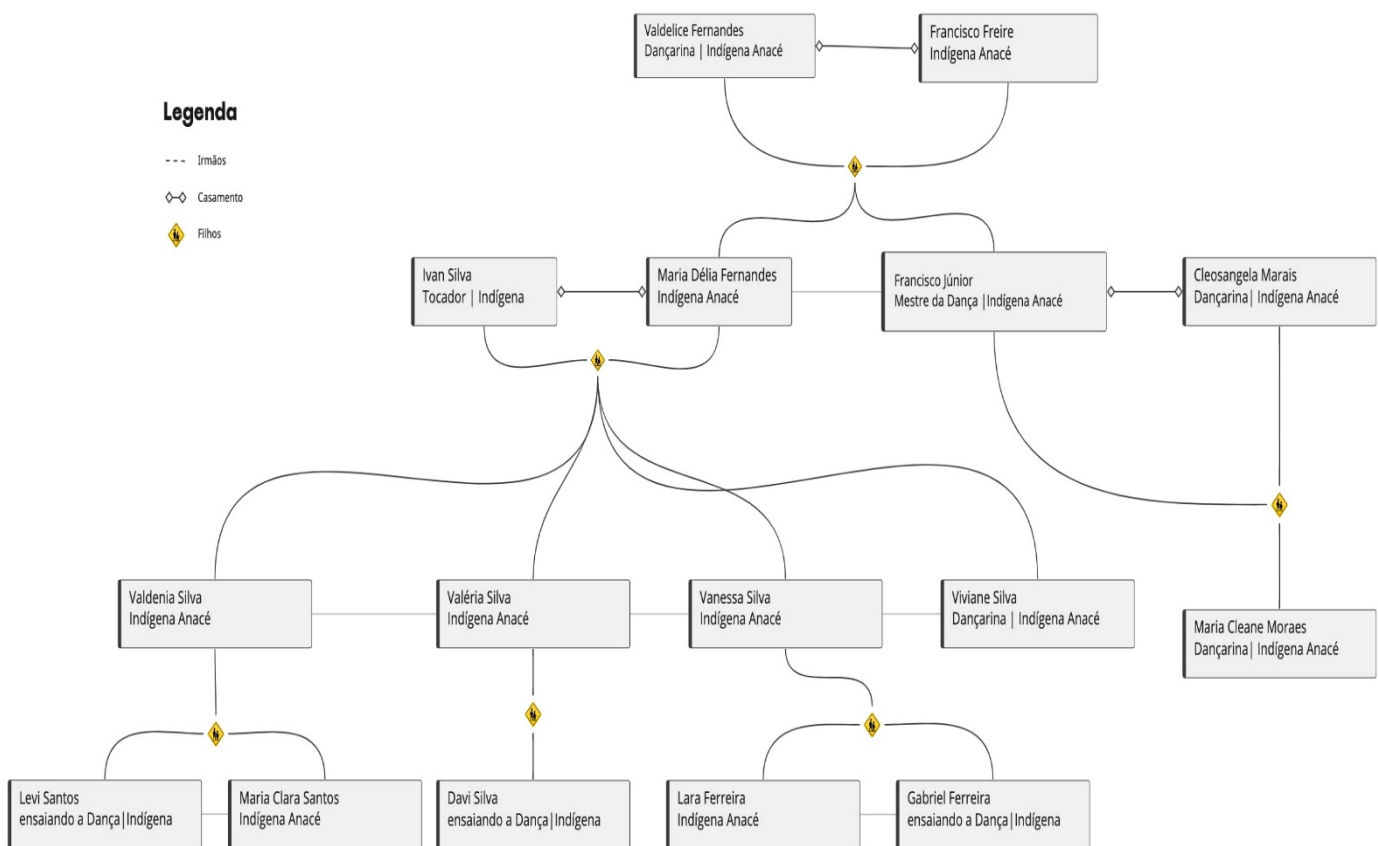
*Estou na terceira geração o Júnior dança e suas netas dançam, o que mudou da dança São Gonçalo é porque nós não estamos tendo quase a reunião nós não estamos no tempo assim, de dançar como nós dançávamos né, mas toda semana no ensaio lá no Matões. A gente tem que marcar o final de semana se tiver uma oportunidade a gente ensaia (VALDELICE, 2022).*

---

<sup>9</sup> Disciplina ministrada pela professora Andreia Lobo, no Departamento de Antropologia na Universidade de Brasília.

Os ensaios e reuniões da dança de São Gonçalo ocorrem cotidianamente de maneira que os encontros também são abertos para a participação de outros familiares, como filhos e netos. Para entendermos essas relações, recorri a Dona Valdelice que é mãe do mestre Júnior, vó das duas dançarinas, Cleane e Viviane, e após a mudança para a Reserva Indígena Taba dos Anacé tem iniciado o ensaio com os seus bisnetos Levi, Davi e Gabriel, conforme apresentado no diagrama a seguir:

Figura 01 -Árvore Genealógica de Dona Valdelice Anacé



Fonte: Autoria própria.

O início da participação dos bisnetos da Dona Valdelice na dança é também um repasse da cultura, identidade e memórias. Os momentos compartilhados trazem lembranças familiares dos antepassados que são ensinados as gerações futuras, assim, o parentesco tem um importante papel no repasse e na construção de um sentimento de pertencimento étnico no novo Território onde as famílias se encontram atualmente. Para a integração e autorização das crianças para dançar em promessas e apresentações na dança do São Gonçalo do Povo Anacé, se é pontuado

que os pais ou responsáveis precisam também gostar da dança e ter seriedade, ter respeito e seriedade no ato da dança.

Durante minha análise desse tópico, me fez pensar na relação dos meus familiares presente na dança, meu pai Raimundo é tocador, Angélica, minha irmã é dançarina e mestres, minha Mãe Ângela dança com sua irmã Clelia Angela minha tia. Minha outra tia mais nova Cleosângela irmã da Ângela e Clelia Ângela, é esposa do mestre Júnior e mãe da Maria Cleane que foi estrela e atualmente dança no cordão e nora da dona Valdelice. Um outro exemplo é a família da Dona Luiza Paulino que também foi dançarina (*in memória*), atualmente estão no grupo sua filha Silva e seus três netos: Samara e Silmara e o sobrinho Raphael e seu bisneto Artur filho da Samara que está em processo de iniciação nos ensaios da dança.

É comum entre os indígenas Anacé casamentos endogâmicos, sendo comum a união entre primos legítimos de primeiro grau, existindo também casamentos com pessoas “não indígenas”. É importante destacar que mesmo depois do casamento as famílias mantêm-se próximos, as casas são construídas próximas as casas dos pais como ocorria em Matões na Reserva Indígena Taba dos Anacé, as famílias estão organizados por ruas, o laço de parentesco também está interligado ao espaço onde vivemos. Dessa forma, podemos perceber a ligação do parentesco ao território.

No caso da dança de São Gonçalo do Povo Anacé a noção de pertencer à mesma família estando diretamente ligada à coletividade e identidade de considerar todos como membro de uma só família. Como reconhece Dona Maria de Lurdes (2022) durante nossa entrevista:

*Eu não vou esconder o que eu sou, por que isso aí já vem de raízes, e tem esses meninos aí quer ser da minha família também, longe, mas são como esse Júnior meu parente, mas acho que não muito longe não ele é Freire, e que o meu pai era filha esse Manoel não sei como é Freire. Que justamente o pai do meu pai era irmão do padrinho Manoel Geraldo vô desse pessoal aí Freire, aí todo mundo é parente de todo mundo então é uma parenteza só. Eu falo Freire a aonde vai não negar. Na dança de São Gonçalo somos uma parenteza só, todo mundo é parente todo mundo somos irmãos (Maria de Lurdes, 2022).*

O termo “parenteza” utilizado por dona Maria remete ao fato de todos nos consideramos parentes, independente das relações de consanguinidade. Um dos costumes que somos ensinados desde muito cedo é chamar os mais velhos de tio ou tia e tomar a bênção a todos os familiares e amigos, isso demonstra respeito. Além dos laços consanguíneos e de consideração

possui a relação que envolve o apadrinhamento das crianças, como por exemplo o mestre Júnior e sua esposa Cleosângela são padrinhos da dançarina Arilucia e compadres do mestre Aristides e sua esposa Luciana.

A relação de parentesco da dança de São Gonçalo tem a função de transmitir as crenças e práticas. O ritual se concentra, atualmente, nas famílias que iniciaram o processo de etnicidade e mobilização étnica Anacé, e hoje é vista como um patrimônio para as famílias e está sendo repassada pelos dançantes, como cita o mestre Aristides referente ao repasse da dança para as filhas, Arilucia e Ariana:

*Na realidade a cultura vai passando de geração não pode ficar pra trás, eu sou o mestre da dança, mas veio do meu tio, eu recebi de alguém eu tô dando continuidade e ela vão da continuidade um dia, ela vendo eu lá em casa dançando as vezes elas estava brincando por ali. Quando chegou a idade eu fiz, elas perguntava quando podia entrar quando eu vi a Arilucia tinha idade já coloquei, e Ariana do mesmo jeito a Arilucia foi a segunda Estrela né (Aristides, 2022).*

As regras, vivências e relações de parentesco fazem parte de uma cultura repassada a várias gerações. Nesse sentido, as percepções aqui apresentadas foram analisadas a partir das conversas e vivências de uma jovem Antropóloga e indígena Anacé. No processo de sistematizar toda a pesquisa identifiquei que o processo de transformação e construção das famílias na Reserva Indígena Taba dos Anacé, identifiquei os impactos e dificuldades enfrentadas, no entanto, a dança de São Gonçalo do Povo Anacé resiste com seus encantos, organização, significados e simbolismo próprios.

Fotografia 12 – Grupo da dança de São Gonçalo na Reserva indígena Taba dos Anacé



Fonte: Registrada pela autora.

## CAPÍTULO 3 - ANACÉ EM TUPI: PARENTE UNIDO

### 3.1 Mudança e ressignificação: Reserva Indígena Taba dos Anacé

*Quem somos nós sendo indígena se não for nossa cultura, se tornaria branco, ou seja, o índio tem que ter a cultura (ARISTIDES).*

Nos últimos anos, vivemos um misto de sentimentos após a mudança para a Reserva Indígena Taba dos Anacé, identifico que a dança do São Gonçalo do Povo Anacé tem sido fonte de fortalecimento no processo de adaptação no novo território. Um aspecto importante que venho observando e fazendo uma relação é de como nos organizávamos na Aldeia Matões e como nos organizamos na Reserva Indígena, relacionado a mudanças com relação aos encantados e lugares de encantos. Vem sendo construída uma relação simbólica onde vivemos atualmente, buscamos sempre a encantaria e a força que carregamos herdada dos nossos ancestrais.

No artigo “*A encantaria segundo a cosmovisão Pitaguary*” presente no livro: Territorialidade, Ancestralidade, Trajetórias e Resistencia (2021), descreve a encantaria como a proteção territorial ligada à estrutura e organização das nossas vidas físicas e espiritual, como descreve a citação a seguir:

A Encantaria, nessa dupla característica, função e estrutura, cumpre, complementarmente, os papéis de ser, de construir e de manter toda a vida (espiritual e material) dos povos indígenas. Poderíamos dizer, portanto, que ela é a alma ancestral indígena e, ao mesmo tempo, a construção social da realidade histórico-cultural dessas nações. E é por meio dos Encantados, moradores, construtores e mantenedores de Aruanda, ou seja, da própria encantaria, que se tem acesso a todo esse arcabouço epistêmico e psicossocial (RODRIGUES *et al.*, 2021, p. 61).

Os nossos Encantados, por sua vez, são seres que acompanham nossa história de luta, acreditamos que eles são os nossos guardiões da natureza, nos lugares de encantos. Na nossa Aldeia Matões, vez ou outra escultava as famílias falando das manifestações dos encantos durante o processo de remoção das matas e lagoas, minha inquietação é descrever como está sendo realizada essa conexão entre encantados, Anacé e Reserva Indígena Taba dos Anacé. Já que por muitas vezes as manifestações pronunciavam que estava contra todas as destruições que ocorriam no território tradicional “*Encantaria só entende quem vive*”.

Durante a realização das entrevistas busquei dialogar com indígenas sobre um dos nossos locais considerados encantado para os Anacé, localizado no terreno do mestre Aristides na Aldeia Matões. Algumas vezes acompanhei o ritual na Jurema sagrada, se realizava após ensaios ou reuniões da dança do São Gonçalo do Povo Anacé, não era permitido a participação de não indígenas, Aristides (2022) descreve como era realizado o ritual:

*A gente começou aqui acolar a gente juntar as pessoas que a gente via que capacidade de está lá e a gente fazer um momento lá no tronco da Jurema, no qual hoje ela ainda se encontra lá nos tinha nosso cantinho da Jurema, muitas vezes a gente fez momento com só com os pajé com as nossas pajelança pedindo força, fê muitas vezes a gente juntava ali o grupo e é isso a Jurema também de uma certa forma ela nos representa, porque existe muita Jurema, mas a gente ta falando da Jurema branca. Um local desse aí não é você que escolhe, tem o momento certo de você chegar, as vezes nem sempre aquele lugar ali vai ser o momento certo pra você fazer um toré, nem sempre é o lugar adequado, tem que ser um lugar que lhe de força da natureza (ARISTIDES, 2022).*

Em entrevista realizada com Luciana Neves (2022) esposa do Aristides, relatou suas lembranças nesse espaço sagrado e como era realizado os encontros:

*No quintal tinha um pé de Jurema, era antigo esse pé de Jurema, e aí a gente cuidava dele aí quanto terminava a Dança de São Gonçalo a gente ia para lá não ficar de boa lá conversando, eu sempre pedi para ele levar para lá. As vezes ele levava porque tinha como levar te dava certo, outras vezes não né porque também, mas algumas vezes teve a dança de São Gonçalo ensaio lá, dança mesmo promessa. Não era todo mundo que podia ir era só era só algumas pessoas né, tinha as pessoas pra ir pra lá a gente acende velas, ficava sentado de boa, era bom demais é um pé de Jurema muito, ele era muito antigo né. Aí quando terminava o ensaio alguns ir embora e os que ficava a gente vai para lá, a gente fazia oração lá embaixo, ainda tem lá isso, mas como a gente veio pra cá ficou meio (LUCIANA, 2022).*

Assim, considero que os rituais realizados na Jurema mantêm nossas relações com os encantados que se encontram em nossas matas sagradas, antes da remoção eram muito conflituosos os pensamentos e decisões a serem tomadas. Como os mais velhos comentam, toda negatividade era deixada nas matas sagradas pra que as situações também fossem resolvidas por nossos encantados. Os encantados, portanto, para nós são nossos antepassados Anacé, acreditamos que quando eles morrem, se encantam. Alguns curadores que já partiram fisicamente detinha o dom de receber ou “baixar” os nossos encantados ancestrais para realização dos rituais de curas, como descreve Sergio Brisaac e Luciana Nobrega (2010):

A corrente de Índios ou corrente dos encantados é um dos elementos reiteradamente presentes nas narrativas religiosas Anacé. Segundo Antônio Freire de Andrade, Anacé

de Matões, em entrevista ao jornal Porantim, os Índios que morreram na luta se encantaram e assim “surgiu a corrente dos encantados que vai do Gregório ao Morro do Sirica. Passa por cima do Jirau, Baixa das Carnaúbas, Baixa da Almeixa e aí brenha “na mata. Quem tiver força e poder de receber, é só passar por baixo. Eles dão força, ajuda” (Picanço, 2006, p. 6). Alguns dos encantados, portanto, seriam os antepassados dos atuais Anacé que, ao morrer, se encantaram, passando a povoar as matas de seu território tradicional. Em certos momentos, esses ancestrais baixariam nos curadores, durante os trabalhos, para realizar as curas (BRISSAC; NOBREGA, 2010, p. 5).

A “corrente dos encantados” são os guias da nossa espiritualidade e estão presentes em nossos cantos, rezas e danças. O toré como mencionado é também um ritual forte onde os encantados também se manifestam, para Grunewald (2005):

O toré está intimamente ligado às etnogêneses dos Índios do Nordeste, isto é, sociedades que passavam por camponesas e, diante da existência de um campo para suas aparições, assumiram publicamente suas identidades étnicas, reivindicando seus direitos assegurados pela União (GRÜNEWALD, 2005, p. 28).

Nesse ritual é pertinente destacar a força do toré quando compartilhado com outros povos Indígenas do Ceará, momento comum durante encontros e celebrações.

Desse modo, como situado a realização dos rituais no território Tradicional da Aldeia Matões, a partir daqui descreverei o processo de ressignificação simbólica das famílias na Reserva Indígena Taba dos Anacé, tendo como enfoque os terreiros e encantados a partir das práticas e rituais e como está sendo desenvolvidas ao longo desses cinco anos de mudança.

Uma outra ponte que abordei foi referente ao processo de construção física e espiritual na Reserva Indígena Taba dos Anacé, na entrevista com Aristides e Luciana é notório nas narrações que algumas dificuldades ainda estão sendo enfrentadas ao longo desses anos, segue o relato:

*Aqui dentro teve um toré, que ate você participou que eu acho que você que você viu a diferença, aqui tem um lugar que eu fui que eu em entrei no toré, não é só entrar na dança não é só participar, e o local a energia, força então essas coisas as pessoas que vai pegar um cajueiro vai limpar, vou fazer uma toré de baixo será que tá fazendo no lugar certo então tudo tem que ter sensibilidade da natureza ela tem que remover de um canto para o outro (ARISTIDES, 2022).*

Desse modo, Luciana (2022), ainda acentua que:

*De vez em quando a gente fica assim debaixo das arvores por ali mesmo, faz um cantinho lá, mas não como o mesmo, mas eu sinto falta. Eu penso assim no meu espaço que tinha lá nos projetos que tinha lá, eu sonho fazer um jardim o meu o ter o meu quintal gramado, aí outras coisas que eu tinha né um plano de fazer só*

*que aí de vez em quando eu fico lembrando era para mim tá lá, mas fazer o que a vida é assim (LUCIANA, 2022).*

Nossas relações com os encantados na Reserva Indígena estão sendo realizadas de forma processual, temos um espaço na mata com o nome de Terreiro Sagrado com algumas Juremas brancas onde temos realizado algumas rezas. Os encantados ainda não se manifestaram nesse espaço, no entanto em outros rituais eles se fazem presente como a Dança de São Gonçalo e o Toré. Bem no início da remoção ainda não tinha ocorrido a inauguração da Reserva, no fim de tarde em uma das ruas realizamos o nosso primeiro toré sem muitas pessoas, sempre costuma ficar no centro da roda do toré uma pessoa que sinta que a energia de quem está ali cantando e tocando a maracá é mais forte. Ao meu lado uma pessoa ficou entoadada, mas não falou nada só esteve ali conosco no ritual, aquele momento foi tão forte e entendi que foi um aviso dos nossos antepassados de dizer que segue em proteção ao Povo Anacé.

Estamos realizando novas reunificações e nossa espiritualidade e encantos nos acompanham independentes de onde estamos, desde o início dessa pesquisa em 2016, anterior a mudança as famílias indígenas afirmam que território tradicional é a Aldeia que tiveram que deixar pra trás. Nossa maior riqueza é nossa identidade e memória, os vínculos simbólicos estão sendo re-territorializado na Reserva Indígena Taba dos Anacé, como conta Valdelice Fernandes:

*Nossos guias os mensageiros de luz, aqueles toré aqueles rezadores daqueles poderosos mesmo, teve muita gente dos antepassados que eles gostavam eram muito religioso. Eles então na mata, na hora que você puxa um toré eles estão junto e ali e um momento de espiritualidade que é de você pedir as graças pra desenrolar e desatar os nos sobre sua vida ali é que tá o momento de você pedi, e pedi os mensageiros de luz os que já passaram de uma vida pra outra eles estão ali estão junto, se aqueles toré eu canto foi eles que me deram forças pra me puxa, as pessoas não entendi (VALDELICE, 2022).*

Nossos encantados são dinâmicos, pois são tradicionais e ancestrais e vivem cotidianamente conosco. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas os mais idosos repassam seus conhecimentos a força de espiritualidade o autoconhecimento no que é ser um indígena e a força da resistência que carregamos para enfrentar os momentos de dificuldades, como descreve o mestre Antônio Adelino (2022):



*E quando eu cheguei aqui logo com a minha família eu sofri. Engraçado que cada muda que muda, murcha. E o caso de cada um que se muda, pode mudar daqui para o fim da esquina acolá, tem que mudar. Tem uma coisa que fica aqui que não tá lá na sua casa. Mas aí nós passamos dificuldades, com a ajuda de Deus nós vencemos e estava vencendo. Já estava pisando firme (ANTÔNIO, 2022).*

Seguimos pisando firme e com fé, os últimos anos têm sido desafiador para as famílias a espiritualidade e o processo de construção na Reserva Indígena Taba dos Anacé não depende só de nós, mas de todos aqueles que já se forram e derramaram seu sangue pela nossa Mãe Terra aos poucos tenho visto e sentido que as transformações.

### **3.2 Terreiro sagrado: significados, medicina tradicional e práticas após a remoção Anacé**

*As matas virgens estava escura quando o luar clareou, mas quando ouvi a voz do meu povo todos os índios aqui chegou (CANTO INDÍGENA).*

Dentre os registros e observações realizados no trabalho de campo, a medicina tradicional realizada por Dona Valda sempre me encantou. A produção de remédios tradicionais está diretamente interligado à espiritualidade e ao território, tenho observado e acompanhado seu trabalho desde o processo da mudança e como está sendo construída a relação com a Reserva Indígena Taba dos Anacé. Apontarei algumas práticas e o processo da realização dos medicamentos naturais mais utilizados pela comunidade após a remoção.

Em uma tarde de domingo recebi a visita da Dona Valda em minha casa, para a realização da entrevista, ela vinha toda arrumada com seu colar de sementes e trazia mel e óleo para fazer a demonstração do seu trabalho. Percebi seu entusiasmo e importância de relatar suas experiências e conhecimento, suas palavras e rezas também sempre são bem fortes.

Valdelice Fernandes tem 67 anos e se apresenta como mezinheira do Povo Anacé e tem muito orgulho. Ela determina todo o seu trabalho com a medicina tradicional, está com aproximadamente 21 anos que ela produz o mel do caju, óleo de mastruz, óleo de angico, garrafada, lambedores, chás naturais e água do alho. Durante a conversa perguntei com quem ela aprendeu a fazer os remédios naturais, Dona Valda respondeu que tinha o dom de fazer todos esses medicamentos e tive uma instrução:

*Eu vinha muito a minha vó a minha mãe fazer remédio em casa. A minha mãe ela era espírita de nascença aí eu a via fazer, eu era muito criança, mas eu via ela fazer aí*

*eu nem sabia pra que servia, eu ficava pensando pra que tanta coisa, aí fiquei vendo. Quando eu comecei a tomar de conta das minhas irmãs que elas adoeciam, aí eu pensei sabe de uma coisa eu mesmo vou fazer. Fazia o chá do eucalipto pra dar junto com outros remédios pra febre, e além de passar a febre o eucalipto ele é antibiótico e forte, porque quando a gente toma ele imediatamente ele corrige e é profundo, dá uma suadeira tirando a febre, as impurezas todas da pessoa. Quando as minhas irmãs tinham assim uma gripe aí eu fazia os lambedores, eu pegava malva, folha de mastruz, eu pegava a papaconha, a cebola branca e um pedacinho de eucalipto pra evitar a febre, com isso tirava toda impureza do corpo, e a dor no corpo (FERNANDES, 2022).*

A medicina tradicional Anacé vem sendo repassada por várias gerações. A transmissão oral mantém viva a cultura e etnicidade que vão se adaptando e modificando com o passar dos anos. Dentro desse contexto Dona Valdelice utiliza de seu conhecimento para o cuidado, tratamento e cura permeado pelos sagrados.

As práticas da medicina tradicional realizadas no “antigo” território Matões estavam diretamente interligadas com as relações espirituais, as rezas, benzimentos e danças também que fazem parte de tratamentos espirituais e físicos, que envolve encantos da aldeia como as matas, rios e terreiros sagrados. Todas as riquezas Anacé da aldeia Matões atravessaram a emergência ética com a chegada do “desenvolvimento” na comunidade.

No texto “As Benzedeiras Anacé: a relevância dos ritos de cura na emergência étnica de um povo Indígena do Ceará” do Antropólogo Sérgio Brisaac e Advogada Luciana Nóbrega (2010), mostra a conexão com o mundo simbólico Anacé e o conhecimento com as plantas medicinais realizada pelas curandeiras Anacé em Matões como Dona Antônia:

*Dona Antônia demonstrou um vasto conhecimento sobre as plantas medicinais e seus usos, mencionando expressamente as propriedades curativas do leite de janaguba, do pau-ferro, do angelicó, da pepaconha, da hortelã, da folha de graviola, do agrião, da manjerioba do Pará, da manjerioba comum, da flor de zabumba, da vassourinha, da raiz da chanana, da folha de quebra-pedra, do mandacaru, do gergelim, da semente de mostarda, da semente de girassol, do feijão guandu, do manjericão, do cumaru, do eucalipto (BRISSAC; NOBREGA, 2010, p. 15-16).*

No trecho acima, mostra que a prática da medicina tradicional Anacé no Território de Matões era realizado por outras mulheres que dispõem do dom e o conhecimento com as plantas para a realização dos remédios naturais. Brisaac e Nóbrega (2010) dizem que todas as plantas que nós temos aqui cura. As propriedades medicinais estariam em todas as plantas:

*Às vezes [a doença] é até uma preocupação e as plantas, as naturezas, elas têm contato com o nosso corpo. Em tudo que a gente pega numa planta, ela na mesma*

*hora lhe dá força, porque é a natureza. Ela é vida e nós somos vida...” (VALDELICE, 2022)*

No processo de reconstrução na Reserva Taba dos Anacé, as famílias sentiram o impacto com as práticas medicinais e espiritualidade, os relatos que escuto da Dona Valda desde a mudança é de angústia por não encontrar suas raízes, casca e folhas. Ser arrancados da Terra que é considerada tradicional e ter que criar novos vínculos em um novo espaço é complicado. A Mezinheira Anacé narra a sua dificuldade enfrentada para a realização dos medicamentos:

*Nem tudo que eu preciso tem aqui, tem algum porque a baja do jucá aqui eu já olhei e não tem e no Matões tinha. O caju aqui não tem cajueiro que de caju abundante que de pra me fazer o mel do caju e sé tem mais caju e azedo aí não tem condição, aí vem de Matões, vem da banda da praia aí eu faço o mel assim. Nos Matões eu vou até lá, eu espremo lá mesmo e trago pra Reserva (FERNANDES, 2022).*

Apesar do impacto durante a mudança, Dona Valda não desistiu de produzir seus remédios, ela é uma das poucas idosas que ainda produz na Aldeia. Em alguns casos ela percebe a necessidade da pessoa e realiza o remédio de acordo com os sintomas, contou:

*Eu faço o chá e dou pra tomar, mas eu não cobro nada as vezes que eu vejo que as pessoas têm necessidade e não tem condições eu faço e dou, como já teve muita gente que eu nem conheço chegou lá em casa e eu fiz foi dá o óleo de angico e de mastruz (FERNANDES, 2022).*

As famílias enfatizam que são Anacé onde quer que eles estejam “*aqui é o meu lugar, não importa onde eu esteja*”. Os conhecimentos e a realização da medicina tradicional Anacé na Reserva encontra-se em processo de adaptação, já se passaram quatro anos e novas relações estão sendo construídas com a natureza e terra.

### **3.3 Relação espiritual com o remédio natural**

A medicina tradicional no olhar dos indígenas na Reserva Taba dos Anacé, sobretudo daqueles mais idosos que praticam a espiritualidade, utilizam as plantas medicinais associando aos fenômenos da natureza, respeitando os astros, encantados, vento, do ar, do fogo e tudo que nela existente tem um valor simbólico sobrenatural. O ato de usar medicamento natural é considerado como uma purificação, onde deve-se estar contrito com os pensamentos positivos com Tupã<sup>10</sup> para que esses medicamentos venham surtir efeitos.

---

<sup>10</sup> Deus na língua Tupi, corrente linguística e espiritual do povo Anacé.

Ao tirar a planta medicinal nativa da terra que é sagrada, devemos ter o cuidado de ver o tempo de retirar, a lua e a força que vem da natura que devemos respeitar o momento certo para ser usada. Todo o processo até a utilização do medicamento é tido como sagrado, um ritual de cura feito com as mãos de quem tem a ciência (BRISSAC E NOBREGA, 2010). O processo de fazer chás, lambedores, garrafas e outros remédios tradicionais começa a partir do momento em que você vai para a floresta. Você não pode chegar lá de qualquer maneira. Há um tempo adequado para recolher os galhos, cascas e folhas que servirão de matéria-prima para medicamentos segundo a mezinheira Anacé, não há planta que não cure.

Fotografia 13 – Mostra dos Remédios feitos na Aldeia



Fonte: Registrada pela autora.

Dona Valda descreveu sobre a produção da garrafada, um dos remédios mais usado na Aldeia, pra fazer leva mais de dois dias adquirindo a casca, as folhas as raízes, e nesse período ela vai intercedendo aos encantos (rezando aos mortos pedindo força e proteção) com muita fé para que aquele remédio sirva para pessoa que for usar e que leve saúde para mulheres e homens, sucesso naquilo que elas estão querendo, servindo também pra limpar o sangue e evitar doenças.

No decorrer do processo da efetuação da Garrafada que vai do cozimento ao momento de usar leva três dias, tem algumas regras para ser feito desde o manuseio das plantas, preparo

espiritual e benzimento para chegar ao ponto almejado. Fernandes (2022), “*parece que eu acerto o dia que não tem ninguém comigo, para faz ser o produto, mas parece que eu adivinho o dia de ninguém vim na minha casa*”.

Assim, fica evidente que o cuidado é realizado através da fé e dos remédios que tratam do físico, psicológico e espiritual. Durante a conversa sugeri que Dona Valda me contasse uma de suas experiências referente às pessoas que utilizaram os remédios naturais.

*Uma vez uma mulher me procurou, ela tinha uma filha de 11 anos e queria ter outra criança ela já tinha feito tratamento, tanto ela quanto o marido. Ela me procurou pra me fazer uma garrafada, mas eu queria uma garrafada e queria engravidar e eu já tomei todo remédio e todo tratamento e não sair grávida. Eu disse mulher eu vou fazer, mas a sorte é sua, aí ela foi disse assim e eu queria era que fosse um menino, aí eu disse a sorte é sua eu já te disse pois eu vou fazer e você vai tomar, aí ela foi e tomou né. Quando foi com 2 meses ela chegou lá em casa, e disse que estava grávida e já tinha feito os exames, e o que a senhora diz eu falei que ia ser um menino. Dona Valda é o meu sonho, eu disse guarda na tua lembrança, quando tu fizer o exame tem vem na minha casa e me diz. Com 5 meses de gestação ela fez o exame e deu que é era um menino, ela veio me dizer e estava chorando, esse menino vai ser um encanto dentro de casa. Pois então minha filha está aí na sua mão. Quando é agora ela tá querendo fazer outra porque quer outro filho, eu disse pra deixar quieto esse menino ainda está pequeno (DONA VALDA).*

O exemplo citado me fez refletir sobre a medicina tradicional e o cuidado em forma de espiritualidade e cura realizado com os remédios naturais. A aldeia faz a utilização dos produtos naturais e quem usa e recebe não esquece. Recentemente tive uma experiência com esse cuidado. Estava a quase um mês gripada e a imunidade baixa, Dona Valda veio em minha casa tomar café e conversar e, eu falei como estava me sentindo. Logo mais, pela tarde, ela retorna e me entrega uma garrafa de um litro com o suco de jenipapo brabo, me recomendando tomar dois dedos uma vez ao dia, no primeiro dia de uso já tive melhoras, o remédio veio acompanhado de afeto e cura.

Fotografia 14 – Dona Valda demonstrando seus remédios



Fonte: Registrada pela autora.

Assim, a ciência tradicional produzida pelo povo da Reserva Indígena Taba dos Anacé atravessa pontos geográficos, a conexão e relações simbólicas com o território Matões jamais será esquecido, entretanto novas formas de cuidado e produções estão sendo realizadas, a riqueza do território encontra-se na memória dos indígenas que nele habitam.

### **3.4 Presente e futuro: identidade e vivências após a remoção para a Reserva Indígena Taba dos Anacé**

*No pé da serra canta galo passa boi, passa boiada é ali que os Anacé estava com a Aldeia encantada (Conto Anacé)*

No dia 07 de setembro de 2022, após a pandemia do covid-19, os grupos da dança de São Gonçalo, dança do coco e lideranças da Reserva indígena Taba dos Anacé realizaram a segunda vivência de fortalecimento dos grupos e repasse das memórias de luta do Povo Anacé com aproximadamente 80 pessoas. Realizamos reuniões para a produção do Projeto Prêmio



Cultura Indígena no Estado do Ceará para adquirir verbas para a realização desse encontro, com o projeto aprovado dividimos o momento em uma vivência e uma noite cultural com rituais e apresentações para toda a comunidade.

No ano de 2021, na mesma data foi realizada uma vivência de forma compartilhada no terreiro do Sr. Antônio Adelino, onde as famílias compartilhavam os alimentos. Esses momentos desde a construção até a realização dos encontros foram importantes para a construção desse trabalho aqui apresentado, assim apresentarei a importância do repasse oralidade através das memórias dos mais velhos da Aldeia e a importância dos jovens Anacé estarem inseridos nos grupos de dança e nesse espaço de compartilhamento já que os mesmos são vistos como os próximos lideranças Indígenas Anacé, *“as mobilizações coletivas que dão sentidos às lutas políticas”*.

Fotografia 15 – Vivência do Povo Anacé 07 de setembro de 2022



Fonte: Registrada pela autora.

A vivência deu-se início no período da manhã com a mesa de abertura de representantes da cultura indígena no Ceará, seguimos a programação planejada, logo mais seguiu-se para as mesas direcionadas ao compartilhamento de memórias e narrativas dos mais idosos, divididos

em três momentos com representação dos três grupos de dança: São Gonçalo, Coco e Maculelê, os integrantes desses grupos se inter cruzam, quase todos dançarinos da dança do coco e maculelê se inter cruzam fazendo parte da dança de São Gonçalo.

Na mesa de apresentação da dança de São Gonçalo do Povo Anacé, foram narradas a história sobre o processo de resgate até o momento de organização na Reserva indígena Taba dos Anacé, destacando as lutas e resistências travadas socialmente. Tendo com a participação os mestres: Antônio Adelino, Junior Ferreira, Aristides Morais e dançarinas Valdelice Fernandes, Maria de Lurdes e Eliene Lima, segue a imagem:

Fotografia 16 – Mesa com o tema Dança de São Gonçalo do Povo Anacé



Fonte: Registrada pela autora.

Durantes as falas, percebe-se a satisfação e felicidade de poder repassar esses conhecimentos, em uma das falas iniciais Junior (2022) menciona que “*isso não pode ficar parado tem que ser passado pra frente, essa juventude essas crianças pra gente continuar*”.



Nós, jovens Anacé temos buscado fortalecer e valorizar nossa história e identidade nos mais diversos âmbitos partindo do chão da Aldeia.

Seguindo as apresentações da vivência na mesa da dança do coco, os jovens foram protagonistas desse momento relatando suas experiências na Aldeia e a importância de estar inserido nas danças e rituais Anacé, como descreve Edvania (2022) que é mestre da dança de São Gonçalo do Amarante do Povo Anacé:

*Eu sou do coco da dança de São Gonçalo, a palavra que define eu está em todos esses grupos é o incentivo. Desde nova eu moro com o vô né e o vô participava desses grupos que nós temos, ele queria sempre que eu participasse, mas eu dizia vô eu não vou porque eu tenho vergonha, ele incentivou bastante. A maioria do povo da dança de São Gonçalo naquela época era idoso, de criança mesmo era só eu e a Angelica. E hoje é criança é adolescente e deixo aqui dito para os pais incentive seus filhos, incentive suas crianças nesse movimento, movimento indígena a tarem participando dos grupos, tem gente que não participa e fala besteira né fala coisas negativas, mas se em casa você estiver dizendo as palavras positivas estiverem incentivando a eles, os de fora for falar, falou e da mais importância pra os de casa. Se hoje eu estou aqui desde o início, desde 2005 (Edvania, 2022)*

Desse modo, as práticas simbólicas e com a consciência contribuem para o fortalecimento e manutenção da tradicionalidade viva do Povo Anacé. Minha pesquisa e escrita são posições políticas e intelectual que carrego como instrumento de luta coletiva, compartilhando essas vivências e a identidade que pertencem e as manifesto como posições política e social com o compromisso de repassar também esse conhecimento para as gerações futuras.

Como descreve o antropólogo Pereira Júnior:

A consciência da sua identidade é fundamental ao intelectual enraizado, porque quando ele escreve é capaz de mobilizar capital social, político e simbólico do grupo deixando sua existência individualizada passando a existir no plano agência sendo sua entendida como a de um agente social coletivo (PEREIRA, 2003, p. 4).

Seguindo a linha de refletir sobre nossa história e identidade, descrever sobre determinadas práticas e vivências é expor resultados fruto de muita resistência Anacé, enfrentamento e cicatrizes que carregamos em nossos corpos ao logo do processo de remoção.

Isso faz desafio do intelectual que trabalha como pesquisador dentro do seu grupo pensar o conhecimento como enraizado e saber como usar sua formação acadêmica aliada à formação política tanto para refletir práticas de pesquisa, sua própria relação

com seu grupo social e as políticas enquanto intelectual engajado (PERREIRA, 2003, p. 4).

Thiago Anacé (2022) descreve a importância da realização da pesquisa engajada e da manutenção do conhecimento tradicionais no Território:

*A gente faz a gente vive sem refletir sobre isso, e a história bonita é a história que os outros fazem, a história da gente, a gente não a valoriza. A história de verdade é a que serve pra viver é a nossa, é a história da resistência então a gente precisa falar sobre ela. A gente precisa sentar aqui em uma vivência, e fazer um grande desenho grande desenho, um mapa aqui a Rute tem aquele arquivo que a FUNAI fez em 2012, então a gente precisa atualizar aquilo, pra gente fazer as relações aqui de família, quando perguntarem se é índio mesmo dizer, eu sou porque eu sou bisneto de sicrano que é casado com sicrano, poder dizer na ponta da língua pra gente poder dizer isso, primeiro ponto é falar que a vivência é necessária a gente faz e não reflete sobre aquilo que a gente faz. Eu sempre encarei o coco como uma brincadeira de um grande desafio, chama o outro para quebrar um coco e hoje aqui joguei tudo por terra, o coco ele tem seu caráter político de resistência de afirmação da identidade, ele tem o seu caráter espiritual, do tambor que lhe chama e lhe convida ele faz a relação com você, então o coco também tem muita espiritualidade da resistência que você é, então tem muita coisa no coco que a gente não discute sobre isso, até mesmo quem dança, a gente precisa discutir o que é o coco. Não tem como falar de identidade Anacé sem falar sobre dança de São Gonçalo, se eu falar de povo Anacé eu tenho que falar de coco de da dança de São Gonçalo (THIAGO, 2022).*

Desse modo, refletir na produção intelectual e tradicional Anacé, se constitui no desafio de repassar e valorizar a própria cultura e identidade que se conecta as diferentes formas do domínio do saber, sejam elas tidas como “tradicionais ou científicas”. Identifico nossas práticas como patrimônio cultural, esse patrimônio é o que nos fortalece e nos une.

Ao longo da minha caminhada na Antropologia, venho produzindo etnografias coletivas, sem o repasse do conhecimento tradicional não seria possível produzir conhecimento epistemológico que descreve os anseios do meu povo. As vivências na Reserva Indígena Taba dos Anacé têm me mostrado a importância de ocupar o espaço universitário e descrever sobre nossos rituais, espiritualidade e a resistência do povo Anacé, a alteridade de descrever sobre as memórias sociais da comunidade é um instrumento de luta e resistência para as próximas gerações.

Fotografia 17 – Roda de conversa com o Mestre Antônio Adelino



Fonte: Registrada pela autora.

Desse modo, o compartilhamento das práticas, história e rituais tem sido simbólico para o processo de adaptação e fortalecimento no momento atual em que nós encontramos em conexão com encantos. Diante do que foi vivenciado e apresentado, desempenho a autorrepresentações no campo científico da antropologia. Pondero assim que enquanto pesquisadora e pesquisada da Reserva indígena Taba dos Anacé tenho o compromisso de devolver e contribuir com meu conhecimento e trabalho acadêmico aqui produzido, para que seja acessados pelas famílias Anacé sendo usado também como registro da identidade, memória e resistência.

## CONCLUSÃO

O trabalho final do Mestrado em Antropologia buscou descrever as práticas, memórias e os encantos que envolvem o Povo Anacé, compreender a importância e a relação dos indígenas com a Dança da São Gonçalo. O trabalho produzido foi construído de forma coletiva com muitas mãos, lágrimas e rituais Anacé, em especial, com os mestres dos saberes. Diante de todos os impactos sofridos durante esses cinco anos da Reserva Indígena seguimos na construção, dia após dia, para que futuramente as próximas gerações identifique a Reserva como um Território Tradicional.

Enquanto pesquisadora indígena, as minhas observações de campo parte do processo de construção e reconstrução espiritual na nova Terra a qual é um processo em que estou inserida e envolve muitos sentimentos e memórias. Ainda temos uma longa caminhada pela frente, andando pela Aldeia identifico as mudanças físicas, no entanto, pleiteamos alçar a adaptação também da espiritualidade, não como ficou no antigo território, mas reorganizar nossas maiores riquezas que é a ciência que vem da nossa Mãe Natureza.

Os entrevistados destacam as modificações espirituais e simbólicas causadas após a remoção do ano de 2018, as famílias seguem reafirmando que o Território Tradicional é o Território que se criaram e criaram seus filhos, se mantêm as relações simbólicas e encantos com as Aldeias de Bolso e Matões. Assim, essa pesquisa denota a importância do resgate e a revitalização da Dança do São Gonçalo do Povo Anacé, tendo como incumbência da manutenção cultural e espiritual, após o processo de remoção para a Reserva Taba dos Anacé, apesar de todas as violações enfrenta a dança se mantém.

A Dança de São Gonçalo é estratégia de resistência que vem consolidando as demandas das memórias coletiva que representa o Povo Anacé, repassada de gerações em geração. E hoje, no território Anacé, a Dança de São Gonçalo e rituais têm um papel fundamental político, social e cultural, sobretudo no que concerne ao fortalecimento da identidade Anacé, através das práticas que estão sendo escultadas e reorganizadas na nova morada. As mobilizações políticas do grupo teve influencia direta na autonomia e afirmação ética Anacé.

Minhas análises desenvolvidas através das narrações das famílias Anacé apresentam que as relações simbólicas estão sendo recontadas e criadas. As lideranças da comunidade e mestres da dança de São Gonçalo ressaltam a força dos encantados nos rituais está sendo fundamental na continuidade na cultura, tradição. Além de tudo que foi apresentado ao longo do trabalho, é importante ressaltar que os conhecimentos repassados através dos guardiões das memórias, mestres e lideranças é um marcador importante por poder contar e escrever nosso lado da história do Povo Anacé.

Destaco que alguns dos interlocutores do trabalho residente na Reserva Indígena Taba dos Anacé encontram-se debilitados de seguirem participando da pesquisa iniciada anteriormente ao processo desterritorialização no ano de 2018.

Muito bem descrito no poema de Júnior Anacé, (2019):

Não é fácil de falar  
Nessa nova construção  
Pois os nossos troncos velhos  
Eles não aguentam não  
De uma hora para outra  
Ter que abandonar todo  
Seu pedaço de torrão

Ademais do que foi apresentado, cabe salientar que a produção dessa escrita também é um meio de deixar registrado para que futuramente possa ser acessado os ensinamentos repassados se mantendo viva as memórias dos nossos antepassados que estão presente em nossa luta e resistência sendo também uma forma de devolução ao meu Povo Anacé. Enquanto Anacé e antropóloga sigo na construção de uma escrita decolonial, para que também os meus parentes Indígenas se sintam representados.

Evidencio que este trabalho está em constante desenvolvimento, a conclusão aqui apresentada não se encontra pronta, pretendo dar continuidade a partir de outras perspectivas que estão sendo devolvidas ao longo dos processos de adaptação na Reserva Indígena Taba dos Anacé, pretendendo dar continuidade na investigação no doutorado em Antropologia.

Com orientação das correntes dos Encantados Anacé sigo no processo de demarcar o espaço universitário, é impossível que floresça intelectuais indígenas sem possuir alguma

crença, agradeço as forças das minhas ancestrais que me guiam, as gerações anteriores lutam pra que eu estivesse nesse espaço. Finalizo aqui mais um ciclo que leva voz de toda nação Anacé, envolvendo muitas emoções, reflexões de uma das maiores violações territoriais Anacé.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Rafaela Silveira; NETO, Pedro Vicente de Assis; SANTANA, Iara Vanessa Fraga; SOUSA, Valdênia Lourenço. **A luta Anacé frente aos “imPACtos” industriais**. Serviço Social da Universidade Estadual do Ceará – UECE e integrantes do Grupo de Resistência Ambiental por Outra(s) Sociabilidade(s). CEARÁ, 2010.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno. **Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas**. 2. ed. Manaus: PGSCA–UFAM, 2008.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno. Terras tradicionalmente ocupadas: processos de territorialização e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 6, n. 1, mayo, 2004.

BANIWA, Braulina Aurora. Mulheres e território: reflexão sobre o que afeta a vida das mulheres indígenas quando os direitos territoriais são ameaçados. *Vukápanavo - Revista Terena*, v.1, n.1, p.165-170, 2018.

BARTH, Fredrik. **O guru: o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. *In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF – FENART, Jocelyne. Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Editora Fundação da Unesp, 1998.

BOCCARA, Guillaume. Génesis y estructura de los complejos fronterizos euro-indígenas. repensando los márgenes americanos a partir (y más allá) de la obra de Nathan Wachtel. **Memória Americana**, [s. l.], v. 13, p. 21-52, 2005.

BOMFIM, Wellington de Jesus. **Identidade, memória e narrativas da dança de São Gonçalo do povo do povoado Mussuca (SE)**. Dissertação de Mestrado no Departamento de Pós-Graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, 2006.

BOUDIEU, Pierre. Introdução a uma sociologia reflexiva. *In: BOURDIEU, Pierre. Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **L’insoumission en héritage, Edouard Louis (sous la direction de)**. Paris: PUF, 2013, 185 p.

BRASIL. **Decreto n. 24.032, de 12 de março de 1996**. Autoriza a doação de imóveis pertencentes ao Estado do Ceará, destinados a implantação do Terminal Intermodal de Cargas do Complexo Industrial Portuário do Pecém e dá outras providências. Disponível em: <https://www.al.ce.gov.br/legislativo/tramitando/lei/13540.htm>. Acesso em: 25 jan. 2023.

BRISSAC, Sérgio. Os embates da questão anacé: A atuação de antropologia na efetivação de antropólogos na efetivação de direitos territoriais indígenas no ceará. *In: PACHECO, João de oliveira; MOURA, Fabio; SILVA, Alexandra Barbosa. Laudos antropológicos em perspectivas*. Universidade de Brasília: ABA, 2015, p. 281-306.

BRISSAC, Sergio Góes Telles; NÓBREGA, Luciana Nogueira. **Benedeiras Anacé: a relevância dos ritos de cura na emergência étnica de um povo indígena do Ceará.** 27ª Reunião Brasileira de Antropologia. Belém, 2010. Disponível em: [https://adelco.org.br/wp-content/uploads/2018/12/ac2b1d\\_9f59fac058c84123877621ca7c918f64.pdf](https://adelco.org.br/wp-content/uploads/2018/12/ac2b1d_9f59fac058c84123877621ca7c918f64.pdf). Acesso em: 25 jan. 2023.

CRUZ, Felipe Sotto Maior. **‘Quando a terra sair’ os índios Tuxá de rodelas e a barragem de Itaparica: memórias do desterro, memórias da resistência.** Universidade de Brasília, 2017.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade.** São Paulo: Contexto, 2011, 219p.

**Diário Oficial da União, Ceará, CE, ano 2014, n. 008, 13 janeiro 2014.** Termo de compromisso celebrado entre o Estado do Ceará, a Petróleo Brasileiro S.A. - Petrobrás, a Fundação Nacional do Índio - FUNAI, as comunidades Indígenas Anacés de Matões e Bolso, o Ministério Público Federal e a União. Anexo único, da lei nº15.510. Fortaleza 27 de dezembro de 2013.

DORNELLES, Ederson Nadir Pires. A influência do cristianismo nas culturas originárias indígenas Kaingang e Guarani e o conseqüente sincretismo religioso. **Diversidade Religiosa,** João Pessoa, v. 6, n. 2, p. 119-136, 2016. ISSN 2317-0476.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália.** São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

FALCÃO, Christiane Rocha. A dança de São Gonçalo da Mussuca. **UNirevista,** v. 1, n. 3, julho, 2006.

FERREIRA, Hortênsia da Silva Eugênio; VIEIRA, Maria Alveni Barros. A devoção dançada de São Gonçalo: saberes e práticas na constituição cultural do homem sertanejo. VI Congresso Nacional de Educação, **Conedu,** 2019.

VAZ FILHO, Florêncio Almeida. A rebelião Indígena na UFOPA e os desafios da interculturalidade no ensino superior. **Revista do PPGCS – UFRB – Novos Olhares Sociais,** v. 2, n. 1, 2019.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo (org.). **Toré: regime encantado do índio do Nordeste.** Fundaj. Recife: Editora Massangana, 2005, 330 p.

HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire.* Paris: Presses Universitaires de France, 1925.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** 2. ed. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2013.



KODAMA, Katia Maria Roberto de Oliveira. **Iconografia como processo comunicacional da Folia de Reis: o avatar das culturas subalternas**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – ECA/USP, São Paulo, 2009.

LEACH, Edmund. **Sistemas políticos da alta birmânia**. São Paulo: EDUSP-USP, 1996.

LUCIANO, Gersem José dos Santos. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação escolar indígena no Alto Rio Negro. 2011.368 f. Tese (Doutorado em Antropologia), Universidade de Brasília, 2011.

MACHADO, Cauê Fraga. “Rodativas da vida e o tudo circular”: a dança de São Gonçalo e a contra-efetuação da política no Quilombo da Serra do Evaristo/CE. **Revista Hawò**, v.1, 2020.

MEIRELES, Jeovah; BRISSAC, Sérgio; SCHETTINO, Marcos Paulo. O povo Indígena Anacé e seu território tradicionalmente ocupado. **Caderno do leme**, v. 4, n. 1, 2012.

MORENO, Daniele Cristine Gadelha. **Os quilombolas do Veiga e o São Gonçalo: memória e identidade na festa e devoção a São Gonçalo no Sítio Veiga**. Dissertação de Mestrado em Sociologia, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará – UFC, 2014.

MOURA, Fabio; SILVA, Alexandra Barbosa. **Laudos antropológicos em perspectivas**. Universidade de Brasília: ABA, 2015.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006. 233p. (Coleção Educação Para Todos. Série Vias dos Saberes n. 1). Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 186, 2008. DOI: 10.22456/1982-6524.5174. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/5174>. Acesso em: 26 out. 2022.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

PEREIRA JÚNIOR, Davi; SANTOS, Dorival. Quem não tem Santo têm Visagem: a contribuição dos santos e encantados na construção de territorialidades quilombolas na baixada maranhense. In: CARVALHO, Cinthya M. *et al.* (org.). **Insurreição de saberes 3: tradição quilombola em contexto de mobilização**. UEA Edições, 2013.

RADCLIFFE-BROWN, A. R & FORDE, D. Sistemas Políticos Africanos de Parentesco e Casamento - Introdução. In: MELATTI, Júlio Cezar (org.). **Radcliffe-Brown**. São Paulo: Ática, 1978.

RODRIGUES, Antonia Lucimar; SILVA, Francilene Da Costa; ARAÚJO, Francisco Jesus; SILVA, Nádia Luzia Da Costa; SILVA, Raimundo Carlos. **Livro: Territorialidade, Ancestralidade, Trajetória e Resistência.**: A encantaria segundo a cosmovisão Pitaguary. 1. ed. Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Ceará: Defesa e Promoção dos Direitos Humanos da Arquidiocese de Fortaleza, 2022

SANTANA, Juliana dos Santos. **Da borduna à caneta: o levante do povo tupinambá e a luta demarcação do seu território.** Universidade de Brasília-UnB. Brasília, 2022.

SILVA, Isabelle Braz Peixoto da (org.). **Povos indígenas no Ceará: organização, memória e luta.** Fortaleza: Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura; Memorial da Cultura Cearense, 2007.

SMITH, L. T. **A descolonizar las metodologias: investigación y pueblos indígenas.** Santiago: LOM, 2016.

SOUZA, A. J.; NOGUEIRA, C. L.; NOGUEIRA, P. **A desterritorialização da nação Anacé de Matões sob o olhar dos mais velhos.** Universidade Federal do Ceará, 2016.

SOUZA, Ana Cristina. **Manifestação cultural subalterna o São Gonçalo em Santo Amaro do Maranhão.** Artigo científico de conclusão do curso de pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos realizado pelo Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação – CELACC da Escola de Comunicação e Artes - ECA da Universidade de São Paulo – USP, 2010.

SOUZA, Jurema Machado de Andrade. **Os Pataxó Hãhãhã e as narrativas de luta por terra e parentes, no sul da Bahia.** Brasília: Universidade de Brasília. 2019.

SOUZA, Rute Morais. **Tabas roças e lugares de encantos construção e reconstrução Anacé em Caucaia- Ceará.** Bahia: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. 2019.

VALLE, Carlos Guilherme Octaviano. Compreendendo a dança do Torém: visões de folclore, ritual e tradição entre os Tremembé do Ceará. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, ano 9, v. 16, n.2, p. 187-228, 2005.

ZHOURI, Andréa; VALENCIO, Norma; OLIVEIRA, Raquel; ZUCARELLI, Marcos Cristiano; LASCHEFSKI, Klemens; SANTOS, Ana Flávia. **O desastre da Samarco e a política das afetações: classificações e ações que produzem o sofrimento social.** América Latina: Editora Annablume, 2016.

## ANEXOS DE ENTREVISTAS

### ANEXO A – ENTREVISTA COM ARISTIDES DO MILAGRE

Boa tarde, que nosso pai Tupã nos de sabedoria, alegria, felicidade e proteção. A iniciativa da dança do São Gonçalo aconteceu o seguinte, um ensaio na casa do Júnior meu compadre. A dança de São Gonçalo para mim foi, sabe aquela coisa que você vê se apaixonar e assim que eu vi me deu uma vontade de cair na dança, e dançar eu cheguei em casa eu disse para minha esposa que eu ainda ia dançar aquela dança ali aquela cultura eu acho que já tava no meu sangue, já era uma coisa natural. Porque assim o tio Antônio que puxava na gaita, aí o tio Tonho me puxou bora meu filho, aí entrei no cordão, entrei dancei inclusive a partir do momento em que dancei a primeira vez é como se fosse uma coisa que eu já conhecesse, é como se fosse uma dança e tivesse participado no passado como se tivesse dentro de mim aquela dança só usufruí. Então o que eu fiz dancei no cordão e quando foi depois, foi indo indo eu participando dos ensaios, participando do cordão e cada vez mais pegando amor pela dança, acabou que um dia, esse dia foi até foi até lá na casa da Dorra, e aí então foi o tio Tonho disse meu filho dá para você tirar. E na época eu dancei como Cleison, com o Gil meu pai era o Gil, e aí acabei indo tentar tirar, daí foi a onde eu aprovei junto como meu compadre. E aí foi só alegria, porque no final ouvi e senti aquela força, na realidade a nossa cultura da dança São Gonçalo ela não é só dançar, é você sentir uma força de espiritualidade junto com a cultura, ou seja, é uma mistura então quando eu comecei a dançar eu senti que ali era um futuro, eu senti que realmente eu tava no lugar certo para continuar dando amor, e até o segmento que é a dança de São Gonçalo e continuidade para os demais. Porque a dança de São Gonçalo em si ela é uma força espiritual, porque ela é uma cultura, e cultura você analisando e principalmente se ela é uma cultura indígena ela sempre vai ter força espiritual, ela sempre vai ter o uso da natureza, da terra maiores das forças maiores. Então quando você entra em uma dança tem que ter isso para você, não é só você entrar que nem o forró e outras coisas, a cultura quando é indígena ela sempre representa umas forças espiritual.

É porque na realidade a dança de São Gonçalo é feita pra gente pagar promessa, você faz a promessa e dependendo do jeito que você for fazer a gente vai lá com o grupo dançar e pagar a promessa. Ou seja, você vai arcar com simplesmente um arco, arranjar as frutas aí nesse dia tem que ter o arco, tem que ter o Santo a gente tem que montar tudo como manda o figurino. A gente tem que dançar entrar e cantar os 13 versos de chegada, e um é o verso de chegada e outro de saída junto são 13 versos. Acontece que a gente entra dança, com constrição ao mestre e ao Santo principalmente, e os mestres tira são quarenta e cinco minutos dançando direto, dependendo de com foi feita a promessa as vezes a pessoa tem feito para ser duas jornadas. Então você para um pouquinho, já começa o outro jornada.

A gente faz a primeira a constrição que é a entrada, a entrada cantando aí faz as três continências que os dois mestres faz perante a mesa, passa por dentro dos cordão, todo cordão acompanha a gente volta faz a continência de novo três vezes, essas três vezes são passado três vezes por dentro e três vezes por fora, cada vez que a gente passa as continências e continua o grupo tem que acompanhar, quando a gente para aí vai para segunda, a gente faz a continência ao Santo mais solto, que é aquela como se a gente fosse soltar a mão, é como se fosse uma oferenda aí continua fazendo três por dentro três por fora aí o povo vai acompanhando. Aí vem a parte que a gente faz a parte do oito, que a gente faz a mesma coisa faz as três continências três por dentro e três fora e aí a gente vai montar o oito, o oito é feito por quatro pessoas que é dois mestres e

de dois dançante, e todas as repete todo mundo que tá no cordão são três por dentro e três por fora cada vez a gente chega da mesa, eu e o compadre como mestre agente tem que fazer três continência, agora a pessoa que está dançando só acompanha, agora na hora de fazer o oito aí vem para frente, faz mais ou menos o que os mestres estão fazendo, isso o grupo do começo até o último né, vindo passando por dentro todo tempo. Depois vem a parte que a gente faz, que é o corte do cordão, esse corte do cordão é dado por cada mestre, por exemplo se eu iniciar, eu início do meu lado e o guerreiro que tá tirando junto comigo ele ficou me esperando, quando ele me esperar e eu venho na metade da dança cortando o cordão, já tem de voltar pra me buscar pra gente vim brincando e sapateando essa a ideia, criatividade o ar da brincadeira, que ela forma de animar. Outra coisa que tem que ser é animado, cantado batendo palma louvando ao Santo, louvando o dono da casa, louvando a pessoa que fez a promessa, gritando com o público e fazendo animação, por que na realidade São Gonçalo animado ele não é uma dança parada, ele é uma aquela dança que você tem mostrar alegria, ele é brincalhão é um Santo brincalhão, uma coisa séria ou seja, a dança sério é uma cultura indígena mais que tem que ser brincada com alegria, positividade, amor com todo o grupo todo mundo com união, que é pra não ter corta corrente, pra não ter espaço. Aí depois do caso no corta cordão a gente volta e fazer as três continência, três por dentro e ter por fora no que a volta, a gente faz o fechamento que é no momento que a gente da a mão o mestre um pro outro e fica brincando ate umas quatro, cinco rodada, e ai a gente se vira para o grupo e já levanta a mão para que os menino tá tocando pare, inclusive tem que ter os acompanhantes tocando a música de São Gonçalo e quando para a gente volta pro cordão, ninguém sair do cordão, aí a gente já vai ter voltar que quando a gente volta á a onde a gente sai cantando o último canto que é a despedida do Santo. Tem as estrelas, são as menorzinhas do grupo que é que entra o Santos quem sai, nesse momento as estrelas vai pegar o Santos e faz a saída e a gente acompanha e as estrelas os mestres e os dançarinos, e aí a gente já sai cantando, se despedido da dança de São Gonçalo.

A estrela na verdade tem que ter três coisas, um tem que se alto querer dançar, segundo a idade e de preferência os pais também gostar, porque elas vão ser a frente da dança vai ser quem é o Santo, então as vezes tem que passar um pente fino, não pô admiração mas sim que realmente aquilo que ela quer, por amor a dança, respeito e e outro levou a sério porque no ato da dança não pode ter brincadeira, não pode ter discussão, não pode ter nada disso, tem que tá tudo ali de acordo como manda o figurino, ou seja uma bendito tem um ditado que diz o seguinte, *quem foi dançar a dança deve ter o que ligeiro, pra depois não sair dizendo que tem barroca no terreiro*, ou seja barroca são essa coisinhas de dificuldade na dança ao final a gente sai se tiver duas jornadas a gente recomeça tudo de novo, após a dança aí vem a parte do arco. Esse arco vai tá ali todo bonitinho, com frutas que é o arco do Santos a maioria das vezes é feito um leilão do arco ali no momento, nas antigas esse arco era feito e o que tirava das frutas das coisas ali ficava pro Santo, ou seja, ficava pro grupo, não como paga da dança, mas é porque realmente o arco do São Gonçalo, tinha que ser do São Gonçalo. A questão do arco ele tem que ser de palha de coqueiro interessado, são feita uma palha do lado e a palha do outro as vezes é se consegue fazer com quatro palha fica mais bonita ainda, interlace ele em cima e interlace ele em baixo fica mais bonito ainda, e aí no final quem tira tudo no final, a gente coloca tudo se a pessoa tiver algum gosto e amor ao Santo ele leva o arco. A dança de São Gonçalo em si ela não é só cultura, ela não é só uma brincadeira, ela é a força é um uma dança que conquista a gente é uma dança e não deixa a gente querer ficar parado, ela mexe com a gente, você tendo fé também você está em situação uma dor uma coisa, e a fé e São Gonçalo. Comigo mesmo já aconteceu de eu falar que não podia dançar, já aconteceu várias vezes e na hora eu entrar na partida na hora entrar ao Santo e consegui dançar sem sentir nada, tirar a dança.

Quem foi sua mãe também verdade eu sou grata Deus primeiramente a nosso senho o São Gonçalo pois nos da força, nessa parte aí onde dançar mesmo dia que minha mãe faleceu foi 2006 pra 2007 na primeira Assembleia do Povo do Ceará, lá na baixa das Carnaubas onde fica localizado na casa da minha grande guerreira madrinha Lucimar, onde a gente fez todos os requisitos para receber nossos povos indígenas, nosso primeiro encontro de todos os povos, e gente ia fazer exatamente a abertura com a dança de São Gonçalo como a gente tava recebendo o povo a gente ia fazendo abertura com a nossa cultura ou seja dança São Gonçalo. E a preparação da dança tava tudo nos conformes, eu tive o prazer assim de ser um dos Mestres junto com Junior que nós tem que retirar a dança enquanto nosso grande mestre Antônio Adelino tava também junto, e ele ia tocar né na gaita, e quando foi na hora de tirar o seu Zé é um do dos mais antigos do grupo tinha esquecido uma blusa, aí eu fui buscar essa blusa mais ele ao chegar na casa dele eu recebi uma ligação onde a notícia não tão boa, que minha mãe tinha aí foi nesse momento que eu tive me manter forte, ser o guerreiro que eu sou. Porque um dia ela tinha me pedido que não que eu nunca deixasse a dança de São Gonçalo mesmo quando ela tava doente ela tinha pedido. E aí eu voltei chegou todo mundo escondendo de mim, todo mundo querendo o meu companheiro Júnior chegou para mim disse compadre meu sentimento nos vamos parar a dança, compadre pode contar eu já sei, antes da ligação eu tinha sentido uma coisa ruim mal-estar só que eu não sabia o que era né. E acabei a gente tirou a dança infelizmente eu não quase não consigo tirar dança, pedir desculpa aos companheiros e a gente fez a dança, porque além de ela ter me pedido ela sempre tava acompanhando, e naquele momento eu fiz a dança como se ela tivesse ali, em respeito a ela como se fosse a dança para ela, junto todos os guerreiros da de presente aquele momento ali respeito por ela ser uma pessoa participativa, infelizmente aquele momento ela tá partido. Ali muita gente me criticou por ter dançado, mas o meu sentimento falou mais alto depois o grupo em respeito foi todo mundo para o velório dela, chegando lá tive um grande apoio do guerreiro junto comigo, foi uma perda muito grande, mas até hoje eu a tenho no coração minha grande guerreira foi e sempre será meu no ponto firme.

Maria Milagre pelo seguinte minha mãe ela era rezadeira, benzedeira, parteira no qual eu acompanhei muito pra fazer parto dos conhecidos dela, eu a acompanhava minha. Minha Mãe rezava em criança em adulto, ela não podia ver uma pessoa doente que ela queria dar o máximo de si, ela foi sempre uma guerreira e ela era conhecida em toda região como Maria Milagre. Hoje eu quero ser conhecido como Ari do milagre em respeito a ela eu quero levar isso até o final da minha vida, Ari do Milagre, foi eu que inventei esse Ari, mas tem esse significado é o respeito a minha Mãe.

A vivência no ti Tonho três circunstância de negatividade, uma quando a gente entra na dança a gente tem que entrar todo mundo unido, todo mundo com bom pensamento não só o grupo, mas quem tá nos assistindo também e quanto tem negatividade acabou que atinge na gente, só que não foi também por causa disso na realidade naquele momento por eu está com todas as roupas. Inclusiva a primeira blusa da dança de São Gonçalo, foi a branca e quando eu levantei a cabeça na mesa me vinha a lembrança daquela blusa, porque exatamente aquela blusa foi blusa que eu dancei a última dança para minha mãe ela em vida, na mente o que eu vi ali não tinha como não, porque quando eu dancei na Barra do Cauípe a minha mamãezinha tava doente, e foi exatamente nesse dia que eu tenho que coloquei ela no braço e coloquei ela no ônibus, e depois foi colocada em frente a dança e foi exatamente aquela blusa. Então quando eu entrei dentro com cordão eu já entrei legal, e aí entre senti também uma negatividade na dança, das pessoas por a gente não ter entrado do jeito que era para entrar, porque os meninos tinha entrado pra se apresentar, eu senti que dentro do grupo tinha pessoas negativas, eu não entro atoa quando eu vou dançar, eu peço a força, você ver que às vezes eu entro brincando eu vou lá arroteio os

meninos, ali eu tô pedindo a nosso pai que nos livre de todo os maus pensamentos essas coisas, e infelizmente a pessoas dentro do grupo com negatividade não sei, e isso acaba repassado pra gente como mestre, como mestre até o trocar da banda que tá puxando a música de São Gonçalo se errar a gente se perde. Então junta uma coisa com a outra, eu não naquele dia eu a Luciana a gente tinha montada todas as blusas, aí tu imagina a força que tava o encontro de todas as blusas da dança São Gonçalo, aí mais a blusa de sentimento, que foi exatamente a blusa dançada isso me pegou de surpresa eu acabei não superando, não segurando por isso que naquela hora de parar pedir desculpa o grupo, eu voltar né e começar.

Lá na nossa Aldeia Matões a gente tinha algumas dificuldades, o povo tinha vergonha de dizia que era indígena né, a dificuldade também tinha pelo distanciamento porque lá a casa era bem mais distante era mais diferente, algumas pessoas tinha medo de falar que era indígena mesmo sendo, quando ia procurar pelo o lado da família. Se nossos antepassados lá atrás era índio como é que a gente não vai ser índio hoje, a gente é descendentes dos nossos antepassados.

A vinda aqui lá a gente tinha nossos encontros, tinha tudo tinha rodada de toré inclusive nós tinha nossa casa de apoio para se apresentar e tudo e tinha as dificuldades junto a todo o povo, no encontro quando era para ter um festival de Toré, um encontro de pajelança. Com a vinda aqui da nossa aldeia aqui no Alto do Garrote hoje nós moramos tudo perto, então hoje bem mais sensível todo mundo participar e a diferença é porque dentro dos Matões era nossas terras era onde nossos ancestrais e ficou toda uma história, ou seja estamos em uma terra que estamos redescobrimo o que era aqui nessa terra, o que é essas mata o que foi, e lá a gente ia tinha todo o conhecimento da terra como quem morava, onde era na tapera de um conhecido, um parente enfim lá gente deixou uma história deixou um conhecimento que a gente trouxe para cá para poder dar continuidade, mas as forças maior que a gente tinha, eu sou bem realista eu vejo que é lá na nossa Taba dos Anacé dos Matões. Pois lá como eu já disse tem a força dos nossos ancestrais que era lá né. Mais não deixa de aqui a gente também já tá se adaptando, tá buscando amostrar nossos demais, a nossa cultura a nossa vivência ser índio é isso é da continuidade é tentar unir o nosso povo, tentar fortalecer mais nossa cultura com o toré a dança de São Gonçalo a dança do Coco, enfim as danças que nós temos dentro do nosso grupo e apresentar para o nosso povo para que futuramente não fica para trás, os nossos jovens de continuidade. Mas para isso a gente tem que ter cuidado de nós os troncos velhos passar por nós, mas pra isso também os novos têm que ter vontade, curiosidade e tentar fazer parte dos grupos pra que o no futuro faça isso que nós fizemos no passado, ou seja da continuidade e não deixar que as culturas fique para trás. Quem somos nós sendo indígena se não for nossa cultura, se tornaria branco, ou seja o índio tem que ter a cultura e as arma na mão a nossa cultura maior é o nosso toré, nossas armas é nossa maracá, nosso cocar, nossa arco e flecha e mais o conhecimento da natureza, conhecimento da terra e o conhecimento espiritual isso é o índio isso é a força, fora isso vem nossas pinturas muita gente coloca isso que é tatuagem indígena não é tatuagem, é pinturas indígenas e cada pintura tem um significado que pena que todo mundo não tem esse conhecimento a pessoa só se pinta às vezes está colocando uma coisa na pele que nem sabe o significado, já vi gente com pintura negativa e na hora do Toré a pessoas sente e não sabe, ver uma pintura bonita eu vou fazer essa aqui mas você sabe o significado.

Então fora isso tem todas as dificuldades que a gente passou pra chegar até aqui onde a gente estamos hoje né, inclusive uma das situações que a gente passava era da família da gente, que dizer que a gente não era índio que a gente não ia conseguir chegar até aqui, não ia conseguir a Aldeia e hoje graças ao nosso pai nós estamos aqui firme e forte. Pra quem não sabe eu morava no Grigório, entre Gregório e Giral e como sempre a Jurema sempre nos representou a Jurema nos acompanhou em frente a casa, Giral e Grigório foram removidos na primeira remoção.

Aconteceu o seguinte 1993 eu e meu irmão nos perdimos o nosso pai, aí de lá para cá ou meu irmão ficou lá e eu tive que sair mais a minha mãe né, porque a mãe queria sair pra outro canto e a gente acabou indo para outro canto e meu irmão ficou lá que é até o Luizinho Camilo conhecido. E aí com passar dos tempos lá ia ser indenizado lá foi repartido o que ficou do sítio. Quando passou a indenização eu já não tava mais lá, fui morar na verde na área verde, da área verde fui morar no Torém, voltei pra Area verde de lá acabei voltando, indo pra casa do Antônio da madrinha Lucimar que era uma casa a gente morou uns tempos lá e da lá a gente construiu uma casinha no Torem. Quando foi depois a gente voltou de novo para Areia Verde, foi tempo que for acontecer os problemas eu tinha que voltar aí eu fui morar lá na baixinha, que fica na baixa das Carnaúbas um terreno do meu irmão, foi a onde eu encontrei a Jurema que ficava por trás da minha casa, e um dia de manhãzinha eu senti vontade de ir lá, cheguei lá me senti muito bem perdi permissão aos guerreiros da mata, entrei e foi um local ótimo, excelente momento assim bem gostoso sozinho conversando com Deus. E aí quando foi um dia eu vou chamar meu compadre, eu disse tenho um negócio ali que faz o tempo que eu limpei eu queria te mostrar, ele eu não acredito que tu tem essa riqueza aqui, foi nesse período também que a doutora Luciana quem acompanha nosso povo Anacé ela um dia foi lá fazendo entrevista e nessa entrevista acabou que a gente foi lá na Jurema. E aí acabou conhecida essa jurando com uma a Jurema do auto da Boa Vista, porque eu tenho um batizado Alto da Boa Vista, a gente começou aqui acolar a gente juntar as pessoas que a gente via que capacidade de está lá e a gente fazer um momento lá no tronco da Jurema, no qual hoje ela ainda se encontra lá nos tinha nosso cantinho da Jurema, muitas vezes a gente fez momento com só com os pajé com as nossas pajelança pedindo força, fê muitas vezes a gente juntava ali o grupo e é isso a Jurema também de uma certa forma ela nos representa, porque existe muita Jurema, mas a gente ta falando da Jurema branca. Um local desse aí não é você que escolhe, tem o momento certo de você chegar, as vezes nem sempre aquele lugar ali vai ser o momento certo pra você fazer um toré, nem sempre é o lugar adequado, tem que ser um lugar que lhe de força da natureza. Aqui dentro teve um toré, que ate você participou que eu acho que você que você viu a diferença, aqui tem um lugar que eu fui que eu em entrei no toré, não é só entrar na dança não é só participar, e o local a energia, força então essas coisas as pessoas que vai pegar um cajueiro vai limpar, vou fazer uma toré de baixo será que tá fazendo no lugar certo então tudo tem que ter sensibilidade da natureza ela tem que remover de um canto para o outro.

Lá na Baixa das Carnaúbas chegou o ponto que tinha horta, galinha tinha plantação de roça, milho, feijão, bananeira tudo aqui não mudou muito não, aqui é um local que tudo que você planta ela dá, depende do que você planta aqui eu tenho bananeira, pé de maracujá tudo aqui, tem abacaxi. Depende da forma que você planta e da forma que você cultiva a terra, tem alguns canto aqui que não, por ser arisco uma das coisas boas que nós tinha lá nos Matões é que lá é areia mais firme né, era melhor de trabalhar era a terra que o cultivo dela é totalmente diferente daqui, aqui trabalhando com arisco, barro então tudo isso muda, tem quintal ai que não da nada a pessoa pode plantar e não da nada, para isso aí vai ter que gastar com estrumo todas essas coisas. Essa semana mesmo eu tirei um cacho de banana que deu 29 bananas, sem colocar 1 kg de estrumo, veja a diferença varia entre local. A nossa terra aqui é 20 de frente por 40 de comprimento né, eu tinha 25 de largura por 100 de comprimento muita diferença, aqui a gente tem um poço pra todo mundo lá era meu e do meu irmão, morava perto da praia e água não faltava a gente bebia água do poço e tudo então são essas as diferenças vindas de lá pra cá.

Minha linda porque assim, se chama corta de corrente quando o grupo está dançando em si ele é uma corrente, então quando um componente sentiu alguma coisa se a gente como mestre for parar vai ter que recomeçar tudo do começo isso já tão tudo negativo. Então o que a gente tem que fazer, mesmo a pessoa tá sentindo mal hoje tem que se entregar a dança se entregar

positividade, mas ali naquele momento eu sei que situação ela tá eu tô dançando pedindo força e proteção pra ela ali, e eu mesmo tempo tem hora que eu vou lá perto dela ela já aconteceu da circular uma brincada na dança, naquele momento eu tô pedindo força e proteção os demais pra segurar o tombo, ela sente isso ai entra os pontos negativo, local não adequado para dançar, as pessoas teima em dançar como em uma encruzilhada, pode ser o momento que a pessoa tá passando a negatividade dentro do próprio grupo como eu já falei, ou tem pessoas com o mal pensamento infelizmente a pessoa que tá linda naquele momento mais frágil de espiritualidade.

De tudo isso que a gente falou um grande aprendizado para todos ,ou seja nossa dança nossas culturas do nosso povo Anacé são culturas que jamais deve ser deixada para trás, nossos costumes jamais deixar para trás outra coisa também como eu já te falei várias vezes não importa a cor, não importa da onde você vem, importa a sua força de espiritualidade ou seja o autoconhecimento no que é ser um indígena, o que é uma pintura, como você mesmo falou de você próprio que a sua primeira roupinha indígena foi de sacola.

Na realidade a cultura vai passando de geração não pode ficar pra trás, eu sou o mestre da dança, mas veio do meu tio, eu recebi de alguém eu tô dando continuidade e ela vão da continuidade um dia, ela vendo eu lá em casa dançando as vezes elas estava brincando por ali. Quando chegou a idade eu fiz, elas perguntava quando podia entrar quando eu vi a Arilucia tinha idade já coloquei, e Ariana do mesmo jeito a Arilucia foi a segunda Estrela né. Primeiro foi a Angélica e Edvania aí depois veio a Arilucia e Silmara aí depois veio a Cleane e a Viviane, que também tem a faixa etária de idade é engraçado que só tem estrela não tem estrela, tem que ser menina. Quem é estrela tem que ter responsabilidade, gosto pela dança que entre pela contrição, eu adorava quando era a Angélica possui uma serenidade né, amor. A dança não é querer, é ela te escolher não é você que escolhe ela, porque a partir do momento que ela te escolhe tu fica tão maneira de uma forma que depois tu diz assim eu consegui dançar, naquele momento tu não sabe que não foi nem tudo que escolher ela, foi ela que te escolheu. *"Raminha sobre raminha, raminha sobre raminha cada galho tem sua flor, cada galho tem sua flor ou, meu senhor São Gonçalo, estamos em seu levou"* o cordão em si é como se fosse o caule e cada pessoa em si fosse a flor, as flores é as estrelas é o Santo que está entrando que é o final. Cada galho é cada um que está dançando.



## ANEXO B – ENTREVISTA COM VALDECI FERNANDES, MEDICINA TRADICIONAL (2022)

Meu nome é Valdelice Fernandes de Moraes, sou do povo Anacé sou a mesenheira do povo Anacé com muito orgulho, determino todo o meu trabalho com a medicina tradicional. Tenho 67 anos, está com 21 anos que eu vivo trabalhando com a medicina tradicional, trabalho com o mel do caju, trabalho com o óleo de mastruz, óleo de angico e todos esses trabalhos naturais são feitos pela a minha mão.

Eu já tenho praticamente o dom de fazer todo esse medicamento e tive uma instrução de como eu poderia ter um dinheiro fazendo o óleo de mastruz. Antes eu já sabia o básico que foi justamente, o mastruz com o leite que servia pra tosse, pessoas que tava assim tossindo com dores no pulmão. Ai depois dessa instrução eu me aperfeiçoei mais na sabedoria com o óleo, depois dessa instrução eu aprendi muito rápido, foi só uma vez que eu recebi as instruções. O óleo de Mastruz ele é muito bom, serve pra garganta, ele serve pra golpe, ele serve pra dor de cabeça, ele serve pra dor de dente, ele serve pra pancada, massagear, tudo isso é óleo de mastruz, a gente pode tomar? Pouquinho mais pode.

Eu vinha muito a minha vó a minha mãe fazer remédio em casa. A minha mãe ela era espírita de nascença aí eu via ela fazer, eu era muito criança, mas eu via ela fazer aí eu nem sabia pra que servia, eu ficava pensando pra que tanta coisa, aí fiquei vendo. Quando eu comecei a tomar de conta das minhas irmãs que elas adoeciam, aí eu pensei sabe de uma coisa eu mesmo vou fazer. Fazia o chá do eucalipto pra dar junto com outros remédios pra febre, e além de passar a febre o eucalipto ele é antibiótico e forte, porque quando a gente toma ele imediatamente ele corrige e é profundo, dá uma suadeira tirando a febre, as impurezas todas da pessoa. Quando as minhas irmãs tinham assim uma gripe aí eu fazia os lambedores, eu pegava malva, folha de mastruz, eu pegava a papaconha, a cebola branca e um pedacinho de eucalipto pra evitar a febre, com isso tirava toda impureza do corpo, e a dor no corpo.

Eu fazia muito olé e vendia lá, quando eu cheguei aqui melhorou e sobre o óleo de angico eu fazia muito aqui eu vendo menos.

Eu faço o chá e dou pra tomar, mas eu não cobro nada as vezes que eu vejo que as pessoas têm necessidade e não tem condições eu faço e dou, como já teve muita gente que eu nem conheço chegou lá em casa e eu fiz foi dá o óleo de angico e de mastruz, ai quando essas pessoas usa e se sente bem ai diz pra outras pessoas, quando lá encomenda ai leva.

Muita gente vem conversar comigo, aí eu vejo e faço e dou o remédio, é uma pessoa que está necessitando eu faço questão de fazer e da. A medicina Tradicional ela vem da natureza, tanto da natureza ele é o tradicional, não é como você chegar na farmácia e você comprar um remédio pra cicatrizar, um remédio pra desinflamar, não o natural ele é perfeito pra cura.

Nem tudo que eu preciso tem aqui, tem algum porquê a baja do jucá aqui eu já olhei e não tem e no Matões tinha. O caju aqui não tem cajueiro que de caju abundante que de pra me fazer o mel do caju e sé tem mais caju e azedo ai não tem condição, ai vem de Matões, vem da banda da praia ai eu faço o mel assim. Nos Matões eu vou até lá, eu espremo lá mesmo e trago pra Reserva. Quase todos os produtos todo mundo pode usar, criança pode usar pouquinho, uma gotinha se tiver com tosse, com crise de garganta coloca duas gotinhas pronto ali é o suficiente desinflama a garganta. O adulto pode tomar uma colherinha de sobremesa de dois em dois dias o óleo de mastruz e o mal é fortíssimo.

Uma vez uma mulher me procurou lá do Matões, ela tinha uma filha de 11 anos e queria ter outra criança ela já tinha feito tratamento, tanto ela quanto o marido. Ela me procurou pra me fazer uma garrafada, mas eu queria uma garrafada e queria engravidar e eu já tomei todo remédio e todo tratamento e não sair grávida. Eu disse mulher eu vou fazer, mas a sorte é sua, aí ela foi disse assim e eu queria era que fosse um menino, ai eu disse a sorte é sua eu já te disse

pois eu vou fazer e você vai tomar, aí ela foi e tomou né. Quando foi com 2 meses ela chegou lá em casa, e disse que estava grávida e já tinha feito os exames, e o que a senhora diz eu falei que ia ser um menino. Dona Valda é o meu sonho, eu disse guarda na tua lembrança, quando tu fizer o exame tem vem na minha casa e me diz. Com 5 meses de gestação ela fez o exame e deu que é era um menino, ela veio me dizer e estava chorando, esse menino vai ser um encanto dentro de casa. Pois então minha filha está aí na sua mão. Quando é agora ela tá doidinha pra me ver e fazer outra porque quer outro filho, eu disse pra deixar quieto esse menino ainda está pequeno.

Pra fazer uma garrafada eu passo dois dias adquirindo a casca, as folhas as raízes, e com dois dias eu fico pedindo os encantos com o que faça com o que aquela garrafada, que a pessoa que for usar se de bem, leve a saúde cada um daquelas mulheres tenha grande sucesso naquilo que elas estão querendo, é pra limpar o sangue e evitar doenças no útero. Graças a Deus eu faço e as mulher toma, com três dias eu faço e dá pra me fazer e minha maior felicidade é fazer minhas coisas sozinha, e parece que eu acerto o dia que não tem ninguém comigo, tanto faz ser o produto, mas parece que eu adivinho o dia de ninguém vim na minha casa. Ali naquele momento eu rezo, ali eu peço tudo aquilo que eu pego nas folhas nas raiz no caule tudo aquilo eu peço com permissão a pai Tupã, ele é que pode me ajudar pra determinar aquilo que é bom pra saúde que a natureza que eu to trabalhando com as plantas com a natureza, pra limpar o sangue e ficar com o sangue fino isso é muito bom pra saúde da mulher, falar a verdade é preciso eu nunca usei uma pomada, eu sei o que eu faço.

Eu vendo pra todo canto, e faz sucesso vai em cima daquilo que a pessoa está sentido, quem usa e recebe não esquece não. O cuidado e a fé também saram, eu já ouvi gente dizendo que não sabe fazer igual o meu, não é as mesmas mãos nem a mesma fé e sabedoria que tem isso também. Eu faço pra minha família toda, lambedor trata muita coisa. A gente tem aquele dom que Deus dá, Deus é tão maravilhoso que ilumina tudo aquilo que é pra colocar e a gente faz e dá tudo certo o benzimento.

## ANEXO C – ENTREVISTA COM VALDELICE FERNANDES

Pela a primeira vez antes de eu conhecer essa dança em Caucaia aqui nos Matões com a idade de 11 pro 12 anos eu vi a primeira vez São Gonçalo, aí eu sempre dizia eu quero ver São Gonçalo bem pertinho de mim eu vou assistir, aí o senhor que tirava da a dança de São Gonçalo ele morava bem próximo a casa do meu pai, aí ele foi me convidou viu que eu tava muito ansiosa para mim conhecer, aí eu fui saio e nesse ensaio que eu fui ver eles me convidaram e eu ensaiei com eles, dancei uma parte com ele. Mas só que a jornada deles eram quatro jornada, eu sou dancei o ensaio com eles uma vez porque o ensaio deles eles ensaiava todas as quatro para vencer as pessoas aguentava né, aí eu fui a primeira vez eu, eu digo não eu quero ir só a primeira vez só para mim ver como é que é porque eu acho tão bonito, fiquei na lembrança fui festa que teve uma promessa muito grande, aí eu fui achei bonita, quando lá eu vim Matões pros Matões e comecei ouvir o meu sogro falando da Dança de São Gonçalo em Matões, eu tinha numa faixa sim de 18 anos quando logo que eu cheguei em Matões que eu casei fui para lá né, quando eu cheguei em Caucaia eu tinha quatro anos de idade aí de lá me casei e fui para lá foi, foi a aonde eu fiquei curiosa, Eu fiquei então dança do São Gonçalo vai ter tem no Matões aí foram o meu sogro falando Ribeiro que tinha essa dança, também eu não conheci eu só conhecia Manoel Ribeiro o Mário Ribeiro eu conhecia foi conhecendo a Maria, esposa do Mario Ribeiro mas os outros eu não tive muita amizade, e eles falam muito dessa dança mas só que essa dança foi excluída por causa que não tinha mais dançante pra dar continuidade né. Só que quando os estudos dá chegada Porto no Pecém aí que foi os estudos né, nós já tamos tava se levantando e tá na organização, porque ali o meu sogro ele sempre dizia assim eita que tá chegando meu indiozinho pequeno justamente era o neto dele, aí eu disse assim se zé índio, sim quando lá um dia o Manezão pai dessa Tonha chegou aí disse assim meu sogro dizer quando lá uma lesão Piper Castanha chegou aí foi disse assim eita menino mas aqui tá parecendo o índio, que conversa de índio. Eu fiquei calada quando lá apareceu fala e os estudos dentro das áreas e as visitas dos padres dos missionários e foi desenvolvendo, eu ficava pensando é a palavra que meu sogro dizia, eu também não dizia nada né, e foram estudando e for estudando e essas e essas coisas foi desenvolvendo os estudos, eles encontrando as peças né dos povos indígenas antigo, que da onde até eu mesmo eu não peguei porque eu não tinha direito de pegar mas eu vi com meus olhos ainda ajudei com os papéis até cobrir lá perto do Jurandir que tinha encontrado duas urnas, umas bacia quadrada e uma redonda. E tudo isso eu fui conhecendo fui ouvindo e nossa dança ensaiando e Júnior buscando para nós dar continuar o primeiro passo o a levantamento dos povos indígenas foi através da dança de São Gonçalo foi o peso maior. Depois que eles estudaram bastante os missionários visitando, fazendo os terços vendo os oratórios né porque a comunidade era muito religioso e a maioria dos indígenas eles gostavam os antigos eles gostavam de rosário, de terço de dança de cura as parteiras cachimbeira, tinha Umbanda que as cura era através do espírito aqueles que morreram que vem fazer a cor que antes quando era vivo ele trabalhava que quando eles morreram que vem fazer a cura, que antes quando era vivo eles trabalhava curando, aquelas pessoas desenvolvia né e ia trabalhar para curar aí foi crescendo aquilo e eu prestando atenção. Eu dizia assim existe, quando foi um dia eu fui perguntei quem trabalha de umbanda, quem trabalha de uma umbanda que primeiramente que eu vi pela primeira vez foi o pai de Santo Antônio Adelino, depois de um senhor que mora em cima do morro só não tô lembrado o nome dele, mas só que senhor ele não era dali ele era da banda Pentecostes, mas só que ele veio e se juntou com a criatura do Matões e ficou lá. E aquela história foi crescendo desenvolvendo, eu fui e disse existe parteira cachimbeira, existe curador de cura sem ser ritual da umbanda, existe a feitiçaria que lá tinha também tudo isso existia dentro de dos Matões. Eu tive um dia assistir não vou mentir, eu tive muitas e muitas vezes de assistir tinha a Dona Maria, que antigamente chamava ela Maria Baronica que por último ela quem viveu junta pai do seu Antônio Adelino, ela curava divinamente bem ela rezava

fazia os banhos para afastar os molhar né, e tudo isso aí os mais os mais idosos foram morrendo a tradição foi se acabando. Tinha a gente se sentava pra contar história na areia, deitado contando história na lua tinha tudo isso.

As promessas a gente fazia e a visava os rezadores os que que tirava a dança se a pessoa podia tirar, dependia do que a pessoa queria porque era muito puxado uma jornada se era duas se era três se poderia tirar naquela aquela dança depende, a gente tirou se concordava aquele tirador nem todos querem tirar quatro jornada. A minha primeira pá foi a Lurdes Carneiro, meu primeira pá pra dança de São Gonçalo na baixa das Carnaúbas aí depois mudou aí foi mudando depois eu dancei com a dancei com a Luiza Paulino mas não dancei muito tempo, aí passei a dançar com a Maria de Lurdes irmã do seu Antonio Adelino ainda hoje eu danço com ela, ta com muitos anos é tanto que a promessa dela vai acontecer mas eu vou esperar aquela entrego Santo para nós dançar no cordão menos uma jornada.

Quem fez a promessa tem que segurar o Santo, quem recebeu a graça é quem tem direito de ficar um Santo, quem faz promessa tem que oferecer o arco eles apronta o ar com a fruta né, eles aportam o arco com as frutas dá para os dançarinos, tem deles que faz o arco dependendo se tiver muito movimento aí eles fazem, eles botam em leilão o arco, eles botam leilão. Estou na terceira geração o Júnior dança e suas netas dançam, o que mudou da dança São Gonçalo é porque nós não estamos tendo quase a reunião nós não estamos no tempo assim, de dançar como nós dançávamos né, mas toda semana no ensaio lá no Matões. Hoje nós não temos, não temos por que não é isso que ele não queira, o puxador trabalha chega muito cansado os que dança estudava e hoje em dia trabalha mais ainda tem dançarino que não tem trabalho, e nem tá estudando se estuda aí a gente tem que marcar o final de semana se tiver uma oportunidade a gente ensaia.

O pé de Urucum eu trouxe a semente e já o brotinho grandinho com quê, com 5 centímetro aí eu trouxe e já fiz a muda aqui mesmo, hoje em dia tá cheio ele é um remédio medicinal tanto ele serve pra pintura indígena como ele serve para fazer o colorau para temperar o quanto ele serve para colesterol. Pra chá eu tenho a alfavaca que serve para pressão alta e serve também para a gente fazer o cozimento junto com a eucalipto para tomar o banho, o banho ele serve pra afastar o mal se for alguma coisa que tá perturbando as pessoas e se ele tiver também com febre, se ele tiver com dor de cabeça com problema de garganta se ele tiver com infecção na cabeça ele trata de desinflamar porque o eucalipto ele é antibiótico natural e alfavaca também.

O óleo do mastruz eu fazia cem óleo medicinal tradicional que ele não tem cheiro nem um ai ele foi e faltou e as pessoas me procurando, ate mesmo eu precisei ai eu fui peguei o coco raspei fiz o óleo de coco depois quando foi o outro eu fui fazer o óleo de mastruz, mas ele é muito medicinal, são dois medicinal tanto o coco como o mastruz. Porque a garrafada a mulher é assim, eu faço a garrafada para mulher dependendo a pessoa me fala de qualquer tipo de inflamação do corpo dela aí, fico eu fico pensando e vendo e vendo qual são os as cascas as folhas e as raízes as sementes que eu posso botar tem que saber o sintoma né pra eu poder fazer, exatamente aí eu vejo que e ela tá com inflamação de útero de ovário e qualquer tipo da parte inferior dela, aí o que eu vou fazer eu pego a raiz da chanana com a casca da janaguba, com a raiz da vassourinha muito refrescante e pego também a raiz da jurubeba, lavo bem lavado bato ela e mistura me faço aí pego chia amarelo pode ser também colocado a folha, posso colocar uma folha de Mastruz coloco uma folha de eucalipto toda infecção ela traz febre aí eu coloco tudo junto, quando ele vai bater dentro ele desinflama, ele passa a febre ele tirar dor então resolvido o negócio. Pra beber toma três dedinhos de manhã em jejum aqueles copos pequenos americano, ai você vai toma e toma banho e depois pode sair para trabalhar, mas só pode tomar

uma vez por dia pela a manhã, não pode cheirar e nem beber na boca do recipiente por quê, porque azeda tem que manter na geladinha, você não tem geladeira você pega a garrafa você procura um canto molhado você cava um buraco em terra e cobre ela com areia. Não deixa ninguém abrir para não cheirar, só o dono quem tira aquele tanto, agitar antes de usar a primeira vez e toda vida que vou usar você agita também para misturar né. Pro homem é quase igual também é quase igual, mas só que tem raiz e tem o cale e casca que que ninguém pode usar né, pro homem eu posso tirar a raiz da jurubeba que a raiz da jurubeba ele é ótimo para desinflamar e limpar o sangue do homem o homem se sente mal de urina aí o que que acontece, as vezes até que incha você pega o quê folhinha do torém raiz com a casca da Jurema preta você junta elas 3 e você vai colocar uma folha de eucalipto e você vai colocar semente de melancia aí você vai bota tudo para cozinhar, você faz a garrafada deixa ficar bem fininha e você coa ela, agora para manter para não azedar que que você vai fazer. Porque a medicina tradicional ela tem coisas com as pessoas que faz, porque é muito importante e tem que manter bem sigiloso né mas isso aí eu posso até te dizer, porque nessas garrafada a gente tem que colocar pelo menos quatro pingo de cachaça para conservar, o conservante da garrafada né mas você só pode colocar quando ela estiver fria não pode botar quente e outra coisa você não pode dizer a ninguém você tem que ficar na sua e também não adianta você tá dizendo para ninguém tem que ficar falando pra ninguém porque aquilo ali não é você tem algum mensageiro que esta ali pra lhe ajudar pra você esta concentrado, porque se você não se concentrar aquilo ali nada dá certo é tanto que quando eu vou fazer minhas coisas incrível. No dia que eu disse assim amanhã vou fazer o óleo, eu vou ta sozinha não chega um pé de pessoa aqui cheguei se eu vou fazer garrafada pode chegar , mas entrar dentro da cozinha eu não deixo entrar porque ali naquele momento que tá cozinhando eu estou concentrada porque se eu não tiver concentrada naquele remédio aquilo ali vai ser uma cura, é mesmo que tá bebendo água do pote, porque tudo que você vai fazer você tem que ter concentração e quando a gente trabalha com a medicina tradicional muito. Quando eu fui comprar esse óleo agora por último eu tive que passar o tempo todinho rezando pedindo e consegui esse óleo, mas eu só fui dormir depois de meia-noite que quando foi no outro dia a mulher ligou de avisando que tinha chegado. Se for para o bem e cura do meu povo a mostre, porque eu tô precisando e o pessoal tão procurando aí Graças a Deus que deu certo e eu já fiz e do dia de eu fazer eu tava sozinha como a Cléo chegou eu tava aqui sentar sozinha tá sozinha.

O momento do toré, tem que ter a sinceridade e o conhecimento do que é aquilo ali você vai sofrer mais na frente. Os guias os mensageiros de luz, aqueles toré aqueles rezador daqueles poderosos mesmo, teve muita gente dos antepassados que eles gostavam eram muito religioso. Eles então na mata, na hora que você puxa um toré eles estão junto e ali e um momento de espiritualidade que é de você pedir as graças pra desenrolar e desatar os nos sobre sua vida ali é que ta o momento de você pedi, e pedi os mensageiros de luz os que já passaram de uma vida pra outra eles estão ali estão junto, se aqueles toré eu canto foi eles que me deram forças pra me puxa, as pessoas não entendi.

## **ANEXO D - VIVÊNCIA DIA 07 DE SETEMBRO DE 2022, MASSA DANÇA DO COCO - ENTREVISTA COM EDVANIA ANDRADE**

Eu sou do coco da dança de São Gonçalo, a palavra que define eu está em todos esses grupos é o incentivo. Desde nova eu moro com o vô né e o vô participava desses grupos que nós temos, ele queria sempre que eu participasse, mas eu dizia vô eu não vou porque eu tenho vergonha, ele incentivou bastante. A maioria do povo da dança de São Gonçalo naquela época era idoso, de criança mesmo era só eu e a Angelica. E hoje é criança é adolescente e deixo aqui dito para os pais incentive seus filhos, incentive suas crianças nesse movimento, movimento indígena a tarem participando dos grupos, tem gente que não participa e fala besteira né fala coisas negativas, mas se em casa você estiver dizendo as palavras positivas tiverem incentivando a eles, os de fora for falar, falou e da mais importância pra os de casa. Se hoje eu estou aqui desde o início, desde 2005. Eu e o vô dormia na sala, aí o vô acordou e me disse minha fia eu tenho um pedido pra lhe fazer, aí eu disse pode dizer, aí ele disse minha fia eu queria muito que você participasse da dança de São Gonçalo, aí eu disse vô eu não queria não. Aí passou e eu dizendo não, aí ele disse vamos minha filha mais a Angelica, aí pronto depois que eu entrei o melhor coisa que eu fiz na minha vida. Vocês que ainda não entrada vocês vão ver a diferença que é a gente não quer mais sair, não tem essa do pessoal falar e eu vou querer sair, é muito bom é muito bom gente. Quando marcar reunião que começar, é uma maravilha só de ouvir aquele toque você já esquece até do problema que tiveram sua vida você, é gratificante demais. Então incentive as crianças que moram vizinho a vocês, não deixe de que eles não participe dos nossos grupos culturais tem em São Gonçalo Dança, dança do Coco, maculelê ainda mais como é hoje em dia a gente não tem muito o que fazer a não ser que a internet é o que mais pessoas ficam, então vamos incentivar as crianças a participar dos grupos culturais.

Então como é ser mestre né, começamos como estrelas com os participantes do grupo e hoje somos uma das mestras né é uma responsabilidade, mas que a gente aceita de coração aberto de ter de ser aceita por todos os grupos desse jeito, do jeito que todos vocês nos acolhe como como mestre. Porque vocês tem o Júnior e o Aristides né como os mestres eles estavam ali na luta, vocês ver lutando aí nós já somos mais nova né, podia dizer com essa menina misericórdia, mas vocês nos apoiam, motivam é muito, muito bom é muito gratificante a gente agradece muito a vocês e a gente faz por onde, a gente tenta fazer por onde não decepcionar vocês.

## ANEXO E – ENTREVISTA COM JUNIOR MORAES

Deixa eu só fazer uma pequena ressalva com relação à participação, tanto criança como jovem como adulto né. Uma das coisas que a gente não observa e passa um barrão é com relação a eu errei, errou fica pra trás e retoma vamos começar novamente, não pode permanecer ou ficar lembrando que errou não, o importante é recomeçar. Uma das coisas que a Edvania falou que é interessante é que tá a Dança do Coco se dança de qualquer jeito e ta tudo certo, se dança no São Gonçalo do ritmo, se dança cono no ritmo, se dança no maculelê no ritmo. E aí você que tá concentrado naquele momento você percebe que errou, mas para quem tá lá fora ta achando tão bonito que nem percebe então ta tudo certo entendeu. Então não se pegar a eu errei, errou passou foi aconteceu e agora segue de novo e continua. Assim é em outras danças, ninguém tem que se apegar ao erro tem que se apegar ao acerto e faz a coisa do certo, e tem duas coisas importantes uma ter atenção a melodia fazer um passo correto e entrar na seriedade, que é os passo a pisada né ligado. O seo Antônio Adelino falava muito da questão do gingado, quando a Angélica trás aqui é o gingado, é a dança do corpo o balança, a pisada da dança do Coco, da dança do São Gonçalo da dança do maculelê do reisado. Tem também o reisado do povo Anacé que foi também inspirada no pessoal do Pecém, acho que é interessante a gente falar, nos temos o reisado Anacé. Isso não pode ficar parado tem que ser passado pra frente, essa juventude essas crianças pra gente continuar. Acho que vem muito por conta da igreja a questão de reisado, foi incentivado e grupo diferentes cantar e fizeram seus versos do seu jeito né, da mesma forma a Dança do Coco. Ela passa pelo o litoral, ela vem do Icapuí área litorânea divisa com Parnaíba divisa com Piauí, Parnaíba Piauí. Então a dança do coco ela faz esse percurso pela a região litorânea a gente por morar próximo tem essa vivência, a gente pouco ver falar Dança do Coco na região do semiárido do sertão ou da região serra não tem a gente não ver falar, mas na região da serra é muito forte. A gente tem que fortalecer isso sim, vale a pena à juventude continuar, essa criança continuar e não podemos parar de jeito nem um porque isso fortalecer espiritualmente, fortalece culturalmente, fortalece o corpo a alma e a mente né.

## ANEXO F – ENTREVISTA COM LUCILANE PAULINO

Boa tarde, só ainda falando da Dança do Coco né, para mim Dança do Coco se resume da palavra resistência, e assim eu lembro que em 2007 e 2008 mais ou menos quanto eu escrevi um projeto para sala de leitura na época, para trabalhar em sala de aula com os alunos eu fui fazer um resgate mais ou menos com que iniciou a dança do coco. E eu lembro bem que antes de passar assim de litoral pra litoral como essa dança do coco que a gente dança hoje, ritmada pelo nosso corpo pelo o passo do nosso pé né, que cada pessoa tem o seu ritmo. E eu falo de resistência por que é uma luta de você com seu corpo, porque eu como de 8 grávida que o carron me chamando pra dançar, mas aí eu assim dizendo eu não posso eu não posso, mais é uma coisa que fala mais alto do que você. Então eu tô saindo do meu resguardo agora tá com 7 dias né, e tomara que o corpo resistência a ter uma roda de coco aqui ou não está participando. Então o coco ele é resistência, quando você sente chamado, o teu corpo te chama a está ali, e quando eu fazia essa conversa com seu Madruga ele relatou para mim, é uma coisa que hoje eu não ouvi a relatar aqui que o coco ele surgiu antes muito da década de 90 quando as pessoas estavam preparando o barro para fazer a suas casas de taipas. E aí para o seu corpo lutar com aquele cansaço preparava o barro, começava a se bater as quengas de coco uma na outra, pisando no barro e sapateando pra depois colocar na parede né. E aí eu trago comigo até hoje porque eu acho assim uma coisa muito bonita, porque a gente colocar a anos atrás há décadas, das pessoas com fome né, como foi aqui bem aqui relatado a questão com fome e cansada e tudo, mas eu preciso resistir eu preciso concluir eu preciso concluir a minha casa, então vamos procurar assim um meio em que o meu corpo ele fale mais alto, então vamos lá sapatiar um pouco em cima do barro e batendo as quengas uma na outra. Então assim como a Angelica bem falou depois que a gente conhece o sapateado do coco a gente tenta não estar, porque depois que nós vemos aqui para Reserva que instituiu esse com esse grupo de jovem, que diz assim é o grupo de jovem, mais não sinto mais jovem para estar no meio dos jovens na dança do coco. Mas aí com 8 meses de grávida eu não consigo não resistir o coco então o coco é isso né.



## ANEXO G – ENTREVISTA COM THIAGO HALLEY

De novo a minha defesa de que a gente tem que ter mais esses momentos conversar sobre eles, a gente fazer a reflexão daquilo que a gente faz, a necessidade de refletir sobre o que a gente faz o que é meio que automático entra no corpo, mas não conversa sobre o que é, sobre o que as pessoas sentem sobre o que é o São Gonçalo ensina. Então a gente tem com fazer as vivências colocar elas no nosso calendário, não precisa está diretamente conversando, aqui somos todo mundo parente. A gente faz a gente vive sem refletir sobre isso, e a história bonita é a história que os outros fazem, a história da gente, a gente não valoriza ela. A história de verdade é a que serve pra viver é a nossa, é a história da resistência então a gente precisa falar sobre ela. A gente precisa sentar aqui em uma vivência, e fazer um grande desenho grande desenho, um mapa aqui a Rute tem aquele arquivo que a FUNAI fez em 2012, então a gente precisa atualizar aquilo, pra gente fazer as relações aqui de família, quando perguntarem se é índio mesmo dizer, eu sou porque eu sou bisneto de sicrano que é casado com sicrano, poder dizer na ponta da língua pra gente poder dizer isso, primeiro ponto é falar que a vivência é necessária a gente faz e não reflete sobre aquilo que a gente faz. Eu sempre encarei o coco como uma brincadeira de um grande desafio, chama o outro para quebrar um coco e hoje aqui joguei tudo por terra, o coco ele tem seu caráter político de resistência de afirmação da identidade, ele tem o seu caráter espiritual, do tambor que lhe chama e lhe convida ele faz a relação com você, então o coco também tem muitos espiritualidade da resistência que você é, então tem muita coisa no coco que a gente não discute sobre isso, até mesmo quem dança, a gente precisa discutir o que é o coco. Não tem como falar de identidade Anacé sem falar sobre dança de São Gonçalo, se eu falar de povo Anacé eu tenho que falar de coco de da dança de São Gonçalo.

## ANEXO H – ENTREVISTA COM ANTONIO ADELINO

### Vivência 07 de setembro de 2022, mesa Dança de São Gonçalo

Eu me chamo Franciso Freire de Andrade conhecido como Antonio Adelino. Filho nativo do Matões no município de Caucaia, eu gosto tanto do município de Caucaia que não teve quem me tirasse do Matões, mas agradeço uma figura que tem aqui no nosso meio que se chama Junior. Tô aqui com muito prazer de estar prestigiando essa união de todos e passar pra vosmecê o que pode o que foi o que é o que pode ser a tradição da Dança de São Gonçalo. A Dança de São Gonçalo gente é uma dança maravilhosa, poderosa é uma cultura indígena abençoada por Deus e pelo os índios que já se foram e pelos que estão hoje, não estou separando índio nem um, todos os índios nos todos somos irmãos pode ser da onde for. E estamos nós estamos agradecendo a Deus, por tudo que não conhece a dança de São Gonçalo, porque através da dança de São Gonçalo é que nós hoje vivemos aqui unido junto dentro dessa Reserva desse canto que Deus escolheu e botou um anjo pra nos puxar, explicar e trazer nós pra cá chama-se Junior Anacé nosso mestre da dança de São Gonçalo, ele ama todo mundo e eu também e São Gonçalo também a uma dança de São Gonçalo é uma dança milagrosa, poderosa que traz alegria e traz saúde. Estou aqui muito feliz porque, eu estou dentro dos 77 anos eu ainda tenho essa alegria esse privilégio de estar participando com vocês, passando vocês o que é a Dança de São Gonçalo. Isso veio passando quando cheguei em umas alturas levei o nome de mestre da dança de São Gonçalo, meu futuro Deus levou ai eu fiquei, plantou-se a dança de São Gonçalo a cultura da dança de São Gonçalo morreu. Agradeço a Deus e Junior de buscar essa oportunidade de ter e trazer a dança pra mostrar a cultura, pra fortalecer a cultura o povo Anacé de Matões e de muitos que não conhecia, nem conhece São Gonçalo nos protegeu desde o início, ele sondou o povo pra apresentar a cultura e hoje em dia ele ainda vive abençoando cada um, quem tiver seu o alguns os problemas se apegue a ele pode ser branco, pode ser preto, pode ser pobre pode ser rico, ele abençoa ele só não tem aquele prazer de ver ninguém triste e esconder a tradição dele e o que ele era, porque importante a dança de São Gonçalo pra nós, Deus, São Gonçalo junto com Junior nós resgatemos a dança de São Gonçalo depois de vinte e tantos anos enterrada, para a cultura que não tinha quem trouxesse pra frente, ai nós juntos com o povo resgatemos a dança a tradição em que nós ir de hoje, e ela é forte ela nós protege, temos o privilegio de dizer hoje eu tenho isso aqui essa força através dele de São Gonçalo e a união de cada um, nós temos muita gente forte dentro da nossa Aldeia que ninguém nem imagine, todos são unidos todos são fortes todos tem seu privilegio e o prazer de dizer que ele é um indígena querido por Deus, São Gonçalo é tão importante, porque se você está em um momento crítico você se apegue a Deus primeiramente e São Gonçalo ele nos protege. E ela é uma festa animadíssima agora, domingo agora vai fazer oito dias que teve uma festa na casa da minha irmã, uma promessa que ela pagou através de um sonho de uma doença que ela tinha, através de um sonho com São Gonçalo e ela quando acordou se corrigiu que ali poderia ser ela ser obtida a saúde dela se ela recebesse a saúde dela, Deus mostrasse com que ela ficasse boa e São Gonçalo abençoasse ela pagaria a promessa com 2 Jornada, pra quem não sabe é o tempo de dança. Aí então ela ficou de fazer essa festa agora domingo passado, eu não vi porque eu tenho muita vontade de rir quero muito ver gente, mas não posso sair de casa na hora que eu quero nem o dia que quero, eu não posso sair de casa. Tenho três netos que toma conta de mim, mas todos trabalham a que não trabalha toma conta de casa, a minha esposa é cadeirante eu não posso abandonar ela por dinheiro nem um, porque ela foi e sempre será a minha vida depois de Deus e São Gonçalo. Mas hoje só tem uma pessoa que faz isso comigo, só tem uma pessoa não estou agravando a ninguém aqui e nem da Reserva toda de lá de fora, mas tem duas pessoas se

chama Junior e Aristide os dois mestres que foi escolhido por Deus e São Gonçalo, eles são os nossos mestres, no momento que eles necessitarem de mim, ele faz eu acompanhar em evento come ele já fez e pode fazer a qualquer momento, qualquer hora e qualquer instante. Então o que eu tenho a dizer é que a dança de São Gonçalo ela é uma tradição feita pelo os índios antepassados e esses índios foi dominado por Deus e São Gonçalo. São Gonçalo colocou essa tradição para o povo, essa imagem de São Gonçalo com esse instrumento. Esse era o instrumento de São Gonçalo animar o povo dele, ele tocava pra animar o povo quando o povo via aquela música, de esperta o sono. Ele via que o povo não tava se satisfazendo só ele tocava pra distrair o povo, eles querem é dançar, vocês querem é dançar, foi ele que inventor a música o baião da nossa dança de São Gonçalo pra eles dançarem, mas não homem com mulher, mulher com mulher e homem com homem porque aonde tem uma mulher e um homem agarrado dançando tem a maldade, e o homem com homem ele não a maldade. Aí ele colocou esse povo aí ele dizendo lá na frente essa tradição é pra passar de geração e geração pra não morrer não se acabar, e levar meu nome para todo mundo enfim quem tiver quem tiver seus problemas chegue para mim se apegue a mim vogue a mim a Deus primeiro e se Deus me permitir eu farei a vocês o que vocês têm vontade isso era ele dizendo para o povo. Como hoje em dia tem essa festa que ele deixou para o povo dançar, homem com homem e mulher com mulher, mas em louvor a Deus primeiramente e a ele. Hoje nós vevi feliz depois que nós resgatemos a cultura, ele tem feito tantos milagres por nós esse Junior, Aristides e dona Valda junto com uma mulher que Deus já levou ela, onde era dona Valda Junior e o compadre Jorge Né se juntamos e formamos um grupo para falar a respeito da dança de São Gonçalo aí então é então era o povo de força. Dona Valda é a nossa rainha mesenheira do nosso lugar da nossa Aldeia, quem tiver alguns problemas de doença procure a ela, que ela ensina o remédio só que ela não vai pegar da o remédio, ela tem a força dada por Deus e São Gonçalo pra ela fazer aquela pessoa se sentir feliz através da mesinha dela. Aí então gente eu to muito feliz aí eu vou finalizar aqui deixando meu abraço pra cada um e passando pra vocês o que a dança de São Gonçalo, que é milagrosa é poderosa é valiosa e eu escolhi aí dois mestres para permanecer no meu lugar que eu era um dos mestres passei pra o Aristides e passei para o Junior, hoje em dia os dois mestres de fiança porque foi Deus que botou aquele dom pra me escolher essas duas pessoas que são pessoas que eu posso considerar como os mestres de fiança para trazer a cultura até hoje, até amanhã até depois até quando eles poderem. Aqui fica meu abraço e muito obrigado e desculpa a minha lorota e tchau.

## ANEXO I – ENTREVISTA COM ARISTIDES DO MILAGRE

Bem bom dia a todos como nosso mestre já falou sou Aristides, mas conhecido como Ari do Milagre em honra a minha mãe conhecida como Maria do Milagre. Quero agradecer diante mão o nosso guerreiro ali o Padre que ele fez eu viajar, não poderia deixar de falar isso, você falou entre Gregório, pois é lá que eu morava lá é nossas terras, quando o senhor começou a falar é como se eu tivesse revivendo é como se eu tivesse lá naquele momento e isso é maravilhoso saber que tem pessoas que representa, mostra pra gente que a gente consegue viajar no passado. Porque o que seria de nós sem o passado o presente existe porque teve um passado ou seja todas as nossas culturas que existe hoje porque tem um pacto com antepassado nosso, tais como a nossa dança de São Gonçalo que é uma grande honra hoje eu ta fazendo a parte que é como mestre junto meu guerreiro ali, eu costumo dizendo que eu sou o último da raiz, fazer com ditado ou seja eu não conto que eu sou o segundo mestre eu sempre conto que primeiramente Deus, o ti Tonho que é um dos troncos velhos que nos repassou esse conhecimento e o Junior e eu por último. E uma das coisas que quer dizer para todos vocês que cultura a gente não deve deixar morrer, porque é maravilhoso ver pessoas hoje fazendo aquilo que a gente fez no passado essa juventude, eu adoro quando eu vejo essa juventude participando, porque um dia nós participemo um dia nós levantemos, levando não passando vergonha a pessoa de casa mesmo dizendo tu é índio tu é isso não, a gente bater no peito e enfrente dizer nós somos, nós estamos cultura e até chegar o ponto de hoje ver pessoas falando da nossa cultura do que se torou-se hoje então a dele também falou coisas que parece que a gente viaja. Então cultura é isso pessoal não tenho vergonha de mostrar o que tem, não tenha vergonha de mostrar a capacidade de cada um, somos o que somos as pessoas têm de acreditar e valorizados na nós como somos, seja ele indígena seja o que for, mas nós somos isso. Eu tenho orgulho de dizer sobre indígena até o último suspiro independente eu sou, então que que acontece as pessoas hoje eu acho que na dança de São Gonçalo a gente pagou a promessa agora eu me senti honrado, e a gente fazer um aniversário de um componente da nossa dança de São Gonçalo que foi a guerreira ali, e até do momento a gente falou sobre essas guerreiras que participam e isso nós da força de continuar como esse aqui um dia passou para a gente. Então eu sempre digo isso aqui pessoal como a gente fala muita gente deve dizer que a gente só repete não, eu quero que vocês entendam uma alguma coisa o que seria de nós se não fosse os velhos, o que seria de nós para nós achar o conhecimento se não fosse ele nos passando, quantas pessoas quantos filhos quantos netos não deixaram dos outros que trabalham. Então eu peço a todos vocês que dê continuidade, tente não deixar nossa cultura morrer, pois um dia vocês vão lembrar o Ari falava muito, como o ti Toi mesmo diz mas é não é que serve eu falar não tem conhecimento, pessoas aqui tá buscando ter conhecimento o grande guerreiro falou uma coisa de tentar abrir mais o leque eu sei falar uma coisa da dança de São Gonçalo e cada dia que passa eu como o mestre a gente ta aprendendo, mensagem para vocês o sábado não é o que sabe é o que tenta aprender e mais sábio ainda é aquele que repassa. Porque uma das coisas que jamais eu vou tirar de você seu conhecimento isso você passar por demais, então o que acontece vai criando um vínculo de passar de geração em geração então não tenho vergonha de soltar o conhecimento não tô com vergonha de repassar, pois eu sinceramente me sinto mais do que satisfeito tá aqui hoje, eu tenho exemplo eu tenho minha esposa tenho as minhas duas filhas e fui passando de geração em geração, se amanhã eu partir eu posso fazer o que eu sei eu ouvi que tem alguém que apresentar vai ter alguém que vai dar continuidade futuramente com certeza elas vão passar para outras pessoas, e isso vai dando continuidade à Cultura a raiz o conhecimento. Porque a dança de dança São Gonçalo ela não é só a cultura ela faz parte da nossa Terra, ela faz parte do nosso antepassado ela é riquíssima como a gente fala nesse ponto, o nossos antepassados que já foi então nesse

momento eu tenho certeza que tem muitos partiram que fazia parte da nossa Dança de São Gonçalo, quando a gente fala parece que a gente ta vendo todos talvez muito aqui não entenda ta falando assim o Ari assim. Eu cheguei e dentro da roda que vocês estavam eu não entrei, mas talvez eu tava mais dentro aqui do que vocês imaginam e o canto que você estava cantando por incrível que pareça me representou chegando, então isso é conhecimento que a gente tá buscando e cada vez mais vai abrindo um leque e até um cantar um toré seja ele representa qualquer um de nós. Então você mais fala eu quero agradecer cada um de vocês que está nos prestigiar esse momento, os meus guerreiros que vieram de fora bom uma das pessoas que eu não posso esquecer que ela tá bem de ladinho ali a Doutora Luciana, que está desde o começo está sempre junto e misturado com a gente. E esse guerreiro aqui que eu vou ficar elogiado pois ele me tocou muito eu não posso deixar de falar na primeira Assembleia de 2007 foi quando perdi minha mãe por isso que eu sou conhecido como Ari do milagre aí fez uma mistura não sei se vocês perceberam para ficar bem até a Luciana calma. Muito obrigado a todo mundo bom dia que nosso pai Tupã nos abençoe e nos proteja sempre, e fica aqui um forte abraço uma do Ari do Milagre uma das coisas que eu quero dizer a vocês seguimos em frente firme e fortes, que todos sejam abraçados não por mim, mas pelo o nosso Pai Tupã, tenham todos um ótimo dia.

## ANEXO J – ENTREVISTA COM VALDELICE FERNANDES

Bom dia mais outra vez qual a força da natureza, com a força da encantaria com a força daquele que passaram por essa luta por essa dança, quero convidar a dona de Lurdes a mulher de Seu Jorge Né que esteja presente aqui na mesa que são as três mais idosa da dança do São Gonçalo. Foi o inicial da nossa dança da nossa luta da nossa força, que nós colocamos e a força e a fé em Pai Tupã senhor São Gonçalo que nos deu uma resistência pra esta onde até aqui com esse fortalecimento e com essa nova gerações, porque eu já tô na terceira geração da minha família, e eu a minha neta e meus bisnetos que estão entrando o meu filho em primeiro lugar, eu sou a mãe é o filho a neta e os bisnetos são quatro gerações, são guerreiros de dentro dessa dança de São Gonçalo. Me sinto honrada feliz e com muita fé na nossa luta e também dizer que a força de Pai Tupã e a força de nossa luta das nossas conquistas em tudo que nós passamos isso aí é luta nossa, nós somos perseverantes quantas vezes eu chorei e dizia assim meu Deus como é que vai ser a nossa vida daqui para frente, como é que eu vou fazer pra mim poder continuar dentro dessa luta, por causa do medo por causa que o povo dizia assim como é que tu quer seguir um caminho se tu não conhece, aí eu ficava pensando meu Deus me dá força me dá para mim poder lutar junto com meu povo, e nisso eu continuei meu filho dizia assim como que nós vamos lutar, eu digo meu filho nós somos fortes vamos buscar nosso povo vamos conversar vamos se reunir debaixo dos pé-de-pau. Hoje nós estamos felizes estamos de baixo dessa sombra nessas cadeirinhas, nós sentava no chão, nós sentava no pau botava assim em cima do strip e se sentava pra nós fazer a nossa reunião, quantas vezes nos colocamos lamparina de baixo do cajueiro um pé de goiaba e nos era tudo felizes, fazendo a base de uma luta que é a luta do Povo Anacé história do Povo Anacé, alguém dizia assim é o bando de abestado não sabe de nada. Mas nós vamos buscar, pessoas de dentro da minha casa dizia assim mulher se sai disso é perigoso as pessoa vai é te matar, eu digo mata mas eu continuo a minha história vai ficar, vocês não confia em mim mas vai ficar quantas pessoas dizem assim eu vou dar fim na mãe no filho e na cunhada, isso era eu os lutador do início no pontapé da nossa história dentro de Matões, as pessoas que dizia assim aí ela vai passar mas nós não encontra um pra da fim nessa mulher, com essa história negócio de Índio que aqui não tem. E eu ali pisando firme e forte ainda hoje estou aqui pessoas que dizia vamos da fim neles acaba com isso aí, quantas vezes chegava gente na minha porta em um carro todo fechado batendo foto da minha casa e dizer assim essa daqui, e eu na janela só olhando brechando pela a janela aí dizia aqui é a casa dela e a casa do filho dela, aí começou a desunião a desunião mas sempre mostrando aquele povo buscando aquele povo e dizendo vamos lutar junto não é do jeito que o povo diz vamos acreditar em nós somos indígenas que nós somos povos, vamos tem a nossa na nossa reunião vamos lá pra cassa da Dorra, minha casa vamos ter a nossa reunião resgatar a nossa cultura a nossa história que a dança do São Gonçalo através do Padre Hélio dos Missionários de todos aqueles que já vinham lutando que era o povo do Bolso. E nós fazendo reunião participando de reunião no bolso debaixo de umas mangueiras que eu acho que era lá debaixo da mangueira na casa da Socorro da tia Isaura, participei muito de reunião às vezes eu dizia assim estou tão cansado mas eu vou nunca deixei de participar momento algum toda vida quando dizia assim tu vai? Eu dizia assim vou deixo tudo e vou nunca deixei de participar nada de dentro da luta do movimento, se hoje eu não participo de tudo mas eu agradeço muito a força do pai Tupã a força da natureza a força da encantaria que me fortaleceu para mim ainda hoje está aqui falando, eu não tenho medo de chegar em lugar algum e falar com ninguém não tenho medo, me sinto feliz me sinto aquela pessoa que naquele tempo eu temia um povo porque o meu conhecimento era muito pouco, mas quando eu comecei a ter amizade a chegada do CIMI na minha casa aí me fortaleceu abriu os horizonte, aí elas começaram a dizer vamos viajar para você apresentar

o seu povo que a senhora é uma guerreira, eu digo irmã eu nunca saí daqui mas eu vou a primeira viagem que eu fiz foi pra Brasília nunca tinha andando de avião e eu dizia eu não acho que eu vou morrer, aí a irmã Odila foi fez esse convite dona Valda a senhora vai viajar, aí eu disse porque o que eu vou fazer? a senhora vai participar 8 dias de uma teologia indígena e apresentar o seu povo, eu fui e disse assim vixe mas eu vou é aonde você vai ter conhecimento de todos os povos do Estado do mundo inteiro. Eu digo ai meu Deus que vai ser de mim dessa vez eu nunca saí, mas eu digo irmã eu vou, pois arrume suas malas o voo vai sair as duas horas da manhã, e a senhora vai lá para nossa casa, eu digo eu vou eu mando vim lhe buscar em casa eu digo ta certo assim com aquela dorzinha porque nunca tinha saído né e fui. Quando eu cheguei lá que vi todo tipo de índio eu fiquei Meu Deus agora eu reconheço que eu sou, aí eu fui do meu coração aquele reconhecimento tão forte que eu me a retirei e chorei de alegria (emocionada) que eu era Anacé e tava representando toda aquele meu Povo Anacé, aí eles disseram você vem da onde eu digo eu vim do Ceará, quantos vieram do Ceara Anacé? sou eu você tá representando o seu povo aí foi uma salva parabéns de maracá de você ter aquele conhecimento aquela força, coragem que você precisar apresentar seu povo eu digo ai meu Deus vai passar 8 dias no curso, participei oito dia do curso tendo aquele conhecimento, vendo as falas as pintura, vendo os vestuários deles, eles chegavam para mim e começava a falar Meu Deus aonde eu estou me da força porque eles querem ter o conhecimento da resistência do meu povo na fala dele eu meditava, eu digo tudo aquilo que ele fala para mim resistência é uma força comecei ai eu comecei a pensar, eu digo que me trouxe aqui foi a força a resistência o conhecimento da Dança do São Gonçalo que tudo que nós temos foi a nossa luta o nosso conhecimento, o que trouxe a nossa dança do São Gonçalo foi muito grande muito grande, e uma resistência e um conhecimento trazemos até hoje. Nós se apresenta o que que eles falam? olha esse grupo é forte esse grupo ele vem com história tão grande que nós precisamos ter um conhecimento e o conhecimento é esse que nós estamos tudo junto pra nós falarmos pra nós ter aquela profundidade de tudo que nós passamos, mas lutas e trazendo a nossa dança a nossa resistência a nossa história como foi que nós temos até hoje o fortalecimento de nós indígenas, foi a nossa história nós temos a nossa Terra, nossa educação a nossa saúde porquê sem Terra sem educação sem saúde nós não vivemos. E foi o que nós trouxemos da nossa resistência da dança de São Gonçalo foi isso aí que nós trouxemos foi o que nós buscamos hoje, até hoje e a resistência do povo Anacé são as guerreiras somos nós que ate hoje nós estamos dançando estamos mostrando para juventude para as crianças e tamos resgatando aquilo que é de direito de nós passando de geração para geração, meus bisnetos pergunta bisa como foi que tu chega a esse ponto de trazer nós até aqui? Com essa dança tão bonita, eu digo meu filho olha eu tô desde do início, ele foi disse assim bisa mas eu acho tão lindo que eu vou dançar mais meu primo pra senhora ver, isso são meus bisnetos são dois, aliás são três eles tem até o gingado pra dançar, eu digo Parabéns. Ai ele diz assim não é só São Gonçalo não eu puxo ate o Toré pra senhora vou buscar minha maracá quero que você veja, eu me sinto feliz meu povo dentro da luta do movimento indígena dança do São Gonçalo ela é forte ela é firme é um Santo poderoso, é um Santo que cura é um Santo que nós tivemos muita fé e graças a Deus a Pai Tupã até hoje somos fortes grato na nossa religião que é a dança de São Gonçalo. E a dança do São Gonçalo está de parabéns todas as culturas dos anacé outras e outras culturas do nosso povo são muitas culturas, são muitos povos e cada um tem sua cultura diferente é isso gratidão pela nossa fé pela nossa cultura pela nossa resistência de um povo guerreiro. E um bom dia obrigado e até a próxima

## ANEXO L – ENTREVISTA COM MARIA DE LURDES

Primeiramente bom dia para todos, eu quero primeiramente da início falando da dança de São Gonçalo. Eu mais o meu irmão Antonio Adelino ali nós era pequeno, mas muito curioso ele disse comadre bora dançar a dança do São Gonçalo? eu digo, mas a onde foi que tu já viu, não, mas vamo dançar eu já ouvi então vamos. Nós pegava tambores antigamente não tinha cadeira, botar uma imagem do meu pai pegava umas flor fosse de cajueiro fosse de qualquer coisa que nós ia dançar a dança de São Gonçalo eu pegava dois pra fazer o oito, aí nos ia cantar aquela cantiga você sabe como é era como num era mas nos falava de São Gonçalo. Nos dizia assim, ele dizia pra mim quando nós crescer e nos tiver oportunidade de haver uma dança de São Gonçalo nós vamos dançar no cordão eu digo se Deus quiser, então se ouvi uma dança lá na tia Bela, antigamente era doze jornadas durante a noite, o tirador era o tio Mario Ribeiro e o tio Manuel Ribeiro com as duas esposas, ai eu fui e disse assim Antoi nós vamos dançar ele disse vamo, ai eu disse como é que tu vai dançar meu irmão se eu tô vendo que é homem com homem e mulher com mulher disse não a gente da um dá um jeito meu pá foi a comade Lisinha filha da tia Bela. E ele arranjou o menino para dançar com ele, nós nunca precisamos de ensaio não, o nosso ensaio foi como eu tava dizendo foi no tamborete botando o santinho e botava aqueles pau pra fazer o oito né como hoje é de costume na dança de São Gonçalo. Então se foi muito muito bom a nossa juventude eu mais meu irmão, e eu também outra coisa que eu não sabia na minha vida que era índio, não a depois que eu casei eu morei em um canto gente que o povo conhece, abaixo do Alto da Cruz ali era um lugar dos Índios e ninguém sabia, meia noite eu ouvia muitas batucadas sem saber o que era né, eu dizia meu Deus que batucada é essa perto da minha casa, mas eu fui uma pessoa que nunca tive medo de nada tinha muita fé em Deus né. Pronto ai esqueci eu não sabia, aí passou o movimento dos índios eu dizia eu não sou Índia, quando apareceu a história de reunião, apareci lá ai meu irmão disse assim come vai ter reunião lá no tio Chagas, vai ter a reunião lá na casa Pintão ta entendendo eu quero que você participe. Ai nos fumo conversando e fumo entendendo o que é era o índio, aí eu fui declarei que a minha bisavó era índia e foi pegada na Amazonas a dente de cachorro então se daí eu reconheci eu sou uma Anacé, eu e meus filhos meu irmãozinho aqui que nós somos dois mais novo né. E graças a Deus eu sou muito feliz muito grata de hoje o praticamente como a companheira ali disse uma guerreira né. E mais o meu irmãozinho aqui nos se bandeira do mar para onde nós fomos de noite? Pro morro que se chama é o morro que tem a moradia de índio fomos arrastados pra lá, quem foi buscar nós meu pai o meu pai os encantados, ele baixou o índio o encantado e foi buscar nós tamanha oito horas da noite né. Eu sei que sou grata a Deus a senhor São Gonçalo agora domingo passado paguei uma promessa que a dez anos eu tinha feito essa promessa, e to muito satisfeita porque não to muito como eu desejava ser mais e mais e mais, mas ficou na história a minha promessa graças a Deus hoje eu me sinto feliz de ter pago, de ter como comemorado meus 73 anos que eu ia só pagar a promessa mas eu tenho uma filha que é uma guerreira foi e disse mãe vamos comemorar seus anos vamos comemorar seus anos. Eu fiz uma promessa ao senhor São Gonçalo e fui valida meu irmão foi fazer o arco, eu fiquei mais triste porque não tava porque na época que eu fiz a promessa com São Gonçalo foi em sonho, eu pensava que eu tava com aquele problema que se chama câncer, mas não era ai eu fiz uma promessa em sonho com senhor São Gonçalo que se eu ficasse boa daquelas dor que eu sentia eu mandava fazer uma dança de São Gonçalo, duas jornada tocada pelo o meu irmão na gaita. Na época ele tinha resistência pra puxar, mas agora não deu porque ele já tá de idade mais do que eu né o forgo dele não dava para ele tirar nem uma jornada, porque eu tenho que entender também as coisas. Falei com o pai do Caio primeiramente porque ele falou comigo meu irmão, o pai do Caio disse tá tudo beleza a gente faz com muito gosto, e até que foi realizado o meu



sonho de eu pagar a minha promessa agradecer a Deus primeiramente e senhor São Gonçalo os dois mestres que e Júnior que é meu primo e o Aristide que são os dois mestres de hoje né, antigamente era meu irmão mas o Domingo nosso primo também mas a depois ele viu que não tava dando pra ele continuar ele passou pro Aristides e pro Junior. E isso é o que tenho pra dizer para vocês, que tô muito grata a Deus e o São Gonçalo se eu aturava mais uns anos de vida que eu não, sei quem sabe é Deus que nós traz nossos dias com Deus tá escrito, que tem o aturar mais um tempo eu posso mandar fazer outra dança de São Gonçalo lá em casa porque muita gente gostou, adorou né dizer para você é muito obrigado.

## ANEXO M – ENTREVISTA COM JUNIOR ANACÉ

Então pessoal bom dia a todas e a todos mais uma vez, vou focar aqui mais na questão da São Gonçalo e como já foi falado aqui por alguns atualmente estou como mestre alguns falaram aqui. E a dança de São Gonçalo é mais do que centenária tem muito mais de 100 anos ela foi trazida por um senhor chamado Antônio na época dos cueiros que o seu Antônio Adelino chegou a relatar pra gente, a quem primeiro dançou a dança de São Gonçalo na Região do Matões lá na região ali do CIPP foi Mario Ribeiro, Manoel Ribeiro que era dois irmãos irmão e depois a Odete Ribeiro e a Maria Ribeiro então dançando até mais ou menos final da década de 60 no início da década de 70 e foi ficando mais escasso foi diminuindo as apresentações. E aí que acontece a gente escutava falar na minha época né minha mãe escutava sr. Antônio Adelino e outras pessoas falar que tinha existido a dança de São Gonçalo e que era uma dança muito bonita eu nunca tinha assistido. Então fiquei curioso para saber pra ver como era, nunca tinha escutar o cântico eu nunca tinha escutado ninguém tocar mas aí eu tinha muito respeito pelas pessoas idosas, eu não gosta de falar a palavra velha que fica muito no passado gosto de falar a pessoa idosa com muito carinho e respeito que eu tenho por cada um que está aqui principalmente que tem a sua terceira idade. Então busquei seo Antonio Adelino e um grande amigo que eu tenho respeito de um carinho que é o seo Jorge Né e o Biagua que é o filho do Mario Ribeiro dos dançantes e da Maria Ribeiro, busquei eles pra conhecer pra entender conhecer mas eles não sabiam quem sabia, mas quem sabia o mestre Antonio Adelino fui uma vez, fui duas vezes, três vezes e ele querendo saber se realmente era isso que eu queria pra comunidade, se era isso que eu interessado com seriedade, não com fanatismo nem com brincadeira para brincar, mas com seriedade. E aí na quarta vez ele disse que ia nos ajudar e aí três vezes ele disse que não sabia não poderia me ajudar, mas na quarta vez ele a gente conseguiu resgatar. Primeiro momento a gente andava de pés e eu tinha um burrão estradeiro de sela e eu ia por dentro do tio Chaga Paulinho lá pro seo Antonio Adelino com esse burrão na sela. Era como a gente se locomovia nesse tempo, mas fui algumas vezes de bicicleta e aí seo Antonio disse eu vou lhe ajudar meu filho, tem uma pessoa lá na Barra do Cauípe que já dançou e deve saber que é o Domingo Freire e aí buscamos o tio Domingo Freire meu tio porque ele é filho de um primo do meu avô, aí para o respeito aos mais velhos a gente da benção né, tinha o Zé de Mar que tocava e o tio Domingo tinha noção de notas no violão tinha uma pessoa que tocava violão com a gente tem. Eu disse Ivan tu consegue pegar essas notas do violão com o tio Domingos bora ver, aí bora lá peguei a pampa do seo Luiz uma preta que ele tinha colocamos esse pessoal o Seu Jorge né, seo Antonio Adelino e Biagua e o Ivan e foram bater na casa da tio Domingo na Barra do Cauípe, peguemos um área danado quase atolamos mas chegamos lá a Dorra também foi. E aí pegamos as notas, aí vamos marcar um momento quando foi dia 5 de novembro de 2005, a gente teve o primeiro momento somente seis pessoas para poder dar o ponta pé inicial de retomada da dança de São Gonçalo que há 28 anos naquela época não era dançada, porque teve vários o pessoal com fanatismo não dava credibilidade a dança de São Gonçalo por mais que naquele tempo era feito pagamento de promessa só existia a dança de São Gonçalo por pagamento de promessa não era apresentado por apresentação cultural só por apresentar. Só podia ser feito naquela época pra pagar promessa e aí foi tendo algumas perseguições né algumas pessoas fala que na época lá no terreiro do finado Domingo França chegou um pessoal da cavalaria do Capitão Neco Martins dizendo que aquele que estava embriagado ninguém sabe que aquilo era adoração ao diabo não era para ter aquilo e aí começou a ser perseguido, quando foi numa apresentação da dança de São Gonçalo lá na Pirapora, seo Antonio no meio relatou pra gente lá o dono da casa embriagado não queria pagar promessa e aí acabou foi uma confusão com o pessoal da dança de São Gonçalo e teve que acabar. Então

as pessoas começaram a ter medo de se apresentar como apresentação cultural, aí a gente com esse objetivo de fortalecimento da cultura naquele tempo ainda em 2005 não se falava ainda da existência de um povo Anacé, apenas existia algumas pessoas esporadicamente se identificando lá do Bolso e lá no Matões e a gente buscando os nossos direitos tentando apoio de organizações Indígenas de organizações governamentais e não governamentais e como a gente fazer para poder ter esse apoio. Ai quando foi em 2005 a gente teve esse primeiro momento quem foi que fez? Seo Antonio Adelino disse eu quiser eu sei mais ou menos como é que faz é assim, quem primeiro se apresentou nessa retomada dessa história dança de São Gonçalo foi o seo Antonio Adelino tio Domingo Freire o Biagua e eu, nós quatro fomos treinar fazer o outro lá no meu quintal lá no meu terreiro lá no Matões e o Ivan foi tocar no violão como era o solo do São Gonçalo. E seo Antonio Adelino disse vamos atrás de resgatar a música são 13 versos e seo Antonio lembrou de 12 só que ficou faltando um, a gente soube que a tia Luiza Rafael tinha um Santo guardado esse santa a mais de 90 anos e tava lá uma quebradura no lado da cabeça, mas ainda tava inteiro total bem antigo bem velhinho. E aí ela disse que eu tenho uma promessa para pagar lá no Dão na Barra do Cauípe e aí a gente em conversa com o tio Domingo Freire a gente foi para pagar lá na Barra do Cauípe e foi quando a gente começou a juntas o quebra cabeça, pra vocês ver o quebra cabeça tava totalmente separado o grupo da dança de São Gonçalo não gostar não existia tava tudo despeço. E aí foi quando a gente começou a juntar o quebra cabeça quem foi Dona Celeste, mas a Dona Lurdes Carneiro já havia dançado e sabia como era os **passos**, Biagua mais o seo Antonio Adelino também já sabia os **passos**, mas seo Antonio Adelino ele ia fazer a pá com o tia Domingo Frente porque já sabia como era que fazia a jornada. Aí a gente pegou o Biagua e descobriu que o seo Zé Bolacheiro já havia dançado com o Biagua, e aí fomos juntar então Dona Celeste com a dona Maria de Lurdes, Biagua com o Bolacheiro e Domingo Freire com seu Antônio Adelino e vamos para frente, dona Valda foi com a dona Luiza irmã do finado Manezão, a mãe da Silvia que hoje dança também. Então a mãe foi com a dona Luiza e eu não tinha pá, eu era doido para dançar e aí eu dancei nesse dia com o Gil do seo Jorge Né foi a primeira vez que eu fui dançar lá na Barra do Cauípe, então a gente juntou o quebra cabeça foi juntando, juntando. E aí a Dorra mais a Clelia Angela tinha interesse de participar e fizemos o pá com ela e vamos ensaiar e aí entraram também, eu sei que nessa brincadeira nós fizemos um momento muito bonito com a promessa da tia Luiza naquele momento em 2005. Lembro como se fosse hoje no dia 07 de dezembro de 2005 lá na Barra do Cauípe. Aí ficamos não vamos deixar isso aqui acabar não, pelo amor de Deus, e aí a gente começou se reunir a fazer reunião para avaliar aquele momento que tinha sido muito bom, depois outras pessoas vieram. Hoje o grupo da dança de São Gonçalo ele tem essas força e não somente fortalece a organização Anacé aqui na Taba Anacé como também fortaleceu muito o movimento indígena desde 2005 até hoje, e hoje nós temos, seo Antonio Adelino passou a missão pra mim mais o compadre Aristides nós dois somos os mestres da dança de São Gonçalo, mas hoje eu formamos também outros outras formamos um segundo pá que é pá de mestres que é, já tiraram jornada de São Gonçalo oficialmente pra apresentação que é a Edvania e Angélica. Elas duas já tiraram é muito bonito e inclusive foram as primeiras estrelas já tinham Então tem muito bonito inclusive foram as primeiras estrelas da dança de São Gonçalo a Angélica e Edvania que até hoje de dança né, pronto em 2005 elas duas foram as primeiras estrelas na dança de São Gonçalo dançaram do dia da promessa e nesse tempo a nossa primeira roupa que a gente fez. Fomos convidados pagar uma promessa do Pedro Duarte lá na lagoa do Banana no ano seguinte em 2006 apresentação lá na lagoa do Banana foi quando o Aristide entrou na dança com a gente, a tia Maria Milagre tava doentinha mais foi acompanhou e foi quando a gente teve mais pessoas que entraram no grupo né, então blusa era preto e branco a calça preta e a saia era essa aqui preta e blusa branca com o nome dança de São Gonçalo, depois vem atrás amarelinha né saia de chita estampada de verde com amarelo e vermelho depois a gente fez outra blusa muito bonita que é a vende, essa blusa depois dessa blusa verde veio essa laranja que o

compadre Aristides vermelho goiaba ou então Rosa e depois a laranja e veio a última que é essa azul. Oque que é a dança de São Gonçalo para mim o que que é a dança de São Gonçalo para muita gente as pessoas falam seguinte ela é fortalecimento espiritual ela é um fortalecimento mental, ela é o fortalecimento do corpo ela ajuda a unir ela tem momentos que a gente tivesse lá discutir pra poder decidir algo, mais uma das coisas que a gente faz sempre incentivo e os mestres falam também a gente tem que dançar por composição por devolução e não por dinheiro. Tem momentos que a gente dança quando algumas organizações convidam a gente tem o cachê a gente não divide esse cachê a gente deixa esse valor para manter o grupo, por isso que a gente tem essas roupas quando a gente se apresenta por exemplo a no SESC a gente tem cachê de R\$ 500 e esse dinheiro guarda de um ano para o outro, porque se precisar fazer roupa para alguém que entrou eu quiser mudar de roupa ou de calça ou de sandália a gente pega esse dinheiro, de um ano para o outro para poder comprar e manter o grupo do jeito que a gente tem mantido. tô falando a verdade eu tô mentindo. E isso que a gente tem procurado fazer num primeiro momento que a gente ganhou um cachê dividiu pegamos R\$ 500 na época de para dividir em partes iguais R\$ 23,50 para cada. Ai foi que aconteceu no ano seguinte a gente precisa fazer blusa, e agora vamos comprar essas blusas quanto é as blusas na época era R\$ 22 e ainda tivemos que dividir o cachê de 23,50 para casa e no outro final de ano a gente teve que tirar R\$ 22, a gente não faz nada com R\$ 23 e se a gente junto a esses R\$ 23 para comprar a gente não tira do bolso da gente vamos deixar ele guardado em caixa, e assim a gente procurou fazer e graças a Deus todos a gente tem essa visão de manter e fortalecer a Dança de São Gonçalo. E graças a Deus o prêmio culturas indígenas desse ano veio a fortalecer não somente a dança de São Gonçalo mas também as outras danças né é hoje a maioria grande parte das pessoas que dançam São Gonçalo, crianças temos temos jovens principalmente a participação dos jovens é a maioria e a gente gosta e agradece a participação da juventude, por exemplo hoje a Dança de São Gonçalo ela é formada por: Júnior e Aristides que somos nós dois os mestres da Dança de São Gonçalo, está entrando novas estrelas mas eu vou citar aqui as estrelas anteriores como eu já falei a Edvania Angélica, Arilúcia e a Silmara, a Arilúcia e o Silmara a Cleane e Viviane depois e parou não tivemos mais estrelas São Gonçalo incentivamos alguém da participar de um até ajuda aos mais jovens, algumas das meninas aqui que para convidar as meninas para vir para fazer parte da estrela do São Gonçalo. Por que precisa de crianças porque são puras tem seu coração, tem o seu coração puro para aqueles momentos que é para entrar com Santo, a questão da santificação aquele momento de entrar com Santo a pureza da criança, essa pureza da criança faz com que a gente com cinta a participação da Estrela. E aí a gente convidou a Hanna e a Pâmela estamos ensaiando elas estão se saindo muito bem só duas crianças, que já já ela esperando a roupa dela para entrar oficialmente com Santo no momento da promessa como a estrela da dança de São Gonçalo. Tem mais quatro crianças que tão ensaiando o Levi e o Gabriel são os bisnetos da dona Valda e Davi e Eliude, Davi é outro bisneto e Eliude é bisneto do seo Antonio Adelino menino com menino e menina com menina, homem com homem e mulher com mulher é até o que é a características da dança de São Gonçalo então, depois vem Cleane e Viviane, Ariana e Leidiane, Nayara e Manu, Angelica e Edvania, Nataliane e Yasmin, Arilúcia e Evelyn, Luciana e Samara, Cléo e Silvia, Ângela e Clelia Ângela, Ana Celia e Bruna, Luíza Gil a Valdimeire, Dona Lurdes e Valdelice, Wellington e Raphael, Kenedy e Yuri, Biagua e Zé Bolacheiro. Os tocadores atualmente tem seo Antonio Adelino que também toca com bastante dificuldade do folego, mas hoje toca o Kairo seu pai o Erandir, o Ivan e o seu Raimundinho, o Dico e o Seu Jorge Né também já tocou no pandeiro o tio Domingo Freire que foi o primeiro que passou a nota do São Gonçalo e o Zé de Mar que era o panderista. Também já dançou no grupo o Gil filho da Dona Eliene que fazia pá com seu irmão naqueles momentos que era o Cleison em memória a gente acredita que ele está aqui, dona Luiza Paulino que já dançou com a dona Eliene em memória também Dona Luiza, dona Celeste e dona Lurdes que não está mais, às vezes dona Celeste quando podia vim ela dançava

aqui ela dançou algumas vezes, mas não veio mais e os que eu já falei que foram os pioneiros. E os que eu já falei algumas vezes que não estão vivos mais, eu já falei que foram os pioneiros que era na época que foi o Manuel Ribeiro, Mario Ribeiro, Maria Ribeiro e Odete Ribeiro. Então assim hoje nós somos aproximadamente 40 pessoas, 40 pessoas que formam o grupo das em São Gonçalo é a coisa mais linda né. Então é isso pessoal a história da dança de São Gonçalo se junta ela se mistura entrelaça e tem essa afinidade de grupos de família, você ver aqui tem uma boa parte de irmão, irmã com irmão, irmão com irmão parente com parente muito próximo todos que dançam, filhos e netos pai e filho que toca assim mãe e filha e pai né e pai e filha então fechado pra o povo Anacé é fechado. A gente tem todo o cuidado em inclusive a gente já tirou pessoas do grupo em momento de ensaio de apresentação porque não estava dançando com o objetivo que é dança, estava dançando com fanatismo com brincadeiras, embriagado e não pode entendeu é um momento divino de adoração de espiritualidade então pode ser de qualquer jeito e nem qualquer canto. A gente dança em uma apresentação cultural de outra forma como se tivesse pagando a promessa, a Dança de São Gonçalo ela tem algumas passagens, o tanque da dança de São Gonçalo ela é tocada por 5 notas é um xote, hoje é tocado por sanfona, gaita harmônica, violão, pandeiro, zabumba, triângulo, pode ter violão pode não ter mais, geralmente esses são os instrumentos e guitarra. E quais são as passagens da dança de São Gonçalo nós temos o momento de entrada com canto do Santos do hino do Santos, depois nós temos momento de cumprimentar de desejar seja boa sorte ou seja bem-vindo e a gente enquanto mestre sai cumprimentando e desejando as boas-vindas para o grupo para os dançante que estão no cordão, são duas filhas que me chama de dois cordões e a continência, a continência um momento depois tem o momento do beijo depois tem o momento do oito e tem o momento de cortar o cordão né, que é o momento que a gente faz a costura daquele cordão de pessoas. Dançando se você fizer uma filmagem de cima do alto de cima você consegue ver perfeitamente que o a dança de São Gonçalo tempo todo a gente tá fazendo um oito. Tem um momento da passagem do oito que faz quatro pessoas, mas tem um momento todos os momentos que a gente tá dançando no grupão com todos os integrantes e fazendo um oito, e faz dois círculos de pessoas desses, quando esses dois círculos de pessoas se juntam que faz direitinho é muito lindo já fizemos uma apresentação faz um coração também. A gente fez uma apresentação na Serra dos cocos em Ipueiras lá tem o padroeiro que é São Gonçalo do Amarante, e fizeram do auto da Igreja uma filmagem, e está lá se você a filmagem. Nesse dia tinha uma pessoa que apresentando com a gente com a Ana Célia era a Barbara nesse período ela tava dançando e também tinha outro menino que fazia o pá com o Eduardo que era o filho dela o Bruno filho da Barbara que dançando com o Eduardo, nesse tempo na Serra dos Cocais eles estavam dançando tem o Wesley que também dançou com o Bruno e com o Eduardo. Então é muito lindo a gente falar sobre a dança de São Gonçalo, mas lindo ainda quando a gente está se apresentando, é assim a gente dança uma jornada fica um pouquinho ali pra repor energia depois dança outros, se for preciso a gente dança fica com dor na coluna mais dança de novo. Que acontece eu digo tem algumas pessoas que sente também que a gente parece que entra em transe, quando a gente tá dançando São Gonçalo e não precisa nem bebe mocóro não as vezes a gente entra em transe, tem passagem que a gente faz na dança de São Gonçalo tão concentrado e depois a gente não sente que fez, fica falta isso falta isso, eu mas o compadre diz vamos por dentro ou por fora, nós já fizemos isso aqui e as vezes já tem feito aquela passagem e não lembra é tão rápido no momento tão rápido o momento tão empolgador e espiritual que a gente faz aquele momento ali que a gente nem sente. E quem tá tirando a jornada de São Gonçalo quem está de fora diz não sei como eles aguenta, é muito cansativo as chega de 40 a 45 minutos sem parar a gente fica lá na frente a gente só para pra esperar o outro pá que vai entrar, mas mesmo assim a gente ainda fica dançando o xote certo. Imagine você está aqui em pé dançando 45 minutos sem parar, sem sentar, da o entender que cansa, mas não canso de jeito nenhum o coração da gente bombeando sangue nosso corpo fica com vitalidade fica forte. E está aqui 73

anos e 68 anos aqui do nosso lado que dança 45 minutos sem parar e tem momento que é correr né celerado né quando era pequeno ele muito rápido, quando o cordão é grande não é tão ruim, mas quando o coração é pequeno é muito rápido a gente no instante faz a jornada. Tem um verso da dança de São Gonçalo que é sim “quem foi dançar essa dança deve ter o que é ligeiro depois nós sair dizendo tem barroca no terreiro” que é isso porque tem que ser rápido e é uma passagem é um ritual eu não digo que horas em São Gonçalo é somente uma dança ela é um ritual, que fortalece muito a nossa cultura e a partir da dança de São uma mudança também bem antiga nossa que meu avô dançou, que é a dança do coco que depois a gente fala um pouquinho sobre ela daqui a pouco eu próximo que a gente vai falar que é a dança do coco. Então assim a gente agradece vocês ter escutado essa história já é hora de almoço não vamos entrar mais quem já assistiu pode perceber, e quem participa pode entender o quanto é prazeroso o quanto é gostoso agente dançar o São Gonçalo. E o prêmio culturas indígenas que venha mais o quanto é fortalecedor para esse momento, que a gente antes alugavam um som, por meio da nossa organização de desse e esse grupo que criou e se dedicou como o Thiago a Debora, a Rute e eu a gente escreveu com muito carinho com muita dedicação com muito amor para poder ser contemplado. E se Deus quiser a culminância de tudo isso aqui vai ser no dia 12 de novembro vamos comemorar tudo isso aqui que é do prêmio culturas indígenas. Primeiro escrevemos, segundo fomos contemplados, terceiro compramos nosso som, vamos já comprar nossas sandálias a prioridade máxima. Hoje o almoço é por conta desse projeto né a gente tinha pensado 3 oficinas enxugando para ser só uma, vamos almoçar daqui a pouco a gente vai ter também a compra do material do da dança do Coco nossas blusas aqui há mais de cinco anos, seis anos já que a gente dança o coco a gente não tinha como comprar outro agora a gente vai mudar, vamos mudar a blusas, mas não é para manter a mesma coisa mesma característica da blusa. O Maculelê Caçula dos grupos da dança vai ter o seu material também, vai ter várias apresentações aqui dentro, apresentação de todos esses grupos quem puder participar sintase convidados vai ser um grande momento pra todo mundo se apresentar e prestigiar esse grande momento. E agradecer a presença de todos vamos almoçar não vão embora vai ter contação de história do coco e maculelê, obrigada.

## ANEXO N – ENTREVISTA COM ANTÔNIO ADELINO

### MESTRE DA DANÇA DE SÃO GONÇALO ANTÔNIO ADELINO

Me chame ou chame ela, mande recado. Tem uma casa fulano de tal pra ser. Mas já tem gente aí, o que é que eu vou fazer, sem pa pa, sorteio nem nada, num tem a casa do menino. Ele passou pro outro sem ir pra sorteio nem nada. Aí tinha a casa do meu neto, não foi pra sorteio, aí quer dizer, será como no meu nome, num é pra mim. É mesmo que ser pra mim. Eu me sinto que é pra mim. Eu não vou dizer que ela indo lá para casa dela, seja onde for aqui dentro da reserva, eu não vou dar uma colher de açúcar, eu não vou dar uma temperatura de sal, eu não vou dar um caroço de feijão. Não; a gente podendo, mas é uma coisa diferente de tá dentro da casa da gente. O menino não sabe respeitar, tem dia que não sabe respeitar nem essa menina aí. Ela se zanga e uma pessoa que tá luta que essa daí tá, já passou e sabe, e essa menina não pode tá estressada. Que eu faço o que eu posso fazer por ela, eu faço, mas tem dias que por causa dos outros eu me estresso, e estresso ela também. Nós bate boca, isso aí eu não escondo de ninguém. Isso aí, antes nós não tinha isso. E eu espero um ar de felicidade, que eu vim pra cá pra ter um descanso. Não é que eu não queira o amor dela, eu quero é a paz para ela. Porque ela tendo a casinha dela, ela lá faz do jeito que quer. Cria a família como ela bem quiser. Nós não tem preocupação. Preocupação sim, mas não não tamo atrás de ninguém não. E tem um menino maior aqui, que Deus abençoe que ele seja um bom homem. Deus abençoe, é isso aí o que eu peço. O moleque de 10 anos, sei lá quantos anos é, mais quer fazer o papel de um adolescente de 17, 18 anos.

É o mais velho. Se taca no meio do mundo e vai chegar aqui nove e meia, dez horas da noite. Antes o sobrinho, os tios iam buscar ele, eu não vou não. De jeito nenhum. Vou aconselhar, dar conselho e tal. Mas não vou atrás de ninguém não. A mãe faz, cria, acaba de criar eles do jeito que ela quiser. Aqui ela também não grita com eles, não dá uma disciplina, um moral. Não sei porque, ela disse que é para não tomar a nossa paciência. Ela se recusa a tomar nossa paciência e eles não se recusam. Agora minha florzinha não toma paciência não. Só bem cedinho que ela não chora mais, só faz gritar.

Mais é isso. Aí se a pergunta, se a senhora puder fazer para esse povo lá, eu fico agradecido. E pode dizer lá que é pra um velho, que eu não vou dizer que essa daqui me ama, que essa daqui me ama, que gosta de mim ninguém não. Eu penso que o povo daqui, muita gente gosta de mim. Porque tem muitas coisas que dá onde eu posso ajudar, eu ajudo. Só se eu não puder, mas nós podendo. E assim, a minha pergunta era essa.

Pronto aí, é muito importante a gente saber colocando o nome do velho aqui. Antônio Freire de Andrade, (**silêncio**), mais conhecido como Antônio Adelino. Pronto. Aí, 77 anos. Mora na reserva há 4 anos e uns meses. Vai completar 5 anos agora em outubro, se Deus quiser. Eu não vou dizer assim sou mestre da dança de São Gonçalo. Eu não quero me apresentar, tomar de conta de todo o espelho para ninguém se apresentar também não. Porque em termo da minha idade, eu achei eu cansado e a minha velha começou a adoecer, e eu não tinha não, não tenho condições de sair de casa. Agora, vou sair agora, vou sair amanhã, isso tem que ser programado com esse povo, se dá certo. Pra ficar primeiramente, eu saber da força de Lua, como é que vai ser. Porque ela tem uma crise muito forte. Só eu sei, e Deus me dá um jeito de lutar com ela. Eu sou quem toma de conta dela mode eu dar um apoio pra esse povo procurar o objetivo deles, o futuro deles.

Dois já Graças a Deus, já tem seu bom futuro ou bem empregado. Por que é melhor que a diária, é empregado cria de muita gente. Aliás, todos que conhecem ele, é um rapaz excelente. A outra é professora, uma pessoa excelente também. Essa aí tá numa luta para o futuro dela. Esperando eu, pela benção que eu peço a Deus todo dia pra ela ser uma pessoa, que ela tem um poder de obter esse futuro dela lá na frente, que é para quando eu faltar nesse mundo, partir desse mundo para o outro, eu deixar ela bem plantada e segura. Sem carecer de sair e dizer ‘vou deixar minha filha pela mão de Deus e do Povo’. Não, ela vivia por conta dela, se eu tiver algum companheiro ou não, mas ela tem como ela sobreviver sem eu e sem avó. Que agora, depois de Deus, ela tá vivendo por mim, pela avó e a irmã dela. A irmã dela, essa que é encostada da mais velha; a Divania que é a professora, essa daí é irmã dela e é mãe. E ela é minha neta, minha filha e minha mãe. Ela desde novinha, de 15 anos, que ela vem nessa caminhada, nessa luta, lutando por nós, e eu na época era eu, essa aqui pequeninha, novinha, e o menino também que tá grandinho, e eu mais o meu filho e essa menina aí que eu tô doido para casar com ela e eu não sei o quer que faça.

Aí ela vem um tanto e eu prestando atenção se ela tinha como eu, se ela me dá confiança pra mim entregar a ela tudo que era meu, pra ela tomar de conta. Aí fui, até que alcancei a confiança dela e desde os 15 anos para cá, com 18 anos, eu entreguei a Deus e disse ‘minha filha você vai ser minha mãe no lugar da sua mãe’. Que a mãe dela era tudo para mim. Era filha, era mãe, ela era uma conselheira, ela era uma mulher disciplinada. Ela me disciplinava como tá aqui ela, daqui e acolá querem me disciplinar. Aí eu quero me zangar mais ao mesmo tempo, eu baixava a cabeça, que do mesmo jeito eu fazia com outro, eu queria me zangar, baixava a cabeça. Tão trabalhando e lutando pra tomar de conta de nós e dar conta, orientando, disciplinando como uma palavra mais alta. Que nem essa daí, ela se zanga que se morde. Não sei a quem puxa. Viviam nessa vida e hoje em dia Graças a Deus que tem os três, os três que eu acabei de criar, a Edvania era do tamanho dessa tesourinha, minha medalha, do tamanho de uma cabritinha, quando a mãe brigada, a gente morava como daqui aquela casa acolá, ela chamava vovó, pegava o corredor, corria até lá em baixo. E quando foi um certo tempo ela me deu pra mim acabar de criar ela, e aí foi quando ela morreu. Também eu não fui pedir a nenhum. Não pedi nenhum ao pai.

Essa daqui era mais nova, o pai pegou e botou na mão da irmã dele. Ela foi sofrer na casa da tia dela. Aí eu dizendo a ela que ia embora, que eu ainda passei duas semanas nos matões. O avô dessa aqui, a mãe dessa aqui, o tio dessa aqui, eram as pessoas que não passavam dois dias sem ir lá em casa me aconselhar. Eu passei uma semana sem comer, sem beber, que eu abria a porta, que via a casa da minha fia, eu me virava. Aí eu tive que arranjar essa casa lá pras bandas, fiz um barraco lá pra mim. Era onde eu tava. Pois então, porque ela era tudo pra mim. E eu acho que Deus mostrou a simplicidade dessas crianças. Ela foi a primeira a dizer que me acompanhava. O outro disse que me acompanhava. E a Natália era casada e já morava lá. E essa daqui não tinha voz altiva ainda, era uma baixinha velha desse tamanho, o pai pegou jogou pra lá. Poucos dias eu digo ‘essa não vai comer um pacote de bolacha na casa tia’. Lá já tava judiando com a menina. Ele pega, pega a criança, tira da casa da mãe dela, bota na casa dele, e quando era de noite jogava ela no quadro de uma bicicleta e ia para o cabaré com essa criança desse tamanho aí. Se eu tivesse mentindo, queria que ele dissesse que era minha mentira. Eu mostro até onde era o cabaré que ele ia pra lá. Ficava, as mulher pegava ela e colocava numa rede, numa cama, não sei. Dormia até a hora dele sair e vir pra casa. Aí quando eu soube da história pedi pra Natália tomar de conta dela. Fui lá pedir ela, aí ele deu. Não comeu um pacote de bolacha na casa da irmã. A irmã, essa dita Natália, ela tivesse aqui (alteração de voz), ela criança, a filha dela mais velha também criança, mais nova do que ela um pouquinho, e criança gosta de arengar e tal, e ela não aguentava o desaforo da duas meninas e queria botar a carga



todinha pra cima dessa daqui. Aí foi me pedir pra ficar com a menina. É minha, se ela quiser ir, eu pego e quero, pronto.

Expulsou e quem agarrou essa aqui, ela com duas semanas; duas semanas que ela descansou, a borboleta foi? Foi e tomou de conta dela até um certo ponto, aí quando aconteceu aí, corre todos os três, se juntam os três irmãos, apoia e arrasta ela pra cá. Quer dizer que ele não tem capacidade. Aí jogaram aqui, e aí quer dizer que eu me acho feliz porque eu aceitei a proposta dele. Não aceitei a proposta dela, não vou mentir pra ninguém. Aceitei a proposta deles três. Porque eles não deixaram a irmã com os sobrinhos, quanto deus dará como a ex sogra dela, o destino dela, de ver ela passar. Então ela até que pelejou, pegou, vendeu a casa. Isso aí ela teve, ela até falou isso, tá a mais velha dela, ela foi para uma audiência e até isso ai ela falou. Falou que a veia tomou a casa, vendeu, e não deu nem uma bolacha mofada para os netos. E aí o ex marido só fazia balançar com a cabeça, não podia falar nada. E tá assim, nós estamos aqui mais só eu e Deus sabe o momento que to passando. A gente quando é velho quer ter um descanso, quer fazer as coisas do jeito dele. E eu queria viver mais uns dias no meio desse povo.

Nasci nos Matões na época de 1945. Sou filho nativo dos Matões. Foi onde eu me criei, criei minha família, e depois de criada minha família, com 72 anos de idade, eu me mudei para a reserva. E até hoje eu tô aqui, e eu espero, eu queria que Deus me abençoasse, mas eu sei que ele me abençoa, de eu ter esse privilégio de saber que a minha família tá acumulada numa casa. Aí eu fui viver uma vida como eu esperei. Boa. Junto com essas duas crianças aqui.

A minha infância, foi uma infância sofrida. Na minha infância, eu não tive infância, foi uma infância sofrida de cidadão. Por isso, ainda hoje eu faço o papel de cidadão, desde os 8 anos de idade eu tive que assumir a responsabilidade de um cidadão. Com 8 anos de idade meu pai deixou minha mãe, minha mãe cegou. Aí eu tive que trabalhar junto mais um irmão meu mais velho. Ele trabalha para outro. Minhas irmãs no labirinto, quem não sabe o que é, eu também não sei. Eu disse que não sei, mas eu fui um dos tais que quando não tinha trabalho pra mim, só queria que tivesse um aqui pra dizer assim, eu torcia as blusas. Quem for uma idosa que sabe o que é labirinto, eu torcia, com agulha. Então pra ajudar elas a ganhar dinheiro pra nós sobreviver. Quando aparecia um trabalho, eu ia trabalhar e não via esse dinheiro.

Na roça. Eu só tinha o direito de ganhar aquele dinheiro. Quem recebia era elas pra fazer as coisas. Não tinha direito a receber nenhum centavo. Desde os 8 anos. Com 16 anos eu fui trabalhar fora dos Matões. Elas já estava tudo casadas. Tava só eu e a comadre marieta, que é a dona Maria de Lurdes. Ela não quer que chame Maria de Lurdes. Eu conheci ela como Maria, até a morte na minha boca vou chamar como Maria. O meu irmão e a minha mãe. Aí ela, eu ia trabalhava lá, como eu, a mamãe não podia ir lá, a comadre marieta era, fica mode ir pedir esmola mais a mamãe. No tempo era só areia na mata. Chegava lá, não pedia nada, o pessoal já sabia, só fazia, quando pela primeira vez, você não precisa mais pedir nada, quando nós lhe ver a gente sabe que vocês estão precisando. Do sol só não dava água, mais o resto, dava tudo.

Aí essas minhas irmãs, a Carmo, já casada morando em Fortaleza. E ela vinha dar pitaco na minha vida, dizendo para outra irmã que era mode receber o dinheiro e mandar o cunhado dela entregar o dinheiro a mamãe pra entregar o Luiz pra fazer as compras. Mas não tinha nada não, eu dizia 'um dia eu cresço'. Mas não pude crescer, não deu tempo de eu crescer. 18 anos, minha irmã, que era mais velha do que eu morreu, que ela sempre tomou de conta dela, e eu fui trabalhar aqui no Dias Macedo. Foi onde eu via receber meu primeiro dinheiro que recebi. Ganhava e recebia. Trabalhei dois anos aí, de 15 em 15 dias eu vinha em casa.

Eu trabalhava como aguador de. Não era jardim porque era plantação, tinha um tanque enorme lá. Eu mais um senhor, por nome Notato, nós trabalhava lá. Um tanque grande que pegava não sei quantos mil litros d'água. E do tanque grande caia para o outro pequeno. Que o tanque pequeno era mais ou menos assim daqui aquele pau acolá. Aí a gente, eu descia para aquele pequeno, destampava pra cair nos canais e dos canais caia dentro de outros tanques pra gente aguar as plantas. É aqui em Fortaleza. Não sei se é Cauípe, sei que tem o alto da balança. É ali naquelas imediações.

Aí quando eu vim de lá com 19 anos. 18 para 19 anos, eu fiquei dentro de casa e vi que aqui não dá essa vida. Vou atrás. Toda vida gostei de trabalhar independente de patrão. A senhora morasse assim vizinho a mim, tivesse um serviço pra minha fazer eu não ia trabalhar na diária. Eu não gostava de diária não, pelo sofrimento que eu tive lá. Eu já sofri muito trabalhando por empeleita ou então no terreno que eu plantava por conta própria. Arrendei um terreno nas queimadas do Siupé pra lá, do poente da Taíba, mas eu passei três anos lá. Lá eu tava bem.

Eu plantava tudo enquanto. Feijão, milho, batata, os coqueiros. Coco era do terreno. Só que na arrenda os coqueiros eram meu. Plantava tudo enquanto, melancia, jerimum. Eu pagava a arrenda. Era uma mixaria que eu não sei nem dizer. Essa renda hoje em dia ninguém compra mais nem um bom-bom. Só porque antes tinha um velho que era tio, nosso tio, que era arrendatário lá, e perguntou se eu não queria ir trabalhar lá. Eu disse que ia, fui. Me levou até a casa desse senhor lá, seu Sebastião. Aí ele disse “É mesmo que entregar a mim, que eu ficar tomando de conta. É homem de confiança. Só não tem tamanho de homem, mas é trabalhador”. Se der certo eu vou fazer um teste de um mês. Se der certo, você fica aqui. O preço que seu Chico pagou, você paga também. Aí fiquei um dois anos, com três anos eu me desgostei de lá. Desabei de lá por causa de uma macumbeira. A macumbeira queria fazer eu casar com a neta dela à força e eu não gostava e nem nada da menina. Então, aí vim embora, cheguei aí, deixei tudo lá. Abandonei tudo. Perdi tudo. De lá pra cá, sofrendo. Agora eu vou sofrer como um suvaco de aleijado na minha vida. Aí eu digo, ai eu fui e disse ao papai ‘pai isso é uma vida, todo mundo tá sabendo do meu sofrimento no meio do mundo’. Eu nessa época, eu não tinha vergonha de lhe dizer não, nessa época eu não tinha uma roupa boa pra sair. Só existia duas roupas, dois mulambos e uma roupa mais ou menos pra sair que não fosse rasgada, o resto tudo era trapo. Hoje em dia Deus defenda, quer dizer que o pessoal resgata o passado do povo com precisão. Passava o que esse povo novo hoje passa. Passava por precisão, eles só não fazem porque não é como o dilema anterior porque eles não remendam. Mas eles comprem aquelas roupas todas rasgadas.

Remendado que ninguém sabia qual era o pano da primeira roupa. Era remendo de todo jeito. Eu vim embora e disse ao meu pai que ia embora. O véio foi e disse “vai não, você não é doido. Não tinha leitura como ainda hoje não tem. O que é que você vai fazer no meio do mundo, você não tem profissão, não tem nada. A profissão é puxar no cabo de enxada. Você vai sofrer e vai comer o pão que o diabo amassou. Não vá”. Eu vou. Aí ele disse “Vou mostrar como você não vai”. Era um índio vei guerreiro, era forte. Aí quando foi um dia, ele sempre aconselhava “meu filho cace uma mocinha pra você casar. E aqui é o seu local onde você nasceu, é aqui onde você vai viver. Não importa a qualidade, não importa se é bonita, se é feia. Quer saber se é trabalhadora”. Lá quero saber se é preguiçosa, quero saber se eu arranjo. Aí achei essa daqui preguiçosa que só. Não barria nem uma casa.

Em Matões. Aí a mãe dela era bordadeira. Ela aprendeu com as primas dela a bordar e ela passou a ser bordadeira mais a mãe, Tinha noite que ela via o dia amanhecer para dar conta do recado mais a mãe. Ia deixar esses trabalhos em Fortaleza. Aí ela ficou nisso, e eu disse ‘é essa

bichona mesmo, ela é danada, e eu vou casar com ela'. E ela não queria eu não, que eu era pobre, feio. Aí então, ela nasceu pra mim e eu nasci pra ela. Até que deu certo nós casemo. Aí eu disse 'você sabe que eu sou pobre, só tenho coragem de trabalhar'. Nós tivemos 5 filhos, esses 5 filhos. Ela só não criou, se nós, porque eu lutava de um lado e ela lutava de outro. Mas até na época nós com 5 filhos . Nós tava doido pra ter filho. Com 6 anos de casado foi com 5 filhos que nasceu. Tinha noite que ela tirava a noite em casa e a mãe ia lá na casa dela pra dar conta do trabalho. Comprava roupa pra mim. Só não comprava o de comer porque eu trabalhava pra comprar o de comer. Ela comprava roupa pra mim, roupa para os filhos, calçado, remédio se precisasse. Naquele tempo não tinha essas facilidades. Era comprado.

Tudo do bordado. Aí quando foi, quando é hoje, quando cabe eu contar essa história para alguém, aí eu digo: porque hoje em dia a minha esposa não pode mais fazer aquilo comigo, não pode trabalhar mais como ela trabalhava pra mim ajudar. Ela não pode trabalhar mais eu. Ela nunca foi mulher de, porque eu não aceitei, de botar uma enxada, não. Mas em casa ela dava conta de tudo. Ela criava as criação, ela dava conta. Os bordados.

Aí quando nasceu 5 meninos, a mãe dela que Deus a tenha no reino da glória, a mãe dela disse "Maria tu tá igual coelho, sai da cama já grávida de novo". E eu disse 'vamos dar um basta nisso'.

Aí eu disse, a gente só tá aqui na terra enquanto Deus quer. Deus deu um jeito pra nós, parou nesses 5. E o último que nós tínhamos, morreu agora. Morreu a três anos atrás. Ficou só nós dois. Onde cabe eu contar pra alguém, porque essa mulher foi tudo pra mim, e hoje porque ela não pode fazer isso eu abandono ela. Eu já andei perto duas vezes de abandonar ela, que Deus me perdoe isso aí mas a verdade eu não nego pra ninguém. Uma vez foi nos Matões e outra vez foi aqui. Nesse dia eu me arrumei pra ir embora, mas só que eu ia embora e ia buscar ela. Ela não ia ficar aqui não. Mais aí, o irmão dessa daqui chegou "nesses terrenos que o senhor passa fora, é mesmo que dá uma machadada na minha vó. Ela morre, vai ser mais uma preocupação para nós, é melhor você não fazer isso". E eu estava com a chave no bolso, sentado bem ali atrás desse carro aí, fazendo minha bugigangas, que eu gosto de fazer um colar, botar um cabo de um ferro e tal ali. Era um dia de sábado, esperando o Júnior, olhando pra casa dele, esperando o carro chegar. Na hora que o Junior chegou, o menino já tinha vindo, já tinha me aconselhado. Quando o Júnior chegar lá, eu vou bater lá, pegar a chave a ele, mande ele entregar pra Nayara e eu vou embora. **(36:26)**. Mas aí Deus é bom, Deus sabe. Baixei a crista, deixei eles me benzerem do jeito que eles quisessem. Era um crime que eu ia cometer tanto pra mim quanto pra ela. Talvez eu morresse primeiro do que ela, que hoje em dia um cidadão não é mais tratado como cidadão, é como um vagabundo. É como um vagabundo. Eu saía no meio do mundo, um mendigo, o pessoal não me conhecia, achava que era um ladrão e iam matar logo. Aí então eu ia ficar por aqui.

Matões eu tava com muitos dias que eu não ia lá. O Matões tava com um ano, nos dois anos eu fui... Aí passou um período, quando foi agora, depois eu fui, fui de novo, outro dia eu fui pra visitar meu irmão. Mas o Matões tá completamente diferente. Você encontra duas pessoas que a gente conhece, o resto ninguém sabe quem é. Pessoal as casas é tudo cheia de muro, com medo do vizinho que não sabe quem é. Se eu to numa casa, moro aqui perto, chega um caba da baixa da égua, que eu não sei nem quem é, eu vendo a minha casa aqui. Aí a daqui as vezes fica chamando a ruindade do meio do mundo pra dentro do lugar e é como os Matões tava ficando. E o Matões era o lugar de se dormir de porta aberta. De viajar qualquer hora da noite. Todo mundo era irmão, todo mundo tinha obediência um ao outro, tinha amor. Hoje em dia é difícil uma pessoa, quando quer ter amor, não tem condições porque não sabe a quem dar amor. E a

coisa mais bem feita que Deus deixou na vida de cada um que acreditou é ter acompanhado, ter visto o Júnior, ter acompanhado o Junior pra cá pra essa reserva. Muito ignorante diz assim “o Junior, como é que o Junior deu essa casa pra vocês?”. Não foi o Júnior não, foi o Governo. O Júnior não botou nem uma telha lá, não colocou nem uma mão cheia de areia. Certo. E quem foi de nós que foi passar fome no meio do mundo, passasse decepção no meio do mundo, sacrifício, por nós? Foi o Governo sim, mas ele é quem foi atrás. Que o Governo não vem de lá pra cá pra perguntar quem é Júnior, o que é que tá precisando. Não. Se a pessoa não for atrás, como ele batalhou esse tempo todinho. E eu agradeço muito a Deus e a ele ter arranjado esse local aqui pra nós. Que é como ele dizia

“Seu Antônio lá é um ponto, tem uma paz”. E quando eu cheguei aqui logo com a minha família eu sofri. Engraçado que cada muda que muda, murcha. E o caso de cada um que se muda, pode mudar daqui para o fim da esquina acolá, tem que mudar. Tem uma coisa que fica aqui que não tá lá na sua casa. Mas aí nós passamos dificuldades, com a ajuda de Deus nós vencemos e estava vencendo. Já estava pisando firme. E aí foi quando aconteceu esse desacato lá com essa minha neta.

Isso foi quem acabou, quis tomar a nossa frente. Mas ela não toma. Estamos confiando em Deus, e nosso pai Tupã tá na frente pra rebater esse tipo de coisa. Aí foi parou as coisas que nos beneficiavam. Com medo que ninguém podia se encontrar com ninguém, ninguém podia sair para procurar. Teve uma época que ninguém podia nem ir ali pra fazer uma compra porque não confiava. Sabia quem era. Eu tenho um sobrinho que ele veio falar comigo agora depois que começou a doença, e é porque eu fui falar com irmã, que ela pediu, a mãe dele. Que é irmão desse ex marido da Natália e as coisas dele estavam tudo lá, que ele era da igreja, mentindo pro povo, que mentindo pra Deus ninguém mente. Ninguém mente para Deus. Ele trabalhava e o dinheiro só dava pra comprar coisa boa. Roupa boa, calçado bom, tal hora era palito. Quando via, ele parecia um cidadão. Mas eu nunca fui enganado por isso aí, eu tinha na mente, mesmo que ele já foi, era, mesmo que ele era, e fingindo que aqui era evangélico, mas usava a droga e roubando do mesmo jeito. O dinheiro dele só dava pra essas coisas. Aí tinha coisas boas dela aqui, aí quando ele foi a irmã dele, pra visitar ele, ela pediu o documento pra fazer um cartão, que ela tem direito de visitar ele. Entrar lá pra conversar com ele. Aí ele mandou pedir pra mãe, pra mãe me pedir, mode eu, como ele já sabia que era eu quem tomar de conta da chave, queria que entregasse as coisa dele. Nesse dia seguinte que eu fui entregar as coisas, que podia vir buscar, tava dois irmãos, uma irmã e um cunhado, e uma prima. Tava tudo lá na comadre Marieta. Aí ele veio falar comigo nesse dia, porque antes, logo no período ele andou aqui, veio de Fortaleza de lá pra cá, riscou aqui na bicicleta, desceu e veio pegar aqui na minha mão. Espera aí Luiz, nós tamo no meio de dois gumes da navalha aqui. Não to dizendo que você tem os sintomas da doença, você não sabe nem como pode dizer como é os sintomas. Mas você passou por muita gente aí meu fi, você não sabe de onde vem e nem sabe o que é que vem lhe acompanhando. E eu to aqui, nem eu sei se eu tenho os sintomas da doença. Quem sabe como eu posso passar pra você, você pode passar pra mim. Que assim, enquanto não passar isso aí, eu não recebo visita de ninguém aqui. Nós passamos um período sem fazer visita a ninguém. Aí ele se zangou comigo. Aí quando foi um dia ‘esse bichinho aí levantou o rabo pra mim por causa de uma

A simplicidade. O amor. A fartura que nós tinha. Tinha fartura de farinha nas farinhadas. Criação que nós criava. Hoje em dia pra você comer uma galinha, é preciso das sete províncias do mundo como se diz, atrás de quem cria uma galinha caipira pra comer. Quero comer uma galinha caipira saudável para matar aquele desejo, vai comprar do preço que quem bem queira criar, queira vender. E nesse tempo não, todo mundo criava galinha, peru, capote, pato, cabra,

ovelha, porco, se ele pudesse criar. Nós nunca criamos gado porque meu pai nunca criou não, porque não tinha terreno pra fazer plantação. Mais os outros bichos que escapavam tudo aí nos matos. Porco só botava um porco no chiqueiro, passava um mês pra limpar. Mas aí é por conta da natureza. E aí era uma fartura. Quando era 5h da manhã via o rebanho de bicho saindo promato. Quando era 5h da tarde voltando. Aquilo ali no dia que você queria comer um pirão, ele dizia vou comer um pirão de uma cabra, vou comer um pirão de um porco, de um peru, de um capote, de uma galinha. O que quer que seja, tinha. Chegava uma pessoa de fora, um vizinho na nossa casa, ninguém se aperriava. Se não dá tempo de matar uma galinha pra nós almoçar, vamos comer ovo. Lá de primeiro era cumbuca, não tinha esse negócio de depósito pra colocar ovo não. Era cumbuca, cabaça. Tirava aquela tampo de cima, enchia de ovos. Aqueles mais velhos botava pras galinhas deitar, e os mais novos botava pra gente comer. E era assim, fartura de doce, entrava no inverno, no verão cada canto que vocês iam tinham uma moagem funcionando. Comia doce à vontade, ninguém dizia nem que a gente era feio. Comia doce, bebia garapa, levava garapa pra casa, levava doce. Que os donos da moagem dava. Quem plantava um pequeno sítio eles deixavam pra moer nos finais do ano que era mode aquela parte dele, ele fazer as lata, num tem aquelas lata querosene, pra encher lata de querosene de doce. Quando acabar tampar com barro, mês de dezembro, aí botava no canto lá, duas, três latas, dependendo, quando chegava o mês do galo. O mês do galo você não sabe qual é não, né?

O mês do galo é o mês de março. Porque dezembro você tá comendo fartura ainda do verão, ainda do inverno. Aí chega o inverno, tá se acabando, chega fevereiro você tira os últimos caroços de feijão para plantar, e comer, e se acabar, não tem. Aí vamos escapar com as galinhas. Muitos deles aí, quando era pouca galinha, até o galo entrava na

panela. Aí o pessoal apelidaram o mês de março como mês do galo. E era assim, aí quando era nesse tempo do mês de março, aquela pessoa que fazia essa atividade, tirava aquela tampa de barro, o doce tava. Parecia assim aquele favo de mel, chega era branquinho. Tirava com ferro. Arrancava aqueles doce, era uma delícia. Botava na farinha. Hoje em dia vai fazer isso pra ver se não morre. Ninguém hoje em dia vai comer farinha não. Doce, quem é que vai comer doce? Eu nem no tempo que eu tive sarampo, que não podia comer doce, eu comia doce escondido da minha irmã, da minha mãe. Eu mais minha irmã, quando a veia dava as costas, nós roubava doce pra comer. Hoje aqui eu to sendo preso por essas aqui.

Não sei quantos meses, anos eu não vou dizer não, porque eu não gosto de mentira. Mas não sei com quantos meses, pode não tá com um ano não, mas anda bem pertinho. O Doutor disse que você não pode comer doce. Em junho aconselhou que não pode comer doce. Aí quer dizer, faz parte de uma obediência. Eles obedecem a ordem do doutor porque é uma comida que não é própria pra gente comer, mode a tala de diabetes né. Aquela mulher até pelejou pra me levar, ir mais ela, mas eu não quero ir, quero ficar mais a minha veia. Mas naquele tempo todo mundo tinha saúde, todo mundo era forte. Ele comida um feijão com gordura de porco dentro, aqueles torresmos. Sabe o que é torresmo? Aí fazia um pão de milho, do milho natural do roçado. Botado de molho. Passa no moinho e faz aquele pão. Era bom. Com rapadura. Um pedaço de toucinho dentro. Era bom demais. Hoje em dia ninguém pode mais fazer isso. Isso aí é o tempo.

Muito feliz. Porque não é fácil, só quem acredita quem podia afirmar isso, Deus já levou. Era minha mãe e meu pai. Mais **(silêncio)**... A experiência da dança de São Gonçalo entrou em mim eu tinha na faixa de 5 a 6 anos de idade. A primeira eu fui no meio de uma carga de caçoa, que quando tinha uma festa aquele povo que era respeitado, era querido, era procurado pelos donos daquela casa das festas. Ele levava o que ele podia levar. Foi onde então tem isso e isso. Ai quer

dizer que a gente levava, o povo, levava uma prenda do jeito que pudesse. Era coco, era melancia, era gerimum. Essas coisas assim boas. Bolo, fazia aqueles bolos pé de moleque pra botar nas bancas, nas bancas do (nome incompreensível) do São Gonçalo. E nesse tempo, eu com de 5 pra 6 anos, eu pai ainda vivia com a minha mãe. E foi quando um velho, esse velho é tio, era nosso tio mesmo. Ele era o João Rafael, meu pai disse, "Tal dia tem festa de são gonçalo, nós vamos levar esses meninos para ver a festa de são gonçalo". Mas eu não tive o privilégio de ver a dança de são gonçalo pela primeira vez. A população era pequena, mas fechava no terreiro, nesse tempo não era chão não, era na areia. Pois então, chegou no dia seguinte, o velho botou uma parte das coisas no caçoar, sabe o que é caçoar?

Pra botar no animal. (vento). Ai papi botou a parte, botou a comadre Marieta que era mais pequena. No caçoar até fazer peso com aquelas coisas, e eu fui no meio da cangalha, com 5 pra 6 anos. Aí menino sabe naquela época; hoje em dia é que o menino com 5 anos da dando nos cantos, se for possível passa a noite todinha pulando. Naquela epoca não, era no rabo da saia da mãe. Do pai ali.

Era, aí tava ali, menino logo dava sono. Foi eu de 5 pra 6 anos foi que eu vi o primeiro som da música da dança de são gonçalo. Tocado pelo fole de oito baixos, que é um instrumento que quem tem ele hoje em dia é o Cairo, um fole de oito baixos. Que eu só tive o gosto de ouvir. Aí eu via assim só as pernas do pessoal, que deu logo um sono. Agarrei no sono nas pernas do meu pai, da minha mãe. Naquele tempo não era quem nem hoje, não existia apresentação, não existia ensaio, não existia nada. Aí eu com 8 anos de idade pra 9. Teve outra festa na casa do Domingo Sabino. Aí nós fumo, nesse tempo eu já era mais grandinho me metia no meio do povo pra ver. Aí eu vi, ouvi a música, vi o sistema de dançari. Aí quando eu cheguei em casa, convidei os outros meninos, aí eu digo 'vamos tirar a dança de são gonçalo, vamos dançar?'. Eu toda vida sempre fui mais gaiato. Aí ele disse 'quem é que vai tirar?'. E eu disse 'eu tiro, daquele jeito que o tio Mauro faz mais o velho Manel'. Aí nós mesmo começamo a arrumar as meninas, só imitar, mas não fazia direito não. Aí às vezes se passava de dois a três anos pra ter, porque só se dançava a dança de são gonçalo por promessa. Não tinha ensaio, não tinha apresentação de seu fulano de tal. Aí então, aí eu com 12 anos. 10 pra 12 anos, teve outra promessa na casa de uma senhora que Deus já levou ela por muito tempo, que era a professora que se chamava Eugenia. Aí lá eu fui dançar mais esse dito meu amigo. 'Vou pedir ao tio Mauro pra nós dançar no cordão'. Ai o tio Mauro, eu fui perguntar, perguntei pra ele, ai ele antes de começar, ele disse: "você se garantem dançar no cordão? Mas tem uma coisa, errou, se sair não entra mais não".

O cordão. Formam-se duas filas que chama-se cordão. Ai lá na frente são os dois tirador, que são os mestres. Aí eu entrei, fizemos um trabalho bonito. 10 pra 12 anos, aí ele bateu no meu ombro e disse "você é um dos caras que não pode falar na dança de são gonçalo". Gosto nem de me lembrar dessas coisas, mas é enfim, tenho que me lembrar. Então eu sai em todos. Todos são gonçalos que tinha eu ia. Esse meu amigo foi embora pra Fortaleza, aí eu fiquei só. Cacei outro parente, outro primeiro dele mode ele ser meu par. Esse meu par teve de dançar comigo somente nessa época; as jornadas é o tempo com as danças do período, chama-se jornada. Forma-se jornada. Passa aquela jornada para ter o leilão, depois outra jornada. Aquele tempo se dizia assim - não é dois tempo não - quanto menos era de 5 a 6 jornadas.

Aí quando era 8 jornadas, ia 7h da noite a 7h do dia. Só que não era direto, porque parava. Tinha o leilão. Descansava. Ia comer. Mas todo mundo era forte nesse tempo. Hoje em dia não é todo mundo que aguenta não. Bom, aí quando foi já com 16 anos, que foi pra pagar uma promessa na casa do seu Raimundo Alves do pai do Joram. Então nós fumo pagar uma promessa lá. Aí

lá era 5 jornadas. O irmão dele já tava velho, bem uns setenta e poucos anos e ele bebia muito. Tava bebo, além de cansado bebo. Aí foi e disse “Com três jornadas; casse uma pessoa aí, bote os meninos aí pra tirar o dançador no cordão”. Tem que ser uma pessoa ativa mode aprender na hora da precisão ele assumir a responsabilidade dos netos. “Bote os meninos aí pra tirar”. Não sei não, mode fazer as coisas direito, aqui é promessa Manel. Promessa é promessa. Tem que fazer a coisa bem direitinho. Ou faz direito ou não faz. Aí ele foi e disse: “Taí o menino que vai tirar mais eu”. Eu com 16 anos tomei essa responsabilidade.

Aí ele disse “Vamos Antônio tirar mais eu. Se garante?”. Aí eu disse ‘Tio Mauro, eu não sei não. Eu danço no cordão, mas pra tirar é um trabalho mais complicado’. Ele disse “Meu fi, você tando mais eu” - e essa palavra que ele disse comigo ele dizia com qualquer um - “Só não tira a dança de são gonçalo mais eu se ele for aleijado, mas ele sendo cego ele ainda dança mais eu, porque eu não solto a mão dele”. Ele disse meu fi só não tira a dança de são gonçalo mais eu se ele for aleijado, mas se for cego eu ainda tiro. E você tem a sua pisada, você tem o estilo, eu sei quem eu vou procurar. Tenho certeza que você dá pra tirar a dança de são gonçalo mais eu. Nesse tempo eu já bebia assim, escondido. Com 16 anos. Aí eu fui lá no butiquim, nessa época tinha as bancas de café e os butiquim de cachaça. Fui lá, chamei ele de parte assim e Tio Mauro eu queria cachaça. Aí ele disse “bota uma cachaça pra esse menino aqui”. Aí nós fumo tirar, só que ele dava o gritinho dele, parece que eu tô vendo. Ele disse: "Amolece as pernas e as mãos. Amolece as pernas, pé ligeiro e mão maneira”. Aí quando terminou a jornada, eu já por dentro que fazia com o menino, vendo o jeito. Aí terminou a jornada, pegou no ombro e disse “Bora ali”. O velho Manel tava cochilando, aí ele disse “Manel, eu tenho meu parceiro pra tirar a dança de são gonçalo mais eu. Você só tira agora se você quiser, mais tem ele. Antônio tudo que eu sei eu passo pra você. Quero que você seja meu companheiro”. Aí o Manel disse “Pronto meu fi, seja bem-vindo. Eu vi seu jeito aí, parece que é filho do Mauro. Parece que é filho do compadre Mauro. A mesma pisada do compadre Mauro”. **(1:01:51)**. Aí fiquemo tirando, aí com o tempo ele morreu, aí parou a dança de são gonçalo. Quando foi, já faz mais de 15 anos, faz 20 anos de tradição enterrada. Aí surgiu esse movimento indígena. Deus encaminhou, deu a memória a Junior, Junior foi buscar esse movimento pra nós através de livros, através não sei de quem, dá sabedoria dele. Sei que foi a sabedoria, o dom que Deus deu a ele. Aí disseram que tinha que ter uma tradição do povo Anacé. Quais eram as tradições? As tradições tinham que ser dança de coco, reisado, e alguma outra, a dança de são gonçalo. Júnior achou quem entrasse com a dança com a dança de coco. O reisado não foi possível pra fazer um reisado, a dança de são gonçalo. Ele só achou que ensinasse a ele a tirar o reisado do dia 5 para o dia 6 de janeiro. Mas então, se torna a tradição, porque a tradição da dança de são gonçalo é difícil. E de reisado é mais difícil. Agora a dança de são gonçalo é sagrada. A dança de reisado foi criada pelos índios. É dos índios. Mas é uma dança que não é sagrada como a dança de são gonçalo, ela é diabólica.

A dança do boi do riso é diabólica. Hoje em dia forma, tem um reisado, não chega nem aos pés do tempo que criou-se, que eu cheguei a ver. É uma imitação, fazendo só aquele imitação todo mundo à paisana, todo mundo é a sua cara, botam aquelas caretas, mas aquilo ali é uma coisa que todo mundo sabe quem é. De primeiro ninguém sabia quem era, como era mais difícil, só quem a gente via era o vaqueiro do boi. O topador do boi. Mas não via o dançador do boi, que era só o boi dançando no meio do terreiro. O caboco que dançava, pra aguentar o tempo de coca, dançar fazer aquele molengo; os homi que era trajado os rapazes era trajado em traje de mulher, pra ser as moças, as damas. E os homi tudo era trajado, não parecia com traje de gente ainda, mais tinha as máscaras. Era os que se trajava com traje de mulher. Mais os homi era em traje de bicho. Que tinha uma palavra que quem

matasse um papangu, chamava-se papangu, matava um bicho. Porque ele tava transformado em um bicho. E se o papangu matasse um paisandu, tinha sido um bicho que tinha matado fulano de tal. E era assim, não tinha consagração pra gente que dança de reisado, como a gente; o reisado é importante para resgatar as coisas dos antepassados. Mais a dança de são gonçalo tanto ela é importante pra resgatar os antepassados como nós lutemos, e resgatemos com muita dificuldade. Com 15 a 20 anos de parada, enterrada. Só quem sabia era e os mais velhos. A dona Valda era uma pessoa que ela sabia, mais era diferente, ela disse que o ritmo era diferente como nossa dança. Como em cada lugar um jeito diferente. Aí foi aos ouvidos do Junior, falar pro povo, veio falar pro povo. Veio falar em negócio de ser crente, de ser índio, movimento indígena. Falar nesse movimento era mesmo que jogar areia nos meus olhos. Escarrava e jogava bem acolá, era ignorante, era não, o pior era que ignorante.

Minha proposta era essa e ainda tá de pé. Não cai nunca. Mas eu dizia por ignorância. Hoje eu digo por inteligência, por saber aquela palavra que eu dizia que quem tomasse por ignorância ele estava se perdendo. Não existia nessa época e não existe mais índio. Existem antecedentes dos índios, uns mais fortes e outros mais fracos. Porque só onde ainda tem índio, antecedente de índio, mais forte, do sangue forte, é no Sul. Mais mesmo assim eles não são, não tem aquela força que os antecedentes tinham. Porque no outro tempo, no tempo dos índios mesmo, não existia essa facilidade de um branco, podia ser um rico, podia ser um rei, que nessa época entrar lá na aldeia deles. Se entrasse eles levavam flecha. E hoje em dia são um pessoal que eles chegaram, aceitaram, e foi crescendo a população indígena, e foi se acabando aqueles mais velhos que eram mais valentes e tal. Por isso é que eu digo que não aqui na nossa aldeia. Aqui tudo foi terra de índio, foi não, é terra de índio. Só que moravam os índios. Deus já foi já levou. Eles já foram porque houve aí um debate aí que aqueles que escaparam tiveram que ir embora. E aí para se encontrar, mesmo os índios, eles tinham que se identificar. Eu chegava na sua aldeia, eu tinha que me identificar como índio. - Como? Era documento que mostrava? - Não, era sabedoria. Eu tinha que me identificar como índio pela sabedoria que eles, convivesse com eles lá, eu mostrasse o que eles eram e o que eu sou, o que eles eram. E aí a gente sabia quem era índio. Um índio nessa época; um branco nessa época não atravessa na vareda de um índio, se ele passasse hoje, quando fosse amanhã que ele fosse passar de novo, tinha uma cruz lá. Isso aí eu não vi. Isso aí foi de outro tempo, mas é a história que eu venho trazendo da minha criança pra cá, dos mais velhos que sabem da história dos índios. **(1:10:05)**. Aí pra mim ou outro branco que quisesse ter o direito de se encontrar com ele, o que eu fazia: se eu visse aquela cruz eu podia voltar pra trás. Se eu fosse

atravessar a vareda deles, a flecha tava em cima. Que lá mesmo ficava, e não ficava porque eles levavam pra comer assado. Aí eu voltava e fazia o que, na época tinha muita caça, matava uma caça das penas grandes. Que o índio gosta de pena, o índio gosta de ouro, o índio gosta de sal. Que nessa época os índios só comiam, não comiam escoteiro porque eles tinham o jeito de fazer as massas deles comer. O beiju. Mais comer insosso, só sarrabulhado na brasa. Pegava uma cobrona e botava lá. Sarrabulhava lá e comia com aqueles beiju. Era doido por ouro porque era uma coisa que era bonito. Quisesse pastorear muito deles, pastorear aqueles que passava lá. Amanhã vou passar lá de novo, eu pegasse uma caça de pena ou um pelo menos um moi de pena ou uma coisa de ouro, um anel, uma aliança, um cordão, e botasse na cruz lá. Outro dia fosse passar de novo, voltasse lá, tava tudo limpo e tava lá uma caça lá. Era uma cobra, seja o que for que tivesse lá podia levar, mesmo que não levasse pra comer, mas levasse, não deixasse lá não. E ainda ia se encontrando; plantava bananeira no meio das matas. Chegava tinha uma cacho de banana o caba levava e tinha outra coisa. E era assim até se encontrare. Quando se encontrava davão mão de amigo por causa da antecendência deles tratare. Aí pronto isso aí, eles



começava a levar pra lá. Aí ele ia conhecer, ia passar as linguagens deles pra ele, e todo mundo de olho naquele branco, todo mundo armado e o pajé só fazia dizer que era dele.

Aí era quando eles tinham condições de ter um diálogo com os brancos. Não é como hoje que a população era pequena. A população indígena foi crescendo, dos brabos, foram crescendo, foram adoecendo. Foram apresentando doenças que eles não davam jeito pra curar. Que eles curavam através de remédio, através de reza. Aí foi se acabando, foi enfraquecendo aquela força que eles tinham. Aí foram apresentando cada tipo de doença, que só se tratavam com remédio de butique. Aí foi o tempo deles aceitarem aos poucos, nem tanto assim de uma vez não, foi indo e já hoje em dia, tem índio branco, tem índio que eles se entrosam com os brancos. Tem diálogo com ele porque sabe que tem às precisão. É que nem a gente vê hoje em dia na televisão. Por isso é que eu digo, quando eu passei, aceitei, conversar comigo, me puxar pra dentro do movimento. Aí eles diziam “Antônio tu é índio?” - e eu dizia ‘sou não, mas antes eu fosse índio. Se eu fosse índio eu não tava aqui no meio de vocês não’. E eles disse índio anda nu e tal. Aí eu digo ‘Ninguém é índio brabo, porque o índio brabo ele andava, vivia nu, era só penagico, que eles queriam penas pra fazer o penagico deles. Que era a roupa deles. E só que a gente é antecedente de índio, nós somos já fraco, uma das partes mais fracas, mas nós não tem autorização pra andar nu como os índios de primeiro, e nem a força que os índios de primeiro tinham. Porque os índios de primeiro não conversava com ninguém por muito tempo e nem se encontrava com ninguém. Não gostava de se encontrar com ninguém.

Hoje em dia já vi tudo, tudo numa panela só. Porque é necessário. Aí partiu o amor do branco para os índios e dos índios para o branco. Porque os brancos precisam dos índios e os índios precisam dos brancos. Mais os índios precisam dos brancos do que os brancos dos índios. Os brancos precisam dos índios assim, pra ter um diálogo, uma experiência, buscar coisa doutro tempo assim. Como eu não sou índio, mas tem alguma coisa para passar.

Então, vou voltar pro começo do resgate. Aí Junior foi e falou que era muito importante esse movimento e disse que a gente tinha que mostrar qual era a tradição. E a tradição que ele já tinha procurado era a dança de são gonçalo e já tinha procurado muita gente e não tinha como, não tinha como fazer porque ninguém sabia mais como era. Nem os mais velhos sabiam. Aí eu digo: vai lá pra tia Maria, tia Maria Ribeiro, tia Odete. E fumo lá, foi lá, e pá tem não Júnior. Depois “eu vou voltar aqui”. Chegou, sentou no portão e disse “depois eu vou voltar aqui”. Eu não sei de nada, só dancei no cordão. Ele disse: “Não, a tia Odete disse que você era um tirador mais o tio Mauro e o senhor sabe”. - Aí eu disse ‘Não, sei de nada não’. Volta de novo. Aí a terceira vez mais esse homem que mora bem aqui, que se chama José Coelho não sei de que, mais conhecido como Roginer. Roginer é um amigo irmão meu, esse homem ele me domina assim através de uma bom conselho, o bom amor que ele tem por mim, consideração. Aí eles foram lá, vamos lá. Aí ele disse “Seu Antônio, hoje eu não ando só não, ando com um delegado aqui”. O Delegado dos Matões.

Aí foi, sentado assim no parapeito, aí foi e disse “Eu vim aqui mais o Junior, porque o Júnior já deu duas viagens aqui atrás de você modi você entrar na dança de são gonçalo, tirar a dança de são gonçalo, e você não quer entrar. Entre e nos ajude, a pedido do seu amigo”. Aí eu digo ‘Júnior você trouxe o delegado e me derrubou agora, porque esse veio aí, eu não posso faltar e vou faltar sim porque eu não sei. Eu vou lhe prometer uma coisa, arranje um livro, quem tem um livro com os versos, são 13 versos da dança de são gonçalo; a música da entrada da dança de são gonçalo. O ritmo da música eu sei’. Aí ele disse: “Seu Antônio o que é que pode ter. Arranje o Santo com a tia Luiza Rafael. Aí tá faltando só o livro”. Pois vá lá. Pobizinho quase seca as pernas. “Seu Antônio não arrumei não. Seu Antônio e amanhã, as irmãs vem lá pra casa,

que a primeira irmã, chama-se Odila, e a irmã Regina e a irmã Isadora. São tudim gente finas, aliás. Aí então ele disse “Vem essas três

mulher lá pra casa e nós vamos até lá Barra. Lá na casa da tia Maria. Quero saber se o senhor vai mais nós pra perguntar a ela. O senhor perguntando ela diz alguma coisa pro senhor”. E eu disse ‘Tá bem, eu vou’. Aí ele se abraçou comigo. Eu meti a cabeça numa força e se tiver quem puxar a corda, eu me lasco todinho. Foram simhora, aí a meio dia nós passa aqui - ‘Tá bom, vão com Deus que eu fico com Deus’. Aí tava trabalhando, depois da casa assim tinha uns coqueiros, aí eu desci pra lá antes do almoço. Comecei a trabalhar, comecei a matutar, pedindo força a Deus para que chegasse alguma coisa na memória dos antepassados, que era pra ajudar se eu fosse, se fosse para o bem, São Gonçalo mostrasse. Mostrasse a verdade e botasse na minha memória o cantigo dele e o ritmo de dançar, o ritmo de tirar que ninguém sabe. Ele fizesse isso por mim que eu faria para os outros que estão atrás de mim. Ali parece que, eu comecei a capinar trabalhando ali assobiando. Eu lhe juro a fé de Deus, como existe Deus no céu, que eu me escorei em um coqueiro aqui e comecei a assobiar. Parei o assobio e comecei a cantar.

Cantei os 12 versos sem parar. Quando foi no último verso, enganchou. Porque que enganchou? Depois eu fui saber, porque não era só eu que era pra ajudar. Era a tia Maria. Tinha alguma coisa pra passar pra nós. Bom, aí eu fui, eu digo Júnior; Sim, eu vim pra casa de Maria, ‘cadê a Natália tá aí?’ - minha fia vamo ali em casa mais eu. Traga um caderno e um lápis. Minha fia eu vou ditando uma coisa aqui, e você vai anotando. Um tipo de verso, forme os versos. Aí eu dizia e ela ia anotando, anotando, aí quando terminou eu disse ‘leia ai pra mim, no tipo de verso’. Ela leu tudim. Aí eu pedi, faça outra folha por essa daí. Faça outra cópia dessa daí. Taí o Júnior vivo pra contar essa história, e a irmã Odila, e o compadre Roginer. Pra encurtar a história, que to tomando o seu tempo, mais é uma coisa que é importante, Deus e são Gonçalo quer que eu faça isso aí. Como eu venho lutando muito pra trazer como era pra ser pra mim, apresentar esse resgate como a dança dele foi feita tradicional por ele. Que ele era um tocador, era um animador familiar, mas nessa época não existia dança ao casal.

Homem com homem e mulher com mulher. Na época que; eu vou voltar lá numas alturas mais essa daqui é só pra ditar esse pezinho aqui. Quando ele viu que os homens tavam querendo se esquentar nas mulheres, dançando aquelas músicas que tocava, uma rebeca. Que rebeca é o violino hoje. Ele parou com a festa. Acabou com a festa. Teve uma reunião, “Vocês querem dançar? Vou mudar o sistema da dança de vocês, transformada homem com homem e mulher com mulher”. Aí foi quando ele transformou essa dança e ele

disse “Em meu nome, quando eu faltar, vocês vão fazer promessa pra mim, por mim, comigo, pra me salvar vocês de algum problema que eu puder socorrer vocês. Aí vocês vão me pagar, isso aí é um tipo de um templo da dança. E vai se chamar de jornada”. Aí pronto, passou para o pessoal dele e aprenderam, e vem vindo de lá pra cá.

Então, quem sabe se não foi assim que ele disse “Se eu passei para o meu povo, vou limpar tua memória, vou abrir tua mente, e você vai passar para o seu povo”. Voltando de novo para a visita do Júnior. Quando foi no outro dia o Júnior chegou, aí eu disse pra minha veia, ‘minha veia tá aqui os hinos da dança de são gonçalo, mais tá faltando um e eu não sei qual é. É o último desse aqui’. Aí quando foi uma hora da tarde o Júnior chegou no carro. O carro do patrão dele. Aí ele foi bater na Barra, chegando lá na tia Maria ele falou, aí ela disse “meu fi, eu não sei não”. - Aí eu perguntei a ela ‘Tia Maria não sabe de nenhum verso?’. Aí a tia Luiza me deu o Santo, mas mode nós pagar uma promessa que a Francisca do Dão; a mulher do Dão fez, a

tia Luiza fez por ela, e ela vai pagar com duas jornadas, e nós tem que aprender pra tirar. Ela disse “Eu não sei não. Se o Domingos não souber. O Antônio tu não dançou mais o Mauro, tu não sabe não?”. - Sei não tinha, eu era muito novo, não guardei nada na minha mente. Mais só que eu tava com dois papel na carteira, no bolso. Aí porque ninguém antes deve abrir a porta, antes de saber se tem um vento bom. Ninguém pra todo mundo assim de imediato, sem saber nem pra que e nem pra quem não. Aí eu disse ‘sei não, tia, e agora’. Edmar tu não se lembra não, e ele disse não. Só o Domingos, vamos lá para Domingos. Abarcamo para o Domingos, aí ele disse “rapaz olha que visita boa e tal”. Aí o Júnior foi, e eu disse ‘Tio Domingos trouxe esse homem aqui mode conversar com você a respeito da dança de são gonçalo, que ele quer, nós que, ele quer resgatar a dança de são gonçalo mais eu. Ele quer uma pessoa que tire mais ele’. Aí ele disse “Tirar eu tiro, se ele tiver paciência de me ensinar, eu tiro. - Aí eu digo ‘não é isso aí que eu quero, da tiração eu sei de todas as passagens, tá tudo gravado na minha mente’. Só tá faltando um livro, do bendito, do versos dele da entrada e da saída. Ele disse: “eu não sei não”. Perguntei se não tinha ninguém saiba não e ele disse “não, não tem ninguém”. E agora? - ‘Domingos e se algum de nós já chegasse lá num canto e tivesse alguém cantando, os versos tu recordava se aqueles fosse exato?’. Aí ele disse “Eu podia até me recordar”. Aí eu só fiz me levantar aqui, peguei a carteira, peguei o papel: Júnior olha esse papel aqui. E dei outro papel à irmã Odila. Ficou besta quando eu entreguei esse papel. Eu digo ‘tu presta atenção aí que eu vou cantar; tinha um coqueiro assim na casa dele como daqui aquele pé de pau acolá; vou sem papel e sem nada. Júnior e irmã Odila olhe aí se eu vem cantando reto, se eu não tiver cantando correto, quando eu chegar aqui vocês me dizem. Eu venho cantando de lá da entrada até aqui, quando chegar aqui, que eu tenho por direito a cantar o resto aqui pra começar as primeiras jornadas’. Aí eu fiquei, fui lá para o pé de pau e vim de lá pra cá. Eu vinha de lá pra cá como quem vinha com um cordão de gente. Eu sou o tirador? Vem com o cordão, vem com o pessoal assim me acompanhando. Acompanhando o Santo. Mas só que eu vem sozinho. E de lá pra cá, juro a fé de Deus como abri a boca, só Deus e são Gonçalo poderia estar comigo, cantei do primeiro verso até os doze. Tem um verso que tá enganchado e eu não sei onde é que tá, mais um dia eu vou achar ele. Aí cantei os 12 versos até terminar, aí eu disse ‘é assim Domingos?’. - “Rapaz tu sabe disso aí?”. - O Júnior pegou quase me quebra com a irmã dele. Todo mundo aquela alegria. Ele disse “Seu Antônio e agora? A gente pode formar, marcar um encontro para um ensaio?”. - ‘Tem que ensaiar? Porque de primeiro não tinha ensaio’. Mas agora tem que ensaiar porque tem gente que não sabe. Os mais velhos que já dançaram não sabem mais como é. Mas eu me garanto. Marcou logo um dia. Voltemo, quando eu cheguei lá que eu disse pra tia Maria, tia Maria chorou logo. Aí disse “Meu fi, meu Deus. Quando você saiu eu vi que você sabia”. - ‘Mais tia Maria da enganchado o verso; quero que a senhora passe pra mim’. - “Não sei não. Me alembro mais não”. Velinha e meia doente. Eu digo ‘Tia Maria tem uma promessa pra nós pagar aqui. Nós vamos fazer 4 ensaio, e quando nós executar esse pessoal aqui pra ninguém errar’; porque ensaio e apresentação é uma coisa, e promessa é outra pra fazer. Tem que fazer sério, sem errar. Aí eu digo nós vamos pagar a promessa e eu quero que a senhora esteja lá. - “Meu filho, eu não boto a viagem não”. - Nós vem lhe buscar. Quando nós aprontar lá, eu venho buscar a senhora, pra senhora sentar encostado da mulher que vai pagar a promessa. A senhora presta atenção se é daquele jeito, se não for, quando terminar a tia Maria pode dizer que não é daquele jeito. Essa é a primeira promessa que eu vou pagar depois que meu mestre, meu parceiro forte, meu guerreiro, foi com Deus. - "Tá Certo meu filho. Venha, pode ser que eu possa ir”. - A senhora vai ficar boa. Tenha fé em Deus, tenha fé em São Gonçalo. Se não tiver fé em nenhum desses, tenha fé em mim que eu tenho fé em Deus e em São Gonçalo. Se a senhora tá boa pra ir assistir do início ao fim. Mas eu não disse a ela que ela ia me ajudar a cantar na segunda jornada. Como ela ajudou. Então nós fomo e marquemo, o primeiro ensaio foi na casa do Júnior, o segundo na casa do Júnior, o terceiro na casa da Dorra, quarto na Dorra. Sim, aí chegou no outro dia, saímos no mundo convocando esse povo que já tinham dançado,

atrás desse povo. Era o compadre Jorge Neto (**incompreensível**) para um lado pra Baixo das Carnaubas e eu nos Matões. Até que fizemos um pequeno cordão, aí indo e foi indo, até que hoje tá 16 e não sei quantos par. Muita gente. Aí então, fiquemo, aí ele disse “Seu Antônio quem diria que o senhor fazia isso aí”. Aí ele foi e falou “Tem que marcar a promessa, pra pagar a promessa. Marcar com a irmã Odila e a irmã Isadora”. Fomos pagar a promessa com 4 ensaios. Domingos, tu se garante não vai dizer que eu tava mandando tu fazer nada não. Aí nós fomo, fomo buscar, quando ajeitemo lá, aí eu digo ‘tudo pronto?’. Dão com sino. ‘Pronto mestre Dão, nós podemos começar?’. Os tocador já tavam lá. tava no ponto. Quando eu der com a mão, pode parar. Aí quando eu fizer assim, aí pode continuar. Então, aí quando nós tava tudo pronto, eu digo ‘vocês ficam aí, que eu, nós vamos buscar a tia Maria, eu e Júnior’. Foi eu e o Júnior, o compadre Roginer foi também, o Domingos, nós quatro. Bora tia Maria, e o filho dela tava esperando: “Nós já tava esperando aqui, a mãe já ta arrumada”. Aí eu digo ‘São Gonçalo é bom. É preciso do carro, tia?’. - “Não, eu vou de pés mesmo, devagarinho”. Era uma distância mais ou menos assim como daqui na casa do Júnior, aí então nós fomos chegemo lá. Mestre Dão eu quero uma cadeira para a tia Maria. Essa cadeira aqui é pra dona Francisca e essa daqui é dela. Aí eu digo ‘Você fique aqui pra receber unção. Nós vamos fazer como manda o figurino. Tia preste atenção, tá faltando um verso que tá enganchado não sei a onde, e é bem facinho. Tem os pés mas não tem os finais. Tem o começo mais não tem os finais. Preste atenção pra vê se chega na memória da senhora. Vê se é assim como a senhora era nova. Que a gente fazia aí’. Saímos eu; nesse tempo não tinha nem uma menina que saísse na frente. Aí nós fomos eu, o Júnior, parece que a Cleovania. E outras pessoas que dançavam de lá pra cá, daqui como naquela casa acolá, e aí vinha de lá pra cá cantando.

Sim, aí mandei; mode eu voltar lá para os finais lá, dos papéis. To tomando o tempo de vocês, vocês já tão com sono. Esperando que chegue às muriçocas. Aí então a irmã Odila disse “Seu Antônio é muito engraçado. Vou levar uma folha dessa daqui, vou levar pra passar na máquina”. Só que tá faltando um verso. Não minto pra senhora. Tem no começo, eu sei do começo, mas não me lembro do final. “Quando for no dia seguinte, eu trago essa folha pra cada uma pessoa”. - É bom mode eles cantarem. Eu na frente, os mestres cantando, e eles cantando, decorando. Aí então, levemo a velha. Aí cantemo os versos todinho. Ela tava sentada lá, cantemos os versos todinho. E ela olhando. Comecei a dança, a tirar. E quando terminou, quando foi nos finais, que mandei parar. Parou. Quando eu fui chegando encostado dela, ela se levantou chorando. Eu digo “Tia Maria o que é que a senhora diz?”. - “Meu filho de Deus, eu vi o compadre Mauro em você. Meu fi era desse jeito aí sem faltar nada. E eu me alembrei como é o outro verso e vou cantar mais você no começo da outra jornada. Posso?”. - O minha filha de Deus, pode. Aí eu fui falei pra irmã Odila, maior que esse aqui nós faz outra folha com repeteco. Aí ela fez outra folha com repeteco. Aí nós vem vindo de lá pra cá, tirando de jornadas e mais jornadas, dançando, fazendo apresentação. Aí veio ao conhecimento das autoridades competentes do SESC. Até que foi ao conhecimento do chefe de lá com a Dorra. Aí puxaram nós até lá. Aí nesse tempo eu já tava cansado, não tava dançando mais. Aí o sanfoneiro também abusou de tocar. Porque era só um baião só, que era só uma música só. Puxemo pra outro caba daqui do Cipó, mais era preciso pago, ir buscar e vir deixar, e pagar. Eu digo que tal a gente formar, aí eu fui assim meio gaiato, eu já não posso mais dançar, aí eu digo ‘Júnior vou te ensinar a tirar e depois vou passar pra outra pessoa, pra você aprender com outra pessoa. Você tirar e eu vou tocar a música no Vialei’. Eu tinha um vialezinho desses tamanho, quem tem esse vialei ainda hoje é o Cairo, que eu dei pra ele. Aí ele disse “Seu Antônio se garante?”. - ‘Eu não sei, vou tentar’. Vamos ver se vocês aprendem a tirar. Passei pro Júnior, tiremo ligeirinho demais. Aí o Domingos também adoeceu, aí eu digo ‘pois então agora você tome de conta’. Passei para o Aristides, Aristides vou lhe ensinar, ensinei Aristides. Aí ensinei a esses dois mestres pra tirar no meu lugar e de Domingos. Aí eu pasei a tocar no vialeiro. Aí quando foi o Júnior disse; eu

toquei um ensaio no vialeiro. Aí o Dorra danada disse que a gente tinha que arrumar uma gaita grande, que chama de gaita, porque esse daí era muito pequeno. Vamos arrecadar dinheiro da dança de são gonçalo, do grupo pra comprar a gaita. Arrumou foi esse Aristides e não sei mais quem. O segundo foi eu e o Aristides, primeiro foi o Aristides com outra pessoa, não sei se foi mais o Júnior. Foi um deles lá. Aí foi chegou o recado pra mim, que essa gaita tava na Dorra. Aí eu peguei a gaita, fiz uma zuada. É assim, então pronto. Aí fique tocando na gaita pra negada dançar, e o Júnior mais o Aristides dançando. Aí foi aos ouvidos do Paulão lá do SESC. Aí o conhecimento dele com a Dorra, aí ele pediu pra mode ver esse; aí ela falou na cultura tradicional da dança de são gonçalo. Ele disse que vinha um dia pra ver como era, pra puxar, antes do tempo da festa pra fazer uma apresentação lá. Só foi e falou pra mim, aí fomos. Eu digo mode eu tocar, eu toquei a música pra eles lá, eu toquei. Diz ele que ficou encantado. Primeiro eu toquei a música de são gonçalo e depois toquei uns forrós na gaiata. Aí ele disse: “Seu Antônio, pelo o amor de Deus, eu nunca tinha, aqui no Ceará eu ainda não tinha visto um tocar no vialeiro, aqui chama de gaiata, desse jeito aqui. A gaita nessa bandas tem, mas só pra dizer que tem. Não tocam como você tá tocando. Só vi no Sul. Em Pernambuco eu vi, e agora”. Eles aqui só tocam por arranjo, fazem aquele arranjo e pronto. - “Pois o senhor vai tocar lá”. - Mais minha filha de Deus, eu fui. Foi bom. Acho que o pessoal gostou. Aí eu fiquei, aí eu digo rapaz, a dança de são gonçalo foi difícil pra nós resgatar. Vamos trabalhar pra nós arranjar um fole. Pra nós levantar, segurar essa bandeira de pé. Como é uma bandeira que é muito valiosa pra nós, como a dança de são gonçalo. Que através da dança de são gonçalo, nós somos um pessoal protegido de muito grandes. Que através da dança de são gonçalo nós fizemos; eu não fiz nada, mais ajudei através da Neide, da boa vontade, das apresentação, uma casa de apoio lá. Primeiro, nessa época, 20 mil reais era dinheiro. O prêmio foi de 20 mil reais para quem tirasse o primeiro lugar. E a dança de são gonçalo tirou em primeiro lugar. A nossa. Aí foi quando. Isso. Aí foi comprado instrumento. Foi comprado material e aí fizeram a casa de apoio lá. Então, aí quando nós fomos lá para o SESC. Antes pra começar enquanto o povo se arruma, eu vou tocar um forró aqui. Um bando de idoso lá né. E eu tocando forró lá e esses velhos gritavam. Esse povo gritava e aquele negócio todo. Aí quando terminou, aí o Paulão - “Seu Antônio toca uns forró aí” - Aí eu fiquei lá, quando eu saí os velhos só faltava de rasgar.

Então é esse tipo de coisa, aí eu fiquei, aí eu parei de tirar a dança de são gonçalo. Com um certo tempo, o Júnior teve uma promessa pra pagar. Não, minto. Uma apresentação pra fazer do são gonçalo e não tinha quem fosse fazer essa apresentação. Foi e pediu pra mim ir fazer essa apresentação, que ele tava estudando e não podia ir. Perguntou se eu queria ir e podia ir mais o Aristides. E eu digo ‘Vou meu filho, você me puxa pra onde você quiser’. Aí nós fomos, tiramos lá no meio do calçamento. Aí quando terminamos lá o prefeito chegou mais o braço direito dele lá, chegou e disse: “O vei bom, me diga quando anos você tem?”. Nessa época eu tinha 69 pra 70 anos já. - ‘Vou fazer 70 anos’. Ele se abraçou-se comigo e disse “Rapaz, eu quero é chegar com 70 anos com essa energia dessa daí. Era muito importante. Sapatear num calçamento desse aí. O que você fez aí. Só você fez aí por todo mundo”. Então foi isso, aí depois teve uma promessa pra pagarem do Cairo. O Júnior pagar. Aí o Aristides não podia ir, eu substituí o lugar do Aristides. E assim to aqui, aonde eles tão, eles me consideram como mestre. Todos me consideram como mestre da dança de são gonçalo, e eu me sinto honrado por isso aí. Feliz e pedindo a benção de Deus e São Gonçalo. E nosso pai Tupã que abençoe toda a população lá todinho.

E todo mundo lá da comunidade. E principalmente esses mestres que eu escolhi pra tomar de conta dessa bandeira. E eu tô pra ajudar eles em qualquer momento que eles precisarem. Vamos fazer uma apresentação agora no dia 04 de setembro, nós tem uma promessa a pagar na casa da comadre Marieta. E essa promessa era mode eu ir tocar na gaita.

Mas ela achou que é muito cansado pra mim, aí queria que eu fosse ao menos pra dançar. Aí eu digo 'Não aguento mais dançar não'. Eu não vou dizer que vou. - "Pois bora fazer o arco de São Gonçalo". - Vou. Ajeitar lá e fazer presença. Não sei se eu vou dançar. Só sei que se Deus quiser e São Gonçalo, eu vou fazer o arco com muito carinho. E vem uma pessoal que nunca viram lá de Fortaleza, e eu vou passar pra eles como é o sistema de ouvir e prestigiar aquela festa.